

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

JULIANA BOLDRINE ABRITA

**“O FUTURO DO SEU FILHO VOCÊ CONSTRÓI
AGORA!”: UMA ANÁLISE DA CONSTITUIÇÃO DA
INFÂNCIA DE SUCESSO**

CAMPO GRANDE – MS

2015

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA

JULIANA BOLDRINE ABRITA

**“O FUTURO DO SEU FILHO VOCÊ CONSTRÓI
AGORA!”: UMA ANÁLISE DA CONSTITUIÇÃO DA
INFÂNCIA DE SUCESSO**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação – Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Profª. Drª. Anita Guazzelli Bernardes.

CAMPO GRANDE – MS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

A163f Abrita, Juliana Boldrine

“O futuro do seu filho você constrói agora!”: uma análise da
constituição da infância de sucesso / Juliana Boldrine Abrita; orientação
Anita Guazzelli Bernardes. -- 2015.

121 f.

Dissertação (mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2015.

1. Crianças – Controle social 2. Crianças – Aspectos sociais
3. Empreendedorismo I. Bernardes, Anita Guazzelli II. Título

CDD – 305.231

A dissertação apresentada por **Juliana Boldrine Abrita**, intitulada “**O futuro do seu filho você constrói agora!**”: uma análise da constituição da infância de sucesso, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Anita Guazzelli Bernardes – UCDB (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Gilead Marchezi Tavares - UFES

Prof^a. Dr^a. Andrea Cristina Coelho Scisleski - UCDB

Prof. Dr. André Barciela Veras - UCDB

Campo Grande – MS, ____ de _____ de 2015.

*Dedico este trabalho a minha família,
Meu porto seguro: Julio, Nailce,
João Pedro, Victor, Mateus e Ana Paula*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Maria Santíssima pela força, proteção e por todas as graças recebidas durante este período do mestrado.

A minha família pelo amor e por todo apoio que sempre recebi, especialmente, ao meu irmão Mateus por esclarecer pacientemente as dúvidas na área de economia.

Ao meu querido namorado Victor, pelo amor e paciência principalmente nos momentos de preocupação com o desenvolvimento da pesquisa e ainda pelas valiosas ajudas na área de informática.

Aos amigos da Associação Paulo Apóstolo, por compreenderem minha ausência durante os anos do mestrado, especialmente as queridas amigas Patrícia Pilan e Eunice Araújo, que tanto me ajudaram nos momentos mais difíceis. Agradeço imensamente aqueles que, com tanto amor e carinho, me encantam com este maravilhoso universo da criança, meus amiguinhos: Ana Beatriz (5 anos), Giovanna (2 anos), Maria Vitória (9 anos), João Gabriel (9 anos) e Wanessa (8 anos).

Agradeço imensamente a professora Anita Guazzelli Bernardes, pelas orientações e pela delicadeza e paciência que teve em todos os momentos, desde o inicio dos estudos no universo foucaultiano até o desenvolvimento da pesquisa.

Aos queridos pacientes, que contribuem com meu processo de reflexão, principalmente sobre o foco desta pesquisa, que é o sofrimento causado por viver em uma sociedade de controle que exige cada vez mais de todos.

Ao Dr. Edson Tarifa e Tânia Barbosa, por contribuírem com meu amadurecimento pessoal e profissional nos últimos anos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa.

Aos colegas do Laboratório de Psicologia da Saúde, Política da Cognição e da Subjetividade, pelas ricas discussões que tornaram mais fácil o caminho de aprendizado do pensamento foucaultiano. Agradeço especialmente a Camilla Marques, Carla Concentino e Claudia Dourado, por tantas contribuições à pesquisa e pela amizade.

Aos membros da banca, Prof^a. Dr^a. Gilead Marchezi Tavares, Prof. Dr. André Barciela Veras e Prof^a. Dr^a. Andrea Cristina Coelho Scisleski, que tanto contribuiu com a pesquisa, não só na banca, mas desde as primeiras reflexões.

VERBO SER

*Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer?
Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repto: ser, ser, ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

ABRITA, J. B. “O futuro do seu filho você constrói agora!”: uma análise da constituição da infância de sucesso. 121f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2015.

Esta pesquisa tem o objetivo de problematizar a infância como uma fase da vida que precisa de investimento para que a criança se torne um adulto de sucesso. A partir do método cartográfico e genealógico, utilizando as ferramentas conceituais propostas por Michel Foucault como o conceito de foco de experiência, que compreende as relações de poder, regimes de verdade e produção de subjetividades, colocamos em análises teorias desenvolvimentistas e psicológicas além de discursos de venda e publicidade de tecnologias de investimento na criança, tais como *folder*, *outdoor*, panfletos e outros meios de divulgações, que são documentos de domínio público, para pensar de que modo se constitui esta modalidade de experiência da infância como uma preparação para o sucesso. Utilizamos ainda este material para pensar de que modo tais tecnologias produzem subjetividades e formas de condução da conduta. Com as linhas cartográficas que seguimos, foi possível pensar a infância a partir de estratégias de governamentalidades, em que o neoliberalismo capitalista e a sociedade de controle incitam práticas de investimento para o sucesso de modo que o sujeito desta sociedade está sempre em dívida e tem a necessidade de estar em permanente formação, pois nunca é o suficiente a quantidade de conhecimento, o salário, a capacitação. As linhas que seguimos possibilitaram cartografar também as teorias que produzem o conhecimento sobre a vida humana, classificando-a em etapas e descrevendo minuciosamente o que deve acontecer em cada idade, produzindo também práticas de correção daquilo que escapa ao esperado, e o modo como o sujeito se relaciona consigo para corresponder a este regime de verdade. Com a pesquisa, observamos que o anormal hoje não é apenas o sujeito que destoa do que se espera para cada etapa, mas o sujeito que não investe em si para o sucesso.

Palavras-chave: Infância; sociedade de controle; anormal; empreendedorismo.

ABSTRACT

ABRITA, J. B. “**You make up your child’s future now!”: a study of the successful childhood.** 121f. Thesis (Master Degree) – Dom Bosco Catholic University, Campo Grande, 2015.

This research aims to problematize childhood as a life stage requiring investments for children to become successful adults. With the adoption of the cartographic and genealogical method and the use of conceptual tools proposed by Michel Foucault, such as the concept of focus of experience, which comprehends power relations, regimes of truth and production of subjectivities, we have analyzed developmental and psychological theories, besides selling and advertising discourses of technologies of investment in children, such as folders, billboards, handouts and other means of publicization, which are documents of public domain, in order to think about how this kind of childhood experience has been constituted as preparation for success. We have also used this material to think about how such technologies produce subjectivities and ways of conducting conducts. Through the cartographic lines that we have followed, it has been possible to think about childhood considering strategies of governmentalities through which capitalist neoliberalism and the society of control incite practices of investment in success so that the subjects of this society are always in debt and need to be in a situation of permanent education, since knowledge, salaries and competence are never enough. The lines we have followed have also enabled us to perceive the theories that produce knowledge about human life by classifying it in stages and thoroughly describing what is supposed to happen in each age also producing practices of correction of what escapes from the expected and the way the subjects relate with themselves to correspond to this regime of truth. With the research, we have observed that the abnormal today are not just the subjects that clash with what is expected from each stage, but the ones that do not invest in themselves to accomplish success.

Keywords: childhood; society of control; abnormal; entrepreneurship.

SUMÁRIO

1 A INFÂNCIA DE SUCESSO COMO OBJETO DE PESQUISA	10
2 CAMINHOS TEÓRICOS DA INVESTIGAÇÃO: DELINEANDO UM CAMPO EPISTEMOLÓGICO PARA PENSAR A INFÂNCIA	15
2.1 Ferramentas conceituais	18
2.2 Cartografia genealógica	21
2.3 Criança e infância: algumas aproximações.....	23
2.4 Campos de Análise	28
3 TEORIA DO CAPITAL HUMANO: POSSIBILIDADE PARA O SUJEITO EMPREENDEDOR DE SI	29
3.1 Da fábrica à empresa: formação continuada e a lógica do controle.....	47
3.2 Tecnologias de poder e verdade: produção de excelência como estratégia de governamentalidade	53
4 INVESTIMENTOS PARA A EXCELÊNCIA E AS PRÁTICAS "PSI"	61
4.1 Estágios de desenvolvimento e a formação da infância	77
4.2 Família: os pais e o meio ambiente como estratégia de produção da excelência	92
4.3 O brincar direcionado para o desenvolvimento	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117

1 A INFÂNCIA DE SUCESSO COMO OBJETO DE PESQUISA

A large advertisement for a preschool. At the top, three young girls in white uniforms with red and blue stripes are smiling. A red banner across them reads "Quer Ser Feliz? Venha Ser Mon Petit!". Below the girls, the text "1 ano" is on the left, followed by a colorful puzzle piece graphic. To the right of the puzzle piece, the word "Escola" is written above "Mon Petit". Below "Mon Petit" is the text "Ensino Infantil". In the center, the text reads "Bercário, Maternal I, II, III e Pré-escolar de 4 meses à 5 anos". To the left of this central text are three colored boxes: orange for "Segurança", pink for "Conforto", and blue for "Tranquilidade". On the right side, there are four small photographs showing children playing and learning. At the bottom right, the phone number "3213-1504 / 9167-9602" is displayed prominently.

Mon Petit

Ensino Infantil

Bercário, Maternal I, II, III e Pré-escolar
de 4 meses à 5 anos

Segurança Conforto Tranquilidade

1 ano

“Espaço para Brincar, Aprender e Ser Feliz”

Mais Informações:

Rua Mortelândia, 806 - Campo Grande, MS
(entre a Av. Mato Grosso e Antônio Maria Coelho)

www.escolamonitorpetit.com.br

3213-1504 / 9167-9602

Neste primeiro tópico da dissertação, apresento um pouco da trajetória que me levou a pensar sobre a infância super investida. Depois de desconstruir o pré-projeto que possibilitou entrar no programa de mestrado logo nas primeiras aulas, me abri para experimentar outras possibilidades de pesquisa. O interesse pela infância de sucesso começou com um *folder* do kumon (Cf. Fig 24, p. 74), que chegou à caixa de correio logo nas primeiras semanas do mestrado e trazia uma infinidade de habilidades coladas a um Futuro promissor e feliz! E começaram os questionamentos: o que é um futuro promissor e feliz? Como fazer kumon produz aprendizagem contínua, concentração, autoconfiança, independência, raciocínio lógico e postura ativa que resultam em um futuro feliz? O que faz com que estas habilidades se transformem em futuro promissor e feliz? Na imagem que apresentamos na abertura deste tópico, a escola constitui um espaço para brincar, aprender e ser feliz, com segurança, conforto e tranquilidade. Mas o que possibilita associar aprendizado a felicidade? E de que forma a escola deixa de ser um lugar apenas de aprender e se torna o lugar de quem quer ser feliz?

Na prática profissional como psicóloga clínica, comecei a me inquietar também com as demandas por tratamento para crianças, que estavam relacionadas às preocupações com o futuro. Estas interrogações começaram a aproximar-se de questões epistemológicas, do campo pós-estruturalista, que foram me conduzindo para problematizar as tecnologias de investimento na criança para produzir o adulto de sucesso.

Após este primeiro *folder*, comecei a me dar conta da quantidade de imagens e enunciados que compõem as ruas da cidade com apelos para se investir na infância. Interessante que, em mais ou menos dois anos de reflexão sobre esta temática, tive a oportunidade de passar por outras cidades do Brasil e me deparei com a mesma situação. São *outdoors*, fachadas, muros, cartazes, panfletos, até prédios inteiros com faixas imensas divulgando a necessidade de investir em formação e responsabilizando os pais pelo futuro dos filhos. Tratava-se de uma "tagarelice" sobre os modos de ser e de investir na infância.

O campo social desta pesquisa comprehende a infância a partir dos discursos de investimento para a excelência, da lógica de que o que acontece na infância se torna causa do que a pessoa será quando for adulta (HALL; LINDZEY, 1984; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Coloquei em questão teorias modernas de desenvolvimento humano e da personalidade, que trazem explicações para “adultos-problemas” partindo de acontecimentos da infância. Despertando-me o interesse em pensar o que possibilitou o aparecimento de

tecnologias cada vez mais sofisticadas de investimento na infância que objetivam assegurar o desenvolvimento infantil saudável.

A pesquisa toma a infância como objeto a partir do momento que é pensada como um futuro adulto que precisa corresponder ao meio social que exige que trabalhe, se sustente, cuide de si, enfim, que seja feliz, tenha sucesso e não seja problema para a sociedade. O que chamou a atenção para a pesquisa foi perceber no cotidiano, crianças com agendas lotadas de investimento, crianças competitivas, individualistas, pais preocupados com o futuro dos filhos, necessidade de ser mais inteligente, de fazer várias atividades, de tirar as notas mais altas, preocupação em se conformar à lógica do mercado de trabalho, à meritocracia, a sociedade que exige adultos produtivos, políticas de proteção, investimento e normatização da infância, de modo que a infância sempre aponta para o futuro, não é um investimento apenas na criança, mas na criança para que se torne um adulto de sucesso.

As materialidades que utilizei para análise são algumas teorias “Psi” e discursos de venda e publicidade de tecnologias de investimento na criança, que podem ser folder, *outdoor*, panfletos e outros meios de divulgações, que são considerados documentos de domínio público, para pensar de que modo estas tecnologias produzem subjetividades e modos de conduzir a vida.

Os documentos de domínio público para Spink (2004, p. 136) “são produtos sociais tornados públicos. Eticamente estão abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização”. Estes documentos podem se apresentar de diversas formas, como por exemplo, jornais, revistas, materiais de propaganda e divulgação, manuais de instrução, e outros.

Estas tecnologias de investimentos na infância para um futuro adulto feliz constituem tecnologias de poder-saber; ou seja, esses documentos não são apenas uma forma de representação da realidade, são considerados como aquilo que produz domínios de realidade. Esses domínios de realidade são as formas mediante as quais esses materiais investem numa infância e constituem uma modalidade de infância que produz as formas como as pessoas se pensam, como elas cuidam das crianças, como as crianças se pensam, como se relacionam pais e crianças, compõe o campo das práticas dos serviços que atendem crianças, enfim estas tecnologias de poder-saber produzem subjetividades.

Estive atenta neste período, fotografando, sempre que possível, as publicidades que faziam refletir sobre a temática pesquisada. A cada figura um processo reflexivo e uma linha deste tecido era seguida para compor este emaranhado de fios que constitui a infância de sucesso que apresento nesta pesquisa. Deste modo, estes elementos que passam a compor o

que se entende por um campo social, encontram-se com uma reflexão epistemológica sobre como nos tornamos o que somos a partir de um campo de possibilidades datadas e localizadas de uma ontologia do presente (KASTRUP, 2007). Isto significa que esta pesquisa não se orientou para definir o que é a infância e sim as condições de possibilidade que constituem uma infância no presente, portanto, diferentes materialidades são cotejadas para esta compreensão, na medida em que estas compõem o campo social no qual a pesquisa se desenvolve: as diversas formas de investimento na infância, ou seja, através de materiais midiáticos ou das próprias teorias psicológicas.

A partir da objetivação da infância, dos discursos de investimento para o sucesso, emerge o problema desta pesquisa que é pensar de que modo se constitui esta modalidade de experiência da infância como uma preparação para o sucesso.

Apresento no próximo capítulo, o campo epistemológico do qual partimos, com as ferramentas conceituais, o método cartográfico genealógico de pesquisa e uma aproximação entre criança e infância a partir das condições de possibilidades para a invenção da infância, que surge justamente como uma estratégia de governamentalidade.

Organizei a análise das materialidades encontradas em dois momentos: o primeiro traz a análise da infância de sucesso como estratégia de governamentalidade, como uma possibilidade que se constitui a partir do neoliberalismo, numa sociedade de controle que exige sempre mais e mais qualificação, e a partir da teoria do capital humano (FOUCAULT, 2008a), em que é necessário produzir sujeitos com capital humano elevado para que seja empreendedor de si e produtivo para a sociedade. Embora não esteja descolado das estratégias de governamentalidade, mas por motivo didático, apresento no segundo momento, algumas teorias de desenvolvimento e de personalidade que classificam a vida humana em etapas e descrevem detalhadamente o que deve acontecer em cada momento da vida, marcando deste modo o que é normal e o que é anormal, de modo que o anormal deve ser submetido às tecnologias de normalização. Deste modo, este jogo que compõe a infância produz o sujeito que não investe em si como anormal e dá condições de possibilidades para esta infinidade de tecnologias de investimento para o futuro.

**2 CAMINHOS TEÓRICOS DA INVESTIGAÇÃO: DELINEANDO UM CAMPO
EPISTEMOLÓGICO PARA PENSAR A INFÂNCIA**

The image is a vertical promotional banner for Vithal Academia. The background is a photograph of a woman in a blue leotard performing a sit-up. Overlaid on the image is text in Portuguese. At the top left, a yellow box contains the text "Bem-estar" and "PARA MAMÃES". To the right of this, large text reads "PLANOS PARA GESTANTES" and "15% DESCONTO". Below this, a red box contains the text "VENHA INICIAR" and "com o método campeão". In the top right corner is the "Vithal" logo with the text "www.vithal.com.br", "RUA ARTHUR JONSE, 700", and "67 3382-0223". In the bottom right corner is a Facebook icon followed by the text "VithalAcademia".

Para pensar a infância neste contexto de um tempo de preparação para o sucesso, trabalhei a partir da perspectiva pós-estruturalista. A partir deste campo epistemológico, utilizei o autor Michel Foucault que ajuda a pensar a partir da uma ontologia do presente, ou seja, como nos tornamos o que somos, como algo se torna objeto ou problema, e não encontrar uma essência. Assim é possível pensar sobre um objeto sem o interesse de conceituar, definir ou enquadrá-lo em categorias preexistentes, mas problematizar, pensando a partir das práticas e regimes de verdade que possibilitaram, neste caso, que a infância se tornasse problema.

Acreditando não ser possível definir e/ou mensurar tudo, pois constantemente surgem novos aspectos, novas formas de se relacionar com o mundo e com o outro, enfim, diversas situações não classificáveis, o pós-estruturalismo pensa a partir da diferença, não com a intenção de torná-la igual, mas refletindo sobre sua condição de possibilidade. Interessa pensar a infância a partir de uma condição de diferença, sem a ideia de estrutura, ou algo que chegue a um denominador comum, uma condição igual para todos, o que se tem são forças, não uma essência. Não posso falar de uma infância, mas uma multiplicidade de experiências de infância, que constituem diferentes modos de subjetivação (KASTRUP, 2007).

Peters (2000, p.29) discorre sobre o pós-estruturalismo e o trata como “[...] um *movimento de pensamento* – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes”. Concordo com o autor, pois não há como delimitar ou separar a infância, pois possui uma borrada zona de avizinhamento com outros campos, como por exemplo, o neoliberalismo, a família, a educação, o consumismo, mercado de trabalho, a psicologia, entre outros.

A pesquisa constitui-se nesta perspectiva em que não separa sujeito e objeto para analisar como sujeito altera objeto e objeto altera o sujeito, mas trabalha a partir da ideia de que ambos se constituem não sendo possível uma separação, ou relacionar aspectos que interferem um ao outro, pois ao mesmo tempo em que o sujeito constitui o objeto, é por ele constituído (PETERS, 2000).

Trago para reflexão, teorias psicológicas que buscam definir a infância em etapas de desenvolvimento, em comportamentos que são esperados para cada idade, que presumem a presença de um ou outro genitor para estruturação da personalidade ou de instâncias psíquicas(PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006; FREUD, 1923; CLONINGER,1999). Não pretendo me posicionar contra ou a favor de tais teorias, mas refletir sobre as condições de

possibilidades e a forma como produzem formas de conduzir a vida e práticas sobre a infância, para tanto utilizo algumas ferramentas conceituais descritas a seguir.

2.1 Ferramentas conceituais

A partir deste campo epistemológico, apresento algumas ferramentas conceituais que são os elementos mediante os quais se torna possível problematizar a infância. Utilizo o conceito de poder proposto por Michel Foucault. Para o autor, poder não é considerado como vindo de um “superior”, em direção àquele que é mais frágil, não tem a ver com repressão, lei ou forma de dominação ou sujeição de indivíduos. O poder é capilar, não vem mais do soberano que tem o poder sobre as pessoas, o poder também vem de baixo para cima. “O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p.103).

O poder é uma forma de negociação que acontece nas mais diversas formas de relações, é um jogo de forças, em que uma ação provoca outras ações possíveis. Poder se exerce e existe em ato, não é algo que se tem ou se dá (FOUCAULT, 1999). Para o autor, as relações de poder acontecem entre homens livres, capazes de resistir, argumentar e negociar. O poder é produtivo, visto que produz, amplia e cria novas formas de pensar, produz subjetividades, abre para o inédito, para o novo (DÍAZ, 2012).

É importante refletir sobre as relações de poder entre, por exemplo, o que as áreas psi dizem sobre a infância, as práticas que incitam para um desenvolvimento saudável da criança, a forma como os pais conduzem os filhos a partir destes regimes de verdades e a própria forma como a criança se conduz, este jogo produz uma multiplicidade de possibilidades e modalidades de experiência de infância que compõe relações de poder.

Trabalharemos também com o conceito foucaultiano de regimes de verdade que são os discursos e explicações tidas como verdade, que circulam no cotidiano e por meio dos jogos de poder produzem subjetividades e possibilitam determinadas práticas. Os regimes de verdade não possuem uma origem, compreendem os discursos que circulam tanto no ambiente acadêmico quanto no cotidiano por meio do saber popular e são produtivos. Assim, a forma como os sujeitos negociam com estas verdades produzem a forma como se relacionam consigo, com o outro e como conduzem a vida. Importante considerar também que o saber científico e o saber popular também se constituem numa relação de poder.

Assim, esta pesquisa almejou pensar que regimes de verdade e relações de poder possibilitaram emergir práticas de cuidados e a constituição da infância como um tempo de investimento para o futuro.

O modo como se dá este jogo de forças constitui os processos de subjetivação, que ocorre “quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes” (DELEUZE, 1992, p.217). Assim, buscamos refletir de que modo esta constante busca pela eficiência constitui os processos de subjetivação da criança na atualidade?

A proposta não é descobrir o que é verdade ou não; o que é certo ou errado, mas colocar a verdade em análise e pensar de que modo os regimes de verdade produzem subjetividades. Assim, a pesquisa será desenvolvida problematizando os regimes de verdade e relações de poder que constituem a infância de sucesso.

Para melhor situar a pesquisa, apresento uma breve reflexão sobre a forma de entender a produção de verdade, a linguagem e o sujeito deste campo epistemológico.

No pós-estruturalismo foucaultiano, a produção de verdade se dá através das práticas, não existe uma verdade universal, existem condições de possibilidade para que se enuncie algo como verdade. Desta forma busco refletir sobre as verdades que dão condições de possibilidades para a infância surgir como um momento da vida que precisa de investimento.

Nesta perspectiva, a linguagem se apresenta para o sujeito a medida que o constitui, ela não está dentro do sujeito, ela se torna possível, por meio de práticas e não de representação. Para Tedesco (2008, p. 31), “[...] A linguagem é entendida como um acontecimento ao mesmo tempo coletivo, singular e impessoal, responsável pelas constantes transformações sofridas e exercidas junto ao real.” Desta forma, há condições de possibilidades históricas e coletivas para a linguagem.

A linguagem e o empírico são sempre variáveis, não servem apenas para designar o mundo ou como representação da realidade, mas tem um papel performativo no mundo, o que é produzido como signo também produz mundo e o que está no campo empírico também produz linguagem. A linguagem não é o ato de fala do humano, mas se torna algo possível para o humano pensar, é agente e efeito desse mundo, está sempre numa condição de variação. Desta forma produz subjetividades.

O sujeito, tal qual entendemos a partir de pensadores pós-estruturalistas como Foucault e outros, se constitui a partir das práticas, da forma como as relações de poder e

verdade produzem subjetividades. Para Foucault, sujeitos são históricos e localizados, não existem sujeitos universais.

[...] existe toda uma multiplicidade de sujeitos: de direito, das disciplinas, da norma, da moral, da sexualidade, sujeito produzido pelo conhecimento, porque sua problematização não aponta para uma categoria genérica, mas para sujeitos concretos regionalizados e historicamente construídos. A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro a práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si (PRADO FILHO; MARTINS, 2007, p.17).

O campo epistemológico que marca o pensamento de Foucault trabalha com a forma como as práticas constituem o sujeito por meio de jogos de poder, para tanto reflete a partir do que é dito, não da interpretação, ou o que pode estar por traz do que é dito. Não se busca o que está subentendido, mas a forma como o objeto se apresenta.

Foucault (2002) ajuda a pensar meu objeto de pesquisa, visto que não busco a compreensão do significado de se investir na infância ou saber quais as angústias dos pais que são aliviadas quando os filhos são investidos de tecnologias para a excelência. Pretendo, ao contrário, olhar para a infância tal qual ela se apresenta hoje, refletindo no que possibilitou que se tornasse esse momento da vida que precisa ser investido.

A infância como objeto desta pesquisa se insere num processo contingente. Não é esta pesquisa que inicia, menos ainda, que esgota a produção teórica sobre a infância, mas o objeto se insere num processo que está acontecendo, assim é importante pensar a infância situada num contexto nos processos que constituem diferentes formas de pensar a infância e as condições de possibilidades para se pensar a infância como tempo de investimento para a excelência. A multiplicidade que compõe esta relação de poder e a forma como o sujeito negocia com os regimes de verdade, possibilita pensar a infância como parte de um processo contingente (STENGERS, 2002).

Trabalho com o conceito de foco de experiência, proposto por Foucault (2010b, p.4), que articula três elementos: “primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis”. Esta separação em três elementos tem apenas interesse didático, visto que o foco de experiência compõe um jogo de forças que produz, no caso desta pesquisa, uma experiência da infância.

Para trazer o conceito de foco de experiência para o contexto desta dissertação, posso pensar, por exemplo, nas formas de saber, como as teorias psi que enfatizam a necessidade de cuidados com a criança, que produzem normas que conduzem a conduta dos pais e/ou educadores, e por sua vez produzem sujeitos a partir deste campo agonístico. Mas os sujeitos também produzem saber, saber produz sujeitos, condutas produzem saber, enfim não há uma regra ou linearidade, por isto é um jogo de forças, que compõe uma multiplicidade que discutiremos no próximo tópico, que apresentamos o método cartográfico que conduziu esta pesquisa.

Para compreender as condições de possibilidades da infância de sucesso a partir das relações entre poder, verdade e formas de subjetividade, me apoiei também nos conceitos foucaultianos de *homo oeconomicus*, que é o sujeito empresário de si, e na teoria do capital humano, que constitui a necessidade de investir em habilidades para produzir fluxos de renda (FOUCAULT, 2008a). Estes conceitos constituem o que Deleuze (1992) descreve como sociedade de controle, em que há a necessidade de constante formação para corresponder ao neoliberalismo. Estes conceitos serão explicados posteriormente no momento de análise das materialidades encontradas.

2.2 Cartografia genealógica

Esta pesquisa percorre um caminho de aproximação da infância utilizando como ferramentas metodológicas, a genealogia (FOUCAULT, 2012) e a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que permitem mergulhar no campo de pesquisa sem a intenção de coletar dados ou hipóteses definidas *a priori*, mas com sensibilidade para perceber as condições de possibilidades, os jogos de forças que produzem determinadas rationalidades.

O método cartográfico possibilita percorrer este caminho de reflexão sobre a infância que se apresenta hoje, não sendo o intuito trabalhar com interpretações de achados de pesquisa, mas acompanhar processos, mergulhar no campo de pesquisa, com sensibilidade para perceber o objeto, seu entorno e capilaridades, sem a preocupação de compreendê-lo ou defini-lo, mas de forma aberta para experienciar o objeto ou aspectos pesquisados (BARROS; KASTRUP, 2009).

Por se tratar do método cartográfico, a pesquisa não será segmentada em etapas como coleta de dados, análise dos dados levantados, resultados e discussão. Os objetivos são

delineados durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, no contato com o objeto (PASSOS; BARROS, 2009).

A pesquisa, como presume o método cartográfico, não busca uma profunda compreensão da infância, mas traz uma reflexão a partir da multiplicidade, das relações de poder e saber, das conexões. Deleuze e Guattari (1995) trazem o conceito de rizoma para problematizar objetos. Para os autores, diferentemente da raiz de uma árvore, o rizoma não se aprofunda de forma vertical, mas possui várias ramificações que ficam na superfície e estão de tal forma entrelaçadas que é impossível separar, é um emaranhado de conexões que não podemos compreender isoladamente. Desta forma, não é possível pensar em uma infância, mas uma infinidade de possibilidades de conexões de campos de saber e regimes de verdade, que produzem diferentes possibilidades de pensar infância.

Pensar em redes é tanto a forma de olhar para determinado objeto, quanto o método de análise do objeto. Pois começo a me sensibilizar pelo objeto e vou abrindo possibilidades sobre o mesmo, dando atenção às descontinuidades. Pensar sobre as relações de poder e verdade que constituem a infância de sucesso, faz com que o processo cartográfico da pesquisa se produza como uma genealogia, por isso, utilizo o termo cartografia-genealógica.

Diferentemente de uma pesquisa histórica, que visa descrever uma sucessão linear de fatos, a genealogia busca as descontinuidades históricas, rupturas, formas inéditas ou não, para a reflexão de situações atuais. Aqui entendo atualidade a partir da impossibilidade de separar passado e presente. Na genealogia, utilizo o passado para pensar o presente. Atualidade, portanto, não está fixada em um determinado tempo cronológico, mas em diversos tempos que possibilitam pensar questões do presente. Assim,

O atual não corresponde necessariamente ao que acontece ‘hoje’ (por isso não corresponde necessariamente ao presente), mas sim ao que acontece ou aconteceu na história, mas que não se desprende desse processo de atualização, deixando sempre uma margem de indeterminação, nebulosidade (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011, p.461).

Kastrup (2010) reflete sobre o passado a partir de uma relação virtual, pois quando falo sobre algo do passado, faço a partir do presente, assim, o passado se atualiza no presente. Por exemplo, a relação de um adulto com a sua infância é virtual, pois a percebe a partir de hoje, não é mais a mesma percepção de quando era criança. Da mesma forma, o futuro não está distante, mas no presente, pois quando eu penso e me preparam para o futuro, ele está aqui. Quando a criança precisa se preparar para o futuro, o futuro habita seu presente.

É importante refletir sobre o passado para pensar o presente, não de forma linear e cronológica, mas observando como o passado se atualiza no presente e muitas coisas do passado estão presentes no cotidiano. Assim, esta pesquisa não traz a história da criança de forma linear, mas propõe pensar como as práticas do passado são operacionalizadas e aclimatadas no presente, compondo novas modalidades de experiência a partir dos jogos e tensões das relações de poder e verdade.

Conforme Zambenedetti e Silva (2011), a genealogia se ocupa das linhas de forças e condições de possibilidades para constituir o objeto de pesquisa. Para tanto, é necessário se desprender de conceitos universais para tirá-lo de um campo de evidência e analisar dentro de um processo descontínuo que provoca mudanças nos saberes e práticas.

Deste modo, não pretendo buscar uma data histórica em que surgiu a infância, a criança ou as tecnologias de investimento para um adulto de sucesso, mas os acontecimentos que possibilitaram, por exemplo, pensar este momento da vida descolado do adulto e que precisa ser cuidado até que se torne adulto, ou seja, a vida dividida em etapas (ZIMERMAN, 1999; CLONINGER, 1999; EIZIRIK; KAPCZINSKI; BASSOLS, 2001; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Conforme descrito anteriormente, trabalho com o conceito proposto por Foucault (2010b) de foco de experiência, em que procuro pensar sobre as relações de poder e os regimes de verdade que constituem e são constituídos pela a infância e pelas tecnologias de investimento na infância e de que modo este jogo produz subjetividades.

2.3 Criança e infância: algumas aproximações

A infância tal como se apresenta hoje não é uma categoria que sempre existiu, esta forma de classificar a vida humana em etapas de desenvolvimento, como infância, adolescência, juventude, adulto e idoso, entre outras subcategorias, surge com a modernidade, como um modo de explicar e investir no humano.

Philippe Ariès em seu livro “História social da criança e da família” (1981), relata que a família antes do século XVII, vivia de forma pública, a sociedade participava ativamente do cotidiano familiar e as crianças eram educadas no convívio com os adultos, não havia o vínculo afetivo e tampouco a preocupação com a educação como ocorre hoje.

As famílias não tinham como foco a intimidade ou sensibilidade, já que as pessoas viviam todas juntas, patrões e criados, adultos e crianças e os visitantes poderiam participar abertamente das situações familiares. Assim, a família tinha a função de garantir a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, existia apenas como uma realidade vivida, mas “[...] não existia como sentimento ou como valor” (ARIÈS, 1981, p. 273).

Em torno dos séculos XVI e XVII, começa a aparecer especialmente nos meios religiosos, a preocupação com educação das crianças. Foram fundadas instituições de ensino e os pais foram responsabilizados pelas crianças. Percebendo que as crianças não podiam passar do desmame tardio (por volta de 7 anos), ao convívio com os adultos. Foram fundadas instituições de ensino que se ocupavam da educação antes que a criança fosse introduzida no mundo adulto.

O rigor das instituições de ensino foi configurando, nos séculos XVIII e XIX, os internatos, de modo que a criança foi retirada da família e do convívio com os adultos, para garantir a educação. A família burguesa passa a se organizar a partir da preocupação com as crianças de modo a constituir uma forma de vida privada, não mais aberta à sociedade. Desenvolvem maior intimidade e afeto entre o casal e entre pais e filhos, além de maior preocupação com a educação dos filhos. Assim, a família assume uma função moral, que vai muito além da transmissão de vida (ARIÈS, 1981).

Interessante notar que, no contexto que Ariès (1981) relata, antes do século XVIII, as crianças eram tratadas como mini-adultos, pois habitavam o mesmo espaço que os adultos, se vestiam do mesmo modo, não recebiam um tratamento diferenciado por serem crianças. Hoje, há uma atualização deste mini-adulto, que constitui o mini-adulto de sucesso, de modo que as crianças têm compromissos, rotinas, agendas lotadas, se cobram e se pressionam por produtividade como os adultos. Desta forma, quando a criança foi tirada do convívio com o adulto, isto se deu com o objetivo de torná-la um adulto qualificado, então será que mudou alguma coisa? A criança deixou de ser tratada como adulto e passou a ser tratada para se tornar um adulto, mas para se tornar adulto, na perspectiva da sociedade de controle, precisa de práticas para produzir capital humano.

Assim como Ariès (1981) traz o contexto que possibilitou que a criança se tornasse foco de atenção na família a partir do século XVIII principalmente pela necessidade de investir em educação, Foucault (2012) também apresenta a necessidade da invenção da infância, mas a apresenta a partir de uma estratégia de governamentalidade. Quando o autor apresenta a política da saúde no século XVIII, reflete sobre o privilégio da infância e a

medicalização da família como estratégia de controle do corpo social. É a partir da necessidade de investimento na criança que emerge a categoria infância.

Ao problema “das crianças” (quer dizer de seu número no nascimento e da relação natalidade mortalidade) se acrescenta o da “infância” (isto é, da sobrevivência até a idade adulta, das condições físicas e econômicas dessa sobrevivência, dos investimentos necessários e suficientes para que o período de desenvolvimento se torne útil, em suma, da organização dessa “fase” que é entendida como específica e finalizada). Não se trata, apenas, de produzir um melhor número de crianças, mas de gerir convenientemente essa época da vida (FOUCAULT, 2012, p.304).

Com esta necessidade de atenção à infância, surgem diversas normas para condução das crianças, tais como forma de vestir, de higiene, contato físico com os pais, amamentação pelas mães, entre outras, que produzem um rol de práticas que responsabilizam cada vez mais os pais nos cuidados dos filhos. O laço conjugal que tinha anteriormente a função de dar continuidade à família passa a ter o papel de possibilitar a base para o futuro adulto, se ocupando de oferecer as melhores condições possíveis para a formação de um ser humano saudável. A relação entre pais e filhos passa a ser valorizada com o objetivo principal de assegurar a saúde da criança, tendo em vista os altos índices de mortalidade infantil.

Nos estudos sobre a loucura, Foucault (2010a) conta que antes do século XVIII, a criança não ocupava um lugar de destaque e na família burguesa, era amamentada e cuidada pelas pessoas que trabalhavam para as famílias. Mas a partir da necessidade de encontrar explicações para a anormalidade, o médico psiquiatra é solicitado para explicar problemas ou mesmo crimes. Estes profissionais vão buscar na infância, algo que justifique determinados comportamentos anormais da vida adulta, tais explicações suscitam a valorização dos cuidados da criança, como medida preventiva para problemas na vida adulta. Estas práticas marcam a valorização da infância na família nuclear e a formação da família relacional.

A psiquiatria entra no cotidiano da família para regular a conduta dos adultos com as crianças, para dizer como deveriam se comportar com as crianças, como elas deveriam dormir, de que maneira os pais deveriam controlar o comportamento de seus filhos, o que deveria acontecer na infância, o que é normal e anormal e assim por diante, produzindo uma forma de pensar a infância na qual os pais devem se ocupar e investir para evitar problemas no futuro (FOUCAULT, 2010a).

Até aqui, foi possível seguir três linhas que conduzem às condições de possibilidades para a infância: 1) Necessidade de investir em educação (ARIÈS, 1981); 2) Estratégia de governamentalidade, para controle da população (FOUCAULT, 2012); 3) Controle da

conduta para evitar um adulto-problema (FOUCAULT, 2010a). Todas estas linhas ajudam a pensar o problema desta pesquisa, pois hoje a infância se apresenta como foco da educação e controle da conduta para a produção do adulto de sucesso, do sujeito empreendedor de si, que se governa e constitui o *homo oeconomicus* (FOUCAULT, 2008a).

Ainda pensando sobre as condições de possibilidades da infância de sucesso, é importante refletir sobre a anormalidade para compreender o modo como o fracasso, ou o não sucesso na vida adulta constitui o sujeito anormal.

Foucault (2008b) traz considerações sobre a normalização no contexto de epidemias de doenças, afirmando que primeiro há uma identificação daquilo que é normal e o que é anormal, considerando normal aquilo que é mais favorável e anormal o que é menos favorável. O processo de normalização consiste em fazer o que for possível para tornar o que é desfavorável em favorável de modo que o normal se torna a norma.

Assim, “o normal é que é primeiro, e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório” (FOUCAULT, 2008b, p. 83). Utilizando este raciocínio de Foucault para olhar para a infância na atualidade, a partir da lógica neoliberal, observamos que as pessoas que investem no futuro serão favorecidas por este investimento enquanto que as pessoas que não ocupam seu presente de ações em prol do futuro serão desfavorecidas.

Isto possibilita tornar o investimento no futuro como uma norma de conduta, em que aqueles que não seguem esta norma, são considerados anormais. Desta forma se produz a normatização da infância, a partir de um conjunto de regras para produzir excelência. Estas regras precisam ser seguidas, para evitar que a criança se torne um adulto desfavorecido - anormal.

Neste aspecto, a produção de excelência produz no mesmo processo patologização, pois este sujeito, considerado anormal por não investir em si ou por não conduzir sua vida a partir da preocupação com o futuro, é incluído na categoria dos anormais e precisa passar por procedimentos de normalização.

Estes procedimentos são muitas vezes compostos por tecnologias biomédicas, como o encaminhamento para psicólogo, psiquiatras, neurologistas, ou áreas afins, enfim, o sujeito que não conduz a vida a partir das normas mercadológicas, constitui a figura do anormal. Observamos em situações cotidianas, a forma como se espera das crianças este ou aquele comportamento, e aquelas que não correspondem a tais expectativas, podem ser punidas, advertidas e/ou diagnosticadas como apresentando algum desvio de conduta ou outra patologia, que precisa, portanto, ser normalizada.

Hillesheim (2008) faz uma reflexão sobre a infância a partir da literatura infantil e apresenta entre outros aspectos, a forma como a literatura para crianças é repleta de normas e regras para ensinar a criança a ser um sujeito mais qualificado. Com ilustrações e palavras do mundo da criança, os livros vão ensinando cuidados com a saúde, hábitos de higiene, regras de convivência entre familiares e colegas e uma infinidade de princípios morais que possibilitam que a criança se subjetive a partir de regras que serão “importantes” para a vida adulta.

A definição de infância como uma etapa da vida, bem como a nuclearização da família, serve também de estratégia de governamentalidade, de controle sobre os corpos e de investimento na população para que se torne produtiva e não venha a trazer problemas para o Estado e para o mercado (FOUCAULT, 2008a). Assim, definir a infância como uma etapa da vida que vai de zero a onze anos e ainda subdividi-la em primeira, segunda e terceira infância, além de descrever detalhadamente o que acontece em cada momento em termos de desenvolvimento cognitivo, físico e psicossocial, as doenças que podem acometer cada período, etc. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), proporciona condições de possibilidades para se intensificar o investimento na infância, a partir de estratégias cada vez mais específicas, de investimento no capital humano, como discutiremos posteriormente.

Na minha prática profissional percebo que, diante de várias situações que saem da norma preestabelecida, professores e diretores de escolas encaminham a criança para tratamento médico, psicológico ou de outras áreas, para “corrigir” a criança para que possa se adequar ao “bom” funcionamento da escola e futuramente da sociedade.

Como atuo no consultório, com frequência recebo a queixa de pais e mães sobre o desempenho dos filhos na escola e não só nas escolas, mas com reclamações das mais variadas atividades extracurriculares como curso de inglês, Kumon, natação, balé, Karatê, enfim, as queixas do comportamento do filho não vêm somente da professora, que acompanha algumas horas do dia da criança. Os pais ou responsáveis pela criança, por sua vez, demonstrando grande preocupação com o futuro da criança se ela não estudar e desenvolver diversas habilidades, procuram inseri-la em mais uma atividade para ajudar a controlar todas as outras: a psicoterapia!

E nesta desconfortável situação, sentindo a angústia da “criança desobediente ou hiperativa”, pensando que possivelmente se fosse criança na atualidade, seria também desobediente e hiperativa, comecei a problematizar a infância de sucesso. Gostaria de esclarecer que não sou contra a psicoterapia de crianças, apenas comecei a refletir sobre este universo da infância na contemporaneidade e a partir das aulas, leituras e supervisões do

mestrado, foi possível delinear o problema de pesquisa: De que modo se constitui esta modalidade de experiência da infância como uma preparação para o sucesso?

2.4 Campos de Análise

Apresento a partir deste tópico, o material que foi encontrado para reflexão durante o desenvolvimento da pesquisa, problematizando-os a partir das ferramentas conceituais apresentadas no tópico 2.1. O material de análise foi encontrado de diversas formas, como por exemplo, *folder* recebido por correio ou entregue nas ruas, *outdoor* em diversos lugares tanto de Campo Grande, MS como de outras cidades, fotografados em viagens, algumas pessoas que conheciam o projeto, encaminhavam materiais relacionados ao tema, encontrei também imagens e textos na internet, além da literatura disponível em meios acadêmicos que, neste jogo de poder, contribuem para a produção da infância de sucesso.

Neste campo agonístico das propagandas, literatura proposta pelas disciplinas e grupos de estudos do mestrado, experiência clínica de atendimento psicológico às crianças, teorias psicológicas e pedagógicas sobre o desenvolvimento humano, neoliberalismo e a lógica do mercado de trabalho, foi possível cartografar algumas linhas que dão condições de possibilidades para o que apresento como “infância de sucesso”.

Durante o período do mestrado, estive atenta aos aspectos que faziam conexão com o investimento na infância, e este foi o critério utilizado para a escolha das imagens analisadas. A cada imagem encontrada, seguia um caminho de reflexão sobre a possibilidade para tais enunciados e separei o material em dois eixos que compõem o campo de análise desta dissertação, o primeiro constitui a lógica neoliberal, em que a teoria do capital humano (FOUCAULT, 2008a) é um elemento fundamental como estratégia de governamentalidade da sociedade de controle. O segundo eixo comprehende algumas teorias psicológicas que classificam e descrevem o desenvolvimento humano de modo a normatizar a infância, possibilitando, a partir destas relações de poder, o aparecimento de tantas tecnologias de investimento na infância que vem a compor com a teoria do capital humano e as estratégias de governamentalidade da sociedade de controle.

**3 TEORIA DO CAPITAL HUMANO: POSSIBILIDADE PARA O SUJEITO
EMPREENDEDOR DE SI**

cna.com.br

PROMOÇÃO
Cursos Infantil e Adulto
Material Incluso
A partir de R\$ 99,90
Para Novas Matrículas
Validade Limitada



A CADA AULA, UM SUCESSO.
A CADA SUCESSO, UMA COMEMORAÇÃO.



Não jogue este impresso em vias públicas

Apixonados
pelo sucesso.

CNA
Inglês Definitivo

& MESTRADO
DOUTORADO UCDB

REALIZAR SONHOS
É INVESTIR NO SUCESSO
DESTAQUE-SE!



Um elemento fundamental para entender esta necessidade de investir constantemente na infância para produzir um adulto eficiente é a teoria do capital humano que se torna possível a partir do contexto neoliberal. Foucault (2008a) analisa o neoliberalismo trazendo um contraponto ao pensamento marxista. Para melhor compreender o momento em que Foucault se distancia do marxismo, apresentamos de forma bastante resumida a ideia de capitalismo para Marx.

Para Marx (1982), o trabalho que deveria ser elemento de constituição do homem, na perspectiva capitalista, aliena e consiste no operário que vende sua força de trabalho por um determinado tempo em troca do salário. Para o autor, o trabalho não é remunerado como deveria, ou seja, o que o trabalhador produz vale mais do que o que ele recebe pelo trabalho e este valor é o que o autor conceitua como mais-valia e isto compõe a expropriação do trabalho do proletário pela burguesia, por exemplo. Como o homem necessita do trabalho para viver, precisa se submeter às condições de trabalho a que tem acesso. Assim, a mais-valia e a relação entre oferta de postos de trabalho e oferta de força de trabalho, estabelecem o mercado e caracterizam, de forma muito simplificada, a lógica laboral do capitalismo para o autor.

Na segunda metade do século XX surge o neoliberalismo, que retoma algumas considerações do liberalismo clássico, do modo de produção capitalista, mas passa a defender a interferência mínima do Estado na economia, deixando as relações de mercado livres, incentivando privatizações, o livre-comércio com outros países, fortalecendo o setor privado e a própria privatização da existência humana, em que cada um passa a ser responsável por si mesmo. A partir desta lógica neoliberal, o sujeito precisa se tornar cada vez mais eficiente para se adequar à competitividade neoliberal (IBARRA, 2011).

Foucault (2008a) traz o conceito de *homo oeconomicus* que, definido a partir de uma concepção clássica, é o sujeito parceiro da troca de mão de obra pelo salário. Mas no neoliberalismo este parceiro da troca é substituído pelo “[...] empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008a, p.311). Renda que é necessária, não apenas para adquirir produtos, mas para produzir satisfação por meio do consumo.

O adulto de sucesso no neoliberalismo corresponde ao *homo oeconomicus* que é o sujeito que encontra na própria política uma forma de realizar seus interesses, de modo que seu interesse se une ao interesse comum. Portanto é:

[...] aquele que aceita a realidade ou que responde sistematicamente às modificações nas variáveis do meio, esse *homo oeconomicus* aparece

justamente como o que é manejável, o que vai responder sistematicamente a modificações sistemáticas que serão introduzidas artificialmente no meio. O *homo oeconomicus* é aquele que é eminentemente governável (FOUCAULT, 2008a, p. 369).

Ou seja, o *homo oeconomicus* é autogovernável e com ele o Estado não precisa se preocupar. A partir deste conceito, podemos pensar que as políticas, como forma de governo da sociedade, na qual se incluem as políticas públicas, pedagógicas, psicológicas, médicas, que fazem parte de uma governamentalidade biopolítica, pretendem tornar possível que a criança tenha no futuro, estas características que compõem o *homo oeconomicus* a partir de um investimento no capital humano.

No neoliberalismo, além da relação entre postos de trabalho e força de trabalho, o comportamento humano também é considerado nas análises sobre o trabalho e a economia. Nesta perspectiva, para o trabalhador, o salário não consiste apenas na venda da força de trabalho, mas numa fonte de renda, que é entendida como produto de um capital. Como descreve Foucault (2008a), a partir do neoliberalismo, capital é o conjunto de habilidades e competências que tornam a pessoa capaz de ganhar um determinado salário, ou seja, é uma fonte de renda e ao mesmo tempo a condição para se tornar um empresário de si mesmo.

Foucault se distancia da ideia de Marx do trabalho, no contexto capitalista, que aliena e propõe o trabalho a partir de uma perspectiva positiva, visto que produz um jogo de poder que constitui o sujeito trabalhador, a renda, o capital e outros aspectos possíveis. Portanto, “[...] sendo o capital assim definido como o que torna possível uma renda futura, renda essa que é o salário, vocês veem que se trata de um capital que é praticamente indissociável de quem o detém” (FOUCAULT, 2008a, p. 308), assim, a competência não pode ser isolada do competente, daí o conceito de capital humano.

Este conjunto de habilidades e competências forma com a pessoa que as possui, uma máquina que produz fluxos de renda. Foucault (2008a) explica que a máquina não produz renda e sim fluxos de renda, pois este salário vai sofrer alterações ao longo da vida do sujeito, ou seja, esta máquina não produz uma mesma renda ao longo de toda a vida, tem seu tempo de duração, de utilidade, até que envelheça e não produza mais. Geralmente a máquina inicia produzindo um salário baixo, que tende a aumentar ao longo dos anos de trabalho e cai novamente com o envelhecimento.

E o que fazer para aumentar o tempo produtivo desta máquina? Como aumentar a renda da máquina? De que modo se deve viver para se preparar para o momento em que a

maquina não vai mais produzir? É uma constante preparação para o futuro, ou seja, de que modo tenho que viver o hoje para não ter problemas no futuro?

Estes questionamentos possibilitam emergir uma infinidade de tecnologias que prometem o aumento do capital, da renda, das oportunidades de escolher com o que trabalhar, conforme apresentamos nas diversas formas de propagandas de tecnologias que tem o objetivo de aprimorar as habilidades das crianças com o propósito de garantir sucesso profissional no futuro; ou seja, aumentar o capital humano para produzir fluxos de renda, conforme exemplo da figura apresentada abaixo, em que a escola desenvolve os “talentos do futuro”.

Fig. 1 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Sendo o capital, o conjunto de características que possibilitam renda futura, colado ao sujeito, Foucault (2008a) introduz o conceito de capital humano, que são os fatores físicos e psicológicos que possibilitarão a valorização do trabalho e a renda futura. Assim, o capital humano é o que possibilita a satisfação futura por meio da renda. Os fatores físicos e psicológicos que compõem o capital humano são todas as habilidades que o mercado de trabalho possa exigir, por exemplo, inteligência, memória, atenção, concentração, boa aparência, condicionamento físico, boa capacidade de relacionamento interpessoal, entre outros. Isso possibilita, como apresentamos na figura 1, a escola desenvolver os “talentos do futuro”.

O trabalho também presume um capital, de modo que são necessárias certas habilidades para desenvolver este ou aquele trabalho, por exemplo, para ser engenheiro, o sujeito precisa ter habilidades com raciocínio lógico, para trabalhar com marketing, precisa ser criativo. Assim, a teoria do capital humano é um aspecto importante para entender as condições de possibilidade das tecnologias de investimento na infância. A necessidade de

investir na produção de capital humano compreende ainda uma estratégia de governamentalidade visto que possibilita formas de condução de si e do outro para a constante necessidade de equalização da vida ao capital.

Neste jogo de forças do trabalho no neoliberalismo, emerge o foco desta pesquisa, que é a necessidade de investimento no capital humano para garantir melhor renda futura. Ou seja, quanto melhor o capital humano, maiores serão também as possibilidades de trabalho e, consequentemente maior será o salário, assim investir no capital humano da criança, produz renda quando ela se tornar adulta.

No neoliberalismo, não se trata mais apenas da troca de força de trabalho pelo salário, mas da visão capital-competência, em que cada sujeito se torna empresário de si mesmo – o *homo oeconomicus*. Deste modo se constitui uma sociedade organizada a partir de unidades-empresas, em que cada sujeito é responsabilizado por seu capital e sua renda. Como apresentamos na figura abaixo:

Fig. 2 – Cartaz fotografado em mercado, em outubro de 2013, em Florianópolis, SC.



Fonte: Acervo pessoal

A divulgação deste curso de inglês se apresenta a partir desta perspectiva, de que o sujeito é responsável por ter todas as habilidades que o mercado possa exigir, para não

“travar” nas oportunidades de ascensão pessoal e profissional. Ou seja, o mercado exige e o sujeito precisa corresponder, caso contrário será privado do acesso ao trabalho que almeja, a uma viagem, posição social enfim será “travado” nos seus projetos. A teoria do capital humano e a figura do *homo oeconomicus* que se constituem no neoliberalismo são elementos que vão compor o que Deleuze (1992) analisa como sociedade de controle. Conforme Deleuze (1992), na sociedade de controle, o sujeito está permanentemente em dívida inclusive com o conhecimento, há sempre algo que precise aprender, pois nesta lógica neoliberal, a partir da teoria do capital humano, aquele que tiver mais habilidades terá sucesso e o sujeito se governa a partir do constante investimento em si.

Neste sentido retomamos a reflexão sobre a norma, em que aquele que não investe em si se torna anormal, pois a partir da lógica neoliberal além de outros regimes de verdade, todas as pessoas devem investir em si para se tornarem bem sucedidas, sendo, portanto, anormal um sujeito que não tenha a preocupação de se tornar cada dia mais habilidoso e competente.

Ao mesmo tempo em que se traz a necessidade de que cada sujeito se torne empreendedor de si, que seja autônomo, que viva num constante investimento em si mesmo, não é possível pensar a partir da ideia de progresso ou evolução em relação ao trabalho e a economia.

A ideia de força de trabalho e linha de produção, a partir do modelo de empresa e das estratégias de governamentalidade que se constituem agora desde a infância, pode ser observada na propaganda da secretaria municipal do Rio de Janeiro publicada em dezembro de 2014, conforme imagem a seguir:

Fig. 3 – Propaganda da secretaria municipal do Rio de Janeiro, divulgada em dezembro de 2014.



Fonte:<http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/prefeitura-do-rio-retrata-escola-como-linha-de-producao-7482.html>, Disponível em março de 2015.

Não foi possível encontrar uma imagem em resolução melhor, que possibilitasse ler o que está escrito abaixo da esteira da linha de produção de cidadãos, mas o enunciado já é suficiente para a reflexão: “nossa linha de produção é simples: construímos escolas, formamos cidadãos e criamos futuros” (REDAÇÃO CARTA CAPITAL, 2014).

A construção de escolas é colada à formação de futuros cidadãos. Mas que cidadão é este produzido numa linha de produção? Será o mesmo que possui um elevado capital que lhe trará renda no futuro? Ou seria o cidadão bem adaptado às regras e capaz de se sustentar e ser produtivo sem oferecer problemas à sociedade?

A linha de produção remete ao trabalho como produção de sujeitos e não apenas de objetos, na medida em que, formar cidadãos e criar futuros corresponde a esta lógica neoliberal que se preocupa em produzir sujeitos empreendedores de si, portanto não há uma alienação e sim um investimento permanente em si. Assim, o neoliberalismo, que ressalta o *homo oeconomicus* habita o mesmo espaço que o marxismo, que coloca o trabalho de forma a alienar o trabalhador que vende força de trabalho, entretanto não está em jogo uma alienação que separaria os meios de produção da força de trabalho, na medida em que o sujeito é convocado permanentemente a diferenciar-se de si mesmo, no sentido de um investimento em si como uma empresa, tornando-se o seu próprio capital. Meios de produção e força de trabalho acoplam-se na constituição de si como uma empresa.

Não é possível encontrar classificações para definir o comportamento e as relações, são diversos fatores que compõem um jogo de forças que produz sujeitos, trabalhos, necessidades, consumo e tecnologias cada vez mais sofisticadas para investir na produção de capital humano.

O capital humano, a partir do neoliberalismo, é composto por elementos inatos e elementos adquiridos. Os elementos inatos são as características genéticas ou hereditárias, que influenciam no capital humano. Conforme retrata Foucault (2008a), a genética atual mostra cada vez mais elementos que são transmitidos, bem como as probabilidades de se ter esta ou aquela doença ao longo da vida em decorrência de fatores genéticos.

Deste modo, para que uma pessoa que possui um elevado equipamento genético produza descendentes como ela, precisa ter capital suficiente para encontrar um(a) parceiro(a) que possibilite gerar filhos também com alto equipamento. Esta forma de seleção é vista também a partir da forma de minimizar riscos de doenças ou problemas. Além das habilidades, é importante minimizar possibilidades que possam prejudicar a produção desse futuro capital humano.

Além dos elementos inatos, o capital humano é composto por elementos adquiridos, que são os investimentos educacionais que o sujeito faz ao longo de sua vida, para aumentar seu capital. Conforme Foucault (2008a), os elementos adquiridos não são apenas o aprendizado escolar ou profissional, são muito mais amplos, são constituídos, por exemplo, pelos investimentos e cuidados com a gravidez, como apresentado na imagem da abertura do capítulo 2 (p.16), por estímulos ao bebê, pela proximidade e tempo que as crianças passa com os pais, entre outros.

E com base nestes elementos adquiridos, se justifica todas estas tecnologias de investimento na infância, para produzir um adulto com elevado capital humano. E aqui

retomo a proposta da pesquisa de problematizar este apelo por investimento que é pulverizado por todos os campos que cercam os indivíduos e apresentam propostas de satisfação no futuro, como apresento na imagem a seguir:

Fig. 4 – *Outdoor* fotografado em dezembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A propaganda parece direcionada aos pais e enfoca a necessidade de investimento no presente, colocando em uma escola de qualidade, como um meio para obter êxito no futuro, sendo um engenheiro.

A questão do sonho também é interessante, pois parece que as crianças já devem sonhar com a profissão que irão exercer quando adultas, e os pais, por sua vez, precisam estar atentos para perceber, o quanto antes, qual seria o sonho do filho, para iniciar então os investimentos. Como na figura acima, que um brinquedo de montar na mão da criança, pode ser associado à engenharia; ou seja, os pais devem estar atentos aos interesses dos filhos, até mesmo na forma de brincar, para definir a profissão e focar os investimentos, isto é, as características que são objetivadas como inatas – o direcionamento dos interesses – somam-se às estratégias para aquisição de elementos que permitem o investimento no próprio sujeito. O jogo das estratégias de governamentalidade é justamente, pela forma empresa, tornar possível a aproximação entre o inato e o adquirido como foco de investimento no futuro, no qual o inato não será determinante por si só caso haja um investimento no adquirido.

Neste mesmo sentido, apresento a figura 5, que coloca a criança como alguém que já nasce predestinada a um caminho profissional:

Fig. 5 – *Outdoor* fotografado em outubro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

O outdoor foi uma homenagem ao dia do médico, e nos faz pensar em como esta preocupação com a profissão ocupa a vida do sujeito desde que nasce, demandando, então, um investimento no desenvolvimento de habilidades e competências. É necessário já nascer habilitado para desenvolver uma atividade profissional, e o brincar se torna a forma mediante a qual os pais ou cuidadores irão observar atentamente para discernir a vocação do filho, mas também é fundamental um projeto de vida que permita que essa vocação torne-se um mecanismo de excelência. Deste modo, o brincar se torna pedagógico.

Conforme Foucault (2008a), para os neoliberais, os elementos adquiridos a partir de investimentos educacionais, vão além do aprendizado da escola ou universidade. Compreende um rol de procedimentos que podem ter o início no planejamento da gravidez e não ter fim, pois quando termina o compromisso dos pais com os filhos, quando estes se tornam responsáveis por si mesmos, são eles mesmos que dão continuidade ao investimento, que alias já foram subjetivados a partir do contexto da necessidade de aperfeiçoamento (DELEUZE, 1992). Assim, as próprias crianças já se preocupam com o que serão no futuro e já se adaptam a esta lógica de constante necessidade de investimento.

A partir da experiência e de observações, Foucault (2008a), coloca que o tempo que os pais dedicam aos filhos além da educação, a atenção que a mãe tem com o filho também produz um melhor capital humano, mas não só o tempo e o afeto dedicados, também o grau de cultura dos pais influencia, pois o resultado da quantidade de horas de pais cultos com seus filhos não será o mesmo de pais com menor grau de cultura.

Ou seja, vai se chegar assim a toda uma análise ambiental, como dizem os americanos, da vida da criança, que vai poder ser calculada e, até certo ponto, quantificada, em todo caso, que vai poder ser medida em termos de

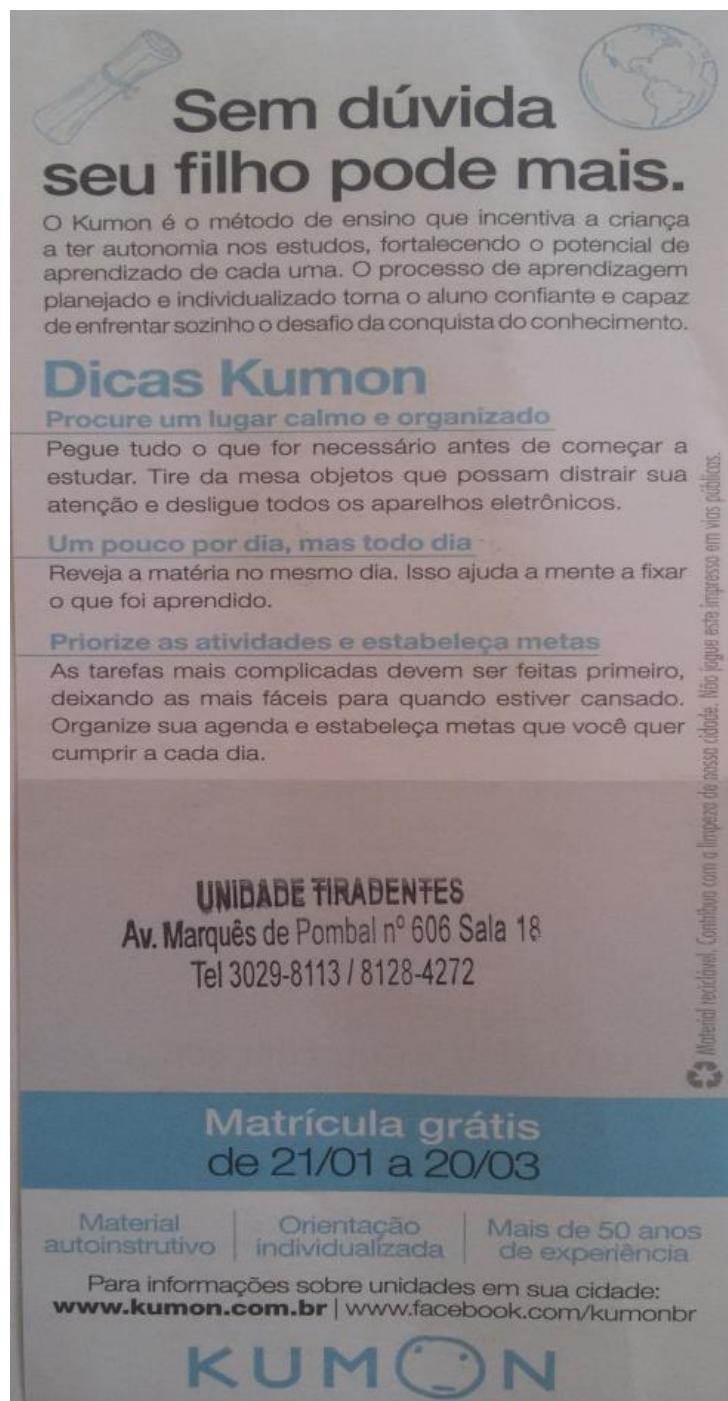
possibilidade de investimento em capital humano (FOUCAULT, 2008a, p.316).

Desta forma, o interesse é buscar, no ambiente da criança, todas as formas de investimento que poderão ser convertidas em capital humano no futuro. Todos os cuidados com a saúde dos indivíduos, “a partir dos quais o capital humano poderá primeiro ser melhorado, segundo ser conservado e utilizado pelo maior tempo possível” (*ibidem*, p.316). Assim, matricular o filho no kumon, por exemplo, está associado a uma dedicação de afeto com o filho, pois com o curso se está investindo no capital humano dele.

Para responder a esta demanda, não faltam regimes de verdade especialmente das áreas psi, da pedagogia e afins, com explicações científicas que salientam a necessidade de cuidados cada vez mais específicos e propostas de atividades das mais variadas que estimulam habilidades e produzem, no futuro, capital. Os enunciados publicitários utilizam muito bem estes regimes de verdade sobre o desenvolvimento infantil para despertar, no público-alvo, a necessidade de se inscrever nas mais variadas atividades, para investir e desenvolver o potencial da criança. Estas teorias serão discutidas posteriormente.

Toda esta necessidade de constante investimento, estimulada pelo neoliberalismo na chamada sociedade de controle (DELEUZE, 1992), parece despertar uma sensação de culpa, de estar sempre em débito, de que há sempre o que precisa ser melhorado. O sujeito poderia saber mais um idioma, poderia fazer mais um esporte para melhorar o desempenho físico, poderia fazer um curso de teatro para aprender a se expressar melhor, ou uma arte marcial para ter mais disciplina, concentração e se defender adequadamente caso seja necessário, ou ainda fazer uma ginástica para o cérebro para melhorar o desempenho cognitivo. Como apresento no *folder* a seguir que traz o enunciado “Sem dúvida seu filho pode mais”. E este ciclo não tem fim, pois nunca é suficiente, na lógica da sociedade de controle, a formação se dá permanentemente.

Fig. 6 – Folder recebido por correio em 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

São criadas diversas necessidades, que são colocadas como primordiais e, para cada uma delas há a prescrição de uma tecnologia de investimento que possibilitará suprir. Assim observamos a possibilidade de toda uma estratégia de publicidade em que a área da educação é subsumida pelo Marketing, que se torna algo tão importante ou mais que o ensino em si.

Desta forma, as escolas não precisam ter apenas um ensino de qualidade, mas uma estratégia publicitária eficaz, que desperte nos pais e crianças – clientes – a necessidade de

consumir o ensino, com garantia de satisfação no futuro. O que percebo com a pesquisa é que a educação se tornou um grande comércio, em que são vendidas as mais variadas formas de tecnologias de investimento na infância com o foco no futuro. Assim, a educação se torna um negócio, aliás, “o melhor negócio”, como na imagem abaixo:

Fig. 7 – *Outdoor* fotografado em outubro de 2013, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

É o melhor negócio: investir na criança para que se torne um adulto com elevado capital humano, com mais oportunidades de trabalho que é igual a uma renda elevada. Deste modo, investir em educação é algo lucrativo, sendo que o lucro é diretamente proporcional ao investimento e se constitui a partir do salário que a criança receberá no futuro. O próprio nome do colégio é Sucesso, assim, o que o colégio produz são pessoas de sucesso, com elevado poder de consumo.

Educar é o melhor negócio também para quem vende educação, que precisa ter habilidade comercial para despertar, no cliente, a necessidade e consumir seu produto. Assim, a escola se conforma à lógica neoliberal e oferece, cada vez mais atrativos, para ganhar a concorrência neste jogo extremamente competitivo de produzir adultos de sucesso.

Não é só a escola ou a educação que aparecem como forma de investimento na produção de capital humano, também é necessário investir em saúde, em todas as formas de estratégias biomédicas para prolongar o período de produtividade do sujeito, antes de diminuir sua renda ou se tornar obsoleto (FOUCAULT, 2008a).

Retomando o objeto de pesquisa que é a infância produtiva, investida de tecnologias para o sucesso, observo que a criança, desde muito pequena se conforma a esta lógica de

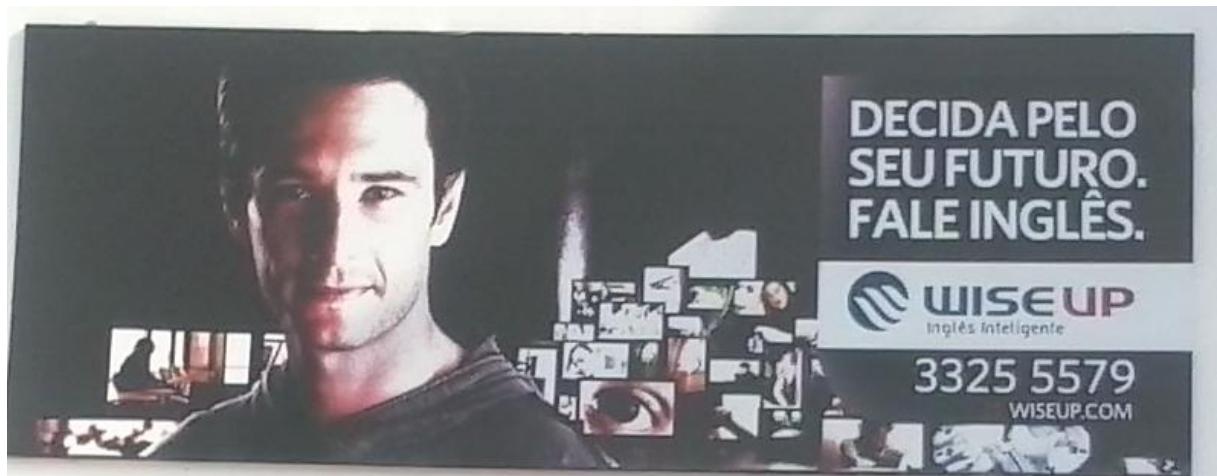
mercado. Foucault (2008a, p.332) descreve o modelo de economia empresarial, em que “trata-se de desdobrar o modelo econômico, o modelo oferta e procura, o modelo investimento-custo-lucro, para fazer um modelo das relações do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu currículo, com o futuro, com o grupo, com a família”.

A partir desta lógica de mercado, a família opera na lógica da empresa. Foucault (2008a) traz uma reflexão sobre o investimento da mãe na relação com o filho desde bebê, para a produção de capital humano. Os neoliberais buscavam esclarecer que:

[...] a relação mae-filho, caracterizada concretamente pelo tempo que a mãe passa com o filho, pela qualidade dos cuidados que ela lhe dedica, pelo afeto de que ela dá prova, pela vigilância com que acompanha seu desenvolvimento, sua educação, seus progressos, não apenas escolares mas físicos, pela maneira como não só ela o alimenta, mas como ela estiliza a alimentação e a relação alimentar que tem com ele – tudo isso constitui, para os neoliberais um investimento, um investimento mensurável em tempo, um investimento que vai constituir o quê? Capital humano, o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda. Essa renda será o quê? O salário da criança quando ela for adulta (FOUCAULT, 2008a, p.334-335).

Continuando a lógica neoliberal, o autor afirma que a renda da criança quando for adulta trará satisfação para a mãe, ao observar que seus cuidados tiveram sucesso. A partir desta lógica, é possível pensar o que compõem alguns dos regimes de verdade que possibilitam hoje, a divulgação de tecnologias de investimento na infância que enunciam, por exemplo, um “futuro promissor e feliz!” (Cf. Fig. 24 p. 74), ou ainda: “Decida pelo futuro, fale Inglês!” como aparece na imagem de uma fachada de escola de inglês:

Fig. 8 – Fachada de escola de inglês fotografada em outubro de 2013, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A partir da prática profissional e dos discursos presentes no cotidiano, é possível observar que na população de classe média e alta, as tecnologias de cuidado estão cada vez

mais presentes na infância, especialmente no que tange às expectativas para o futuro. As crianças se tornam cada vez mais foco de investimento para que se tornem adultos produtivos. Todos estes regimes de verdade privilegiam a infância como um momento da vida em que o foco de atenção é o investimento para o futuro, nunca a preocupação é o presente, não importa se naquele momento a criança quer, por exemplo, ficar em casa assistindo desenho, importa que deve ir ao compromisso que vai possibilitar que seja um adulto de sucesso. Estas práticas produzem normas a partir das quais os sujeitos devem se conduzir em relação a si mesmos, em relação aos filhos e assim por diante.

Novas tecnologias são desenvolvidas para aprimorar capacidades e extinguir limitações, tecnologias estas que suscitam, a cada momento, a competição e a necessidade de excelência em tudo o que se faz, com o objetivo de ter um futuro brilhante. São constantes os avanços tecnológicos para potencializar o desenvolvimento da criança, agendas preenchidas por diversas atividades que as mantêm focadas no que precisam ser quando crescerem.

A dinâmica da infância no contexto neoliberal está assustadora e foi esta situação que despertou o interesse para desenvolver esta pesquisa. Observe o que se apresenta: os pais precisam trabalhar muito para pagar uma boa escola e tudo o que o filho necessita para se tornar um adulto de sucesso. O trabalho consome boa parte das horas de seu dia, quase não sobra tempo para estar com os filhos. Além dos discursos de investimento, há paralelamente discursos que enfatizam a necessidade da relação entre pais e filhos (WINNICOTT, 1983; SLAVUTZKY, 1983).

Esta falta de tempo com os filhos gera culpa, apesar desta ausência, ser ocasionada por uma causa nobre: conseguir dinheiro para investir no futuro do filho. Assim, o sujeito da sociedade de controle está permanentemente em dívida. Considerando então a necessidade da presença dos pais para o bom desenvolvimento do filho, esta ausência vai trazer prejuízos à criança, que vai precisar então de mais investimentos como a psicoterapia para lidar com a falta dos pais e, para pagar a terapia, mais trabalho! Este ciclo não tem fim, e esta é a lógica capitalista: produzir necessidade para gerar consumo. Deste modo, o sujeito se governa e governa os outros a partir da forma empresa, que nunca é suficiente, precisa investir em si permanentemente, e o sujeito confinado da sociedade disciplinar passa a ser o sujeito endividado na sociedade de controle, o *homo oeconomicus*. (DELEUZE, 1992)

Desta forma, o discurso de investimento na infância emerge em uma sociedade capitalista, possibilitando práticas que auxiliem os pais nesta tarefa de produzir o filho que será um adulto de sucesso como, por exemplo, métodos que estimulem o raciocínio, aulas de empreendedorismo para crianças, cursos de idiomas, escolas que preenchem todo o dia da

criança com atividades extra-curriculares, dentre outras tantas tecnologias que tem lotado as agendas das crianças na atualidade. Este constante controle da conduta e necessidade de permanente formação traz a tona o que Deleuze (1992) descreve como a sociedade de controle, conforme apresentamos no próximo tópico.



3.1 Da fábrica à empresa: formação continuada e a lógica do controle

A partir do pensamento de Foucault (1987) sobre o poder disciplinar, que age sobre os corpos individuais, é possível pensar a escola como uma forma de disciplina ligada a uma instituição e que acaba por fazer parte do indivíduo. Aos poucos, o indivíduo aprende a se controlar, a partir do poder disciplinar e da docilização dos corpos, passa a corresponder ao que se espera e isto que se espera, se torna também o que ele espera. Desta forma, a criança já não precisa constantemente da lei, da punição, pois já faz parte dela. Ela já sabe que precisa ter este ou aquele comportamento e as disciplinas tem a função de fabricar indivíduos úteis para a sociedade.

Porém na atualidade já não é mais só na escola que o sujeito é formado, desde muito pequenas, as crianças, especialmente nas classes sociais mais elevadas, passam por inúmeros lugares que contribuem para o aprendizado e vivenciam uma agenda repleta de atividades que tem o objetivo de as tornarem “melhores”.

Deleuze (1992) observa que estamos vivendo a transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. O que era a disciplina, que ficou muito explícito na organização das fábricas, por exemplo, em que o trabalhador executa uma mesma tarefa, de forma mecânica e padronizada, formando uma massa, passa por novos arranjos que vão configurando o modelo de empresa, de formação permanente e estímulo à competitividade.

Na sociedade disciplinar, o sujeito habitava espaços fechados, era educado em uma escola, após a escola, geralmente conseguia um emprego no início da juventude e nele permanecia até a aposentadoria, muitas vezes desenvolvendo as mesmas atividades. Desta forma, a vida constituía esta sequência: escola, trabalho, aposentadoria. Na atualidade, dificilmente o sujeito se aposenta no primeiro emprego, é necessário galgar novos desafios, ser dinâmico, desenvolver habilidades e competências que possibilitem alcançar cargos cada vez melhores e mais rentáveis.

Para Deleuze (1992), a empresa ocupa o lugar da fábrica do mesmo modo que a formação continuada ocupa o lugar da escola. A quantidade de diplomas e titulações parece nunca ser o suficiente, é necessário se desenvolver e se aperfeiçoar o tempo todo. É possível observar no enunciado do *outdoor* a seguir, a busca pela excelência e pela sequência de formação em que o sujeito precisa sair da escola e entrar na universidade.

Fig. 9 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A imagem permite colar o estudo à profissão, e esta sequência não tem fim, escola, universidade, pós-graduação, mestrado, doutorado, trabalho, possibilidade de escolher o trabalho. O sujeito da propaganda constitui o *homo oeconomicus*, que é um empreendedor de si, que desde cedo estudou na escola classe A e isto possibilitou que alcançasse seus objetivos de se tornar um adulto eficaz por meio do sucesso profissional. Mas para seguir este progresso, de sair da escola, direto para a universidade é preciso investir em capital humano, ou seja, a propaganda incita a necessidade de ser o primeiro, ser classe A, mas será possível ser sempre o primeiro? Podemos entender que não, tendo em vista que só existe um primeiro lugar, só existe um diretor numa empresa, um gerente no banco, uma coordenadora na escola, ou seja, o primeiro lugar é único, mas é apresentado como possível mediante o mérito, o investimento em habilidades que serão, no futuro, a renda como apresentamos na figura abaixo.

Fig. 10 – *Outdoor* fotografado em fevereiro de 2015, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Estar nesta escola oferece a possibilidade de ser o primeiro. Esta constante busca pelo primeiro lugar, para conseguir este ou aquele cargo, impõe uma rotina preenchida por muito investimento, a ponto de estar sempre em débito consigo mesmo e em relação de competição com os demais.

Desta forma se produz um modelo de normalidade, em que normal é o sujeito do controle, que está permanentemente em busca de algo melhor, de ser o profissional de sucesso. E o sucesso está relacionado ao poder de consumo. A anormalidade não entra mais apenas como uma patologia, mas é marcada pela insuficiência para o mercado, de modo que o sujeito que não investe em si se torna anormal. Este sujeito normal é o *homo oeconomicus*, que investe na produção de seu próprio capital, para ter renda no futuro e esta renda possibilitará consumo. E o consumo por sua vez será o resultado do investimento, que trará satisfação.

Esta satisfação possível por meio do consumo me faz pensar sobre o que está sendo consumido hoje? Consomem-se tecnologias de investimento na infância para ter satisfação profissional no futuro, mas e o presente? No presente é a própria infância que acaba consumida pela sequencia de atividades e tecnologias para construir o futuro, de modo que não existe o presente, não existe o que a criança quer fazer naquele momento, existe o que ela precisa fazer para construir futuro e se tornar um adulto de sucesso.

Assim podemos pensar na transição da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, mas esta transição não acontece como uma progressão. Disciplina e controle ainda habitam o mesmo campo como apresentei na figura 3 (p.36), que traz a propaganda da secretaria de educação do Rio de Janeiro, que coloca a escola como uma linha de produção.

A educação se dá cada vez menos como um meio fechado, é o curso de inglês, a natação, o futebol, não é mais o espaço fechado da escola como um confinamento. A criança está permanentemente sendo investida, desde os primeiros anos ela já está sendo investida pra o aspecto profissional. A infância já é profissionalizada e há um controle contínuo sobre a vida.

O trabalhador que habitava o modelo de sociedade disciplinar cumpria um horário de entrada e saída, sendo que, ao sair do trabalho poderia se desligar completamente das atividades profissionais até o próximo dia útil. Na sociedade de controle, já não há separação entre vida pessoal e profissional, o sujeito precisa estar constantemente atento à carreira, está constantemente conectado à rede mundial de computadores, ao email e às demandas de trabalho. “Estamos entrando nas sociedades de controle, que não funcionam mais por

confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 1992, p.216)

Desta forma, o sujeito que parece ter mais “liberdade” por muitas vezes não precisar cumprir horários, ou por poder trabalhar no conforto da própria casa, vive num controle contínuo, pois tem sempre algo por fazer, um email a responder, um conteúdo para aprender, enfim, sempre há uma pendência. E assim também ocorre com as crianças, que são estimuladas para ser cada vez mais eficientes, fazer coisas cada vez melhores. Esta é a lógica de mercado, o salário por mérito que justifica uma incessante busca pelo melhor cargo, ensino, salário. Isto faz pensar no desdobramento desta lógica para as relações, para o cotidiano não só do trabalho, mas da busca também pelo melhor filho, em que é necessário investir na criança para que se torne competitivo e empregável. Como na dica do outdoor abaixo:

Fig. 11 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Já que a busca é pelo melhor, não basta apenas fazer inglês, precisa ser o “melhor inglês”. Desta forma, o setor de vendas exerce papel fundamental dentro da empresa.

O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado (DELEUZE, 1992, p.224).

O homem está sempre em dívida, nunca se termina nada, há a necessidade de formação permanente, nunca é suficiente o que faz, há sempre mais a fazer. E conforme Deleuze (1992), a máquina, ou seja, o conjunto de práticas que produzem coisas e sujeitos, da sociedade de controle, são as cibernéticas e os computadores, e esta máquina produz, dentre

outras coisas, a infância produtiva. Esta criança que parece já nascer com a habilidade *touchscreen*, com capacidade de corresponder a vários estímulos ao mesmo tempo, mas que também está sendo patologizada.

Será que podemos pensar que a sociedade de controle também produz patologias? Parece que produz tanto as categorias patológicas no momento em que define o que é normal e o que é anormal, mas também produz sintomas, pois a quantidade de estímulos, de demandas por desenvolver uma infinidade de atividades ao mesmo tempo, a necessidade de aprender vários idiomas, de dar conta de atualizar e responder *email*, torpedo, *facebook*, *twitter*, *instagram*, *whatsApp*, etc. e ainda cuidar da alimentação e praticar atividade física regularmente para ter uma vida saudável, o que isso tudo produz? Hiperatividade, Ansiedade, estresse? Assim o sujeito é monitorado o tempo todo, pois não há mais como dizer que o correio está em greve e não foi possível enviar o relatório solicitado. A demanda chega por email e instantaneamente inicia a contagem regressiva do prazo de entrega. E todos estão *online* o tempo todo, não há mais o espaço fechado do trabalho e o espaço fechado da casa, tudo é fisicamente e virtualmente aberto.

A lógica da empresa “introduz o tempo todo, uma rivalidade inexplicável como sã emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo” (DELEUZE, 1992, p. 221). E na sociedade de controle, esta lógica da empresa habita também o espaço escolar, com todas as maneiras de controle contínuo do aluno, “avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola” (*Ibidem*, p.225). Assim, as escolas precisam oferecer uma infinidade de atividades além do ensino regular para atrair alunos. Tudo passa a ter valor a partir da possibilidade de formar capital humano para trazer renda no futuro.



3.2 Tecnologias de poder e verdade: produção de excelência como estratégia de governamentalidade

Quando Foucault (2010a) traz a nuclearização da família como estratégia biomédica de controle da conduta das crianças para evitar a anormalidade, apresenta a distinção das práticas direcionadas às famílias pobres das práticas direcionadas às famílias ricas. Apresento aqui apenas o percurso de constituição da família burguesa e as prescrições de cuidados com as crianças ricas, pois é este o contexto do meu problema de pesquisa.

É justamente no seio da família burguesa do final do século XIX e início do século XX, que vão se constituir as teorias psicológicas. Toda a construção do modelo de família e de desenvolvimento humano das teorias psicológicas é feita com base na análise da família nuclear burguesa e isto foi aplicado para toda a população produzindo normas de condutas que correspondem a um modelo burguês (FOUCAULT, 2010a).

No modelo burguês, a família precisa estar cada vez mais unida e os pais cada vez mais próximos dos filhos para assegurar o desenvolvimento saudável, por meio do controle do corpo da criança. A família é incentivada a relações mais afetivas e de proximidade corporal, em que a sexualidade da criança pode ser perigosa, precisando ser controlada pelo adulto.

O contexto que Foucault (2010a) retrata diz respeito aos séculos XVIII e XIX, no momento em que a masturbação na infância e adolescência, na família burguesa, era tida como uma prática extremamente prejudicial à saúde e era a justificativa para uma infinidade de doenças chegando a levar até mesmo à morte. O masturbador constituía a figura do monstro, do anormal neste período, desta forma a psiquiatria se insere na família burguesa com a prescrição de diversas práticas para a contenção da masturbação.

As famílias burguesas contavam com as criadas para cuidar dos filhos, porém, esta prática foi abominada pelos médicos, pois afirmavam que a culpa pela masturbação infantil era dos adultos que conviviam com a criança. O adulto significava perigo para a criança. Desta forma, seria necessário prestar mais atenção nos cuidados de higiene, por exemplo, para não estimular os órgãos genitais, de modo que os pais precisavam estar constantemente vigilantes quanto ao comportamento dos filhos e utilizar de todas as ferramentas possíveis para controlar o corpo dos filhos.

E hoje observamos não exatamente a vigilância sobre as práticas relacionadas ao corpo, mas uma necessidade de vigilância que torna um atrativo para os pais em colocar os filhos em uma escola que oferece a possibilidade de monitoramento em tempo real do filho.

Ou seja, os pais já não precisam estar constantemente junto com os filhos, desde que estejam seguros de que onde estiverem, podem vigiar o que o filho está fazendo, como apresentamos na imagem a seguir:

Fig. 12 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

O monitoramento *online* da criança se torna mais um atrativo da escola, em que os pais poderão ter certeza do que está acontecendo com o filho enquanto está na escola. Em uma sociedade que estimula o medo e a sensação de insegurança, principalmente ao acompanhar um simples noticiário televisivo, onde atrocidades são divulgadas o tempo todo de forma sensacionalista. Ter a possibilidade de monitorar o filho se torna mais uma necessidade no rol das tecnologias de investimento na criança. Deste modo, o investimento no capital humano, que constitui o *homo oeconomicus* na sociedade de controle, passa também pela necessidade de proteção de segurança.

Retomando o texto de Foucault (2010a), esta necessidade de proximidade entre pais e filhos possibilita que a família-célula, ocupe o lugar da família relacional. Foi esta necessidade de proximidade dos corpos que constituiu a base da família moderna, que se dá a partir da medicalização da família, ou seja, do momento em que o médico passa a ditar as normas de conduta da família e esta por sua vez tem o dever de procurar o médico e confessar minuciosamente todas as suas práticas para que o profissional identifique a causa das desordens e prescreva a conduta para normalização.

É, portanto, no núcleo da família que se dá a correção do anormal. Esta prática se atualiza no presente de modo que a família é responsabilizada pelo que acontece com a criança. Daí deriva também o apelo aos pais para investir no futuro dos filhos, como apresentamos na figura a seguir:

Fig. 13 – *Outdoor* fotografado em dezembro de 2014, em Jaú, SP.



Fonte: Acervo pessoal

Desta forma, vai depender dos pais, para que os filhos alcancem grandes resultados no futuro. E esta responsabilização dos pais pela normalização das crianças e consequente nuclearização da família compõe também o campo de estratégias de interesse político e econômico, pois assim, “os pais têm que cuidar dos filhos, os pais tem que tomar conta dos filhos, nos dois sentidos: impedir que morram e, claro, vigiá-los e, ao mesmo tempo, educá-los. A vida futura das crianças está nas mãos dos pais” (FOUCAULT, 2010a, p.221). Assim, os enunciados das propagandas de tecnologias de investimento na infância são, geralmente, direcionados aos pais, enfatizando esta responsabilização dos adultos pelas crianças.

Ainda conforme Foucault (2010a), nos séculos XVIII e XIX, o ideal prescrito pelos psiquiatras era que todos os adultos intermediários no processo de educação fossem tirados do convívio com os filhos, cabendo o cuidado e a educação exclusivamente aos pais, para ter a garantia de que tudo aconteceria conforme indicação médica.

Este investimento na família como estratégia de governo constitui-se por um processo que Foucault (2010a) considera como de medicalização. A medicalização da família não está relacionada apenas às recomendações médicas sobre como os pais devem controlar os filhos, mas tudo aquilo que normatiza a família e prescreve formas de conduzir a conduta para evitar problemas. Na atualidade a medicalização da infância está relacionada também às normatizações de atitudes e comportamentos necessários para que a criança se torne um adulto eficiente, como matricular o filho em determinado curso, por exemplo.

Na atualidade, a família continua responsável pela criança, mas precisa contar com especialistas para garantir esta educação, visto que os pais não possuem todo o conhecimento e as habilidades necessárias para produzir um adulto com elevado capital humano. Assim, os

pais são responsáveis por proporcionar aos filhos acesso à melhor escola, ao melhor curso de inglês, à nutricionista que vai prescrever uma alimentação que garantirá sua saúde até a velhice, etc. Deste modo, a prática da responsabilização da família pelo cuidado das crianças do passado se atualiza no presente, mas agora pelo formato empresa, na medida em que se articula a diferentes elementos para a produção do capital humano da criança.

No mesmo período do século XVIII em que surge toda esta necessidade de aproximação dos pais com os filhos como necessidade de controle do corpo, o Estado propõe controlar a educação dos filhos. A proposta é que os pais cuidem dos filhos, para garantir a sobrevivência e então os entregam ao Estado com saúde e força para serem educados de modo a garantir o desenvolvimento de aptidões que serão úteis ao próprio Estado e, posteriormente, ao mercado (FOUCAULT, 2010a). Estas aptidões constituem o capital humano da criança que vai gerar renda no futuro, constituindo o *homo oeconomicus*, conforme discutimos anteriormente (FOUCAULT, 2008a).

Desta forma, para Foucault (2010a, p. 224), a preocupação com a sexualidade da criança, “[...] foi um dos instrumentos de troca que permitiram deslocar a criança do meio da sua família para o espaço institucionalizado e normalizado da educação”. Assim, o Estado assume a função de cuidar para que a criança se torne um adulto produtivo. Hoje o Estado tem o dever de proporcionar estudo a todas as crianças, mas a economia capitalista sugere que não basta! O ensino público não basta para se ter um lugar de destaque no mercado de trabalho, é necessário investir em diversas habilidades para produzir o capital, que a escola não é suficiente. Nesta lógica do controle, é preciso investir nos elementos adquiridos que compõe o capital humano, matriculando o filho o curso de inglês, kumon, curso de empreendedorismo para crianças, culinária, enfim, tudo quanto for possível estimular para aumentar o conjunto de habilidades do sujeito que vai produzir um salário elevado no futuro.

O neoliberalismo estimula a necessidade de investimento para a excelência, em que só há espaço de destaque para o sujeito altamente eficiente, ou seja, com um elevado capital humano, assim a escola, além do ensino regular, que já é anunciado como um ensino de excelência, passa a oferecer ainda investimento em atividades extra-curriculares, em período integral, para dar conta de produzir as habilidades necessárias para assegurar a renda no futuro, como apresentamos na figura a seguir:

Fig. 14 – *Outdoor* fotografado em dezembro de 2014, em Jaú, SP.



Fonte: Acervo pessoal

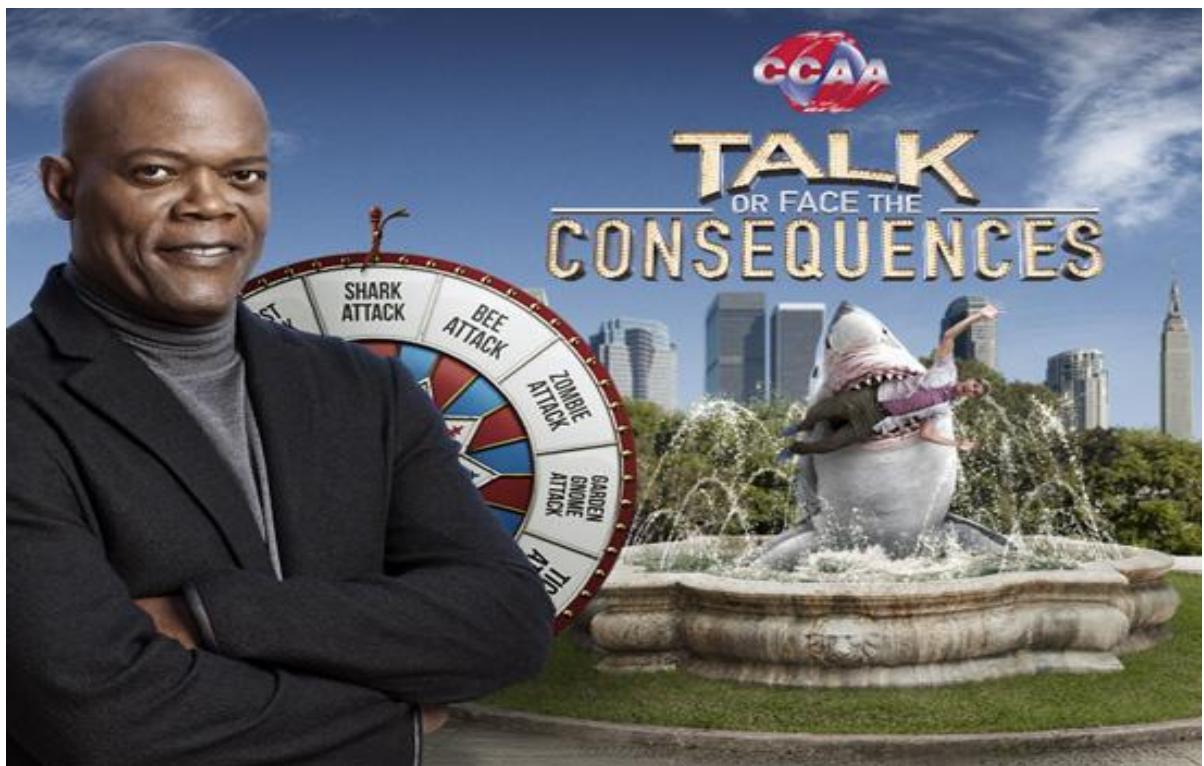
Esta constante necessidade de investimento para o sucesso faz pensar que a ausência de investimento produzirá, por outro lado, o fracasso. Hillesheim e Cruz (2010) trazem uma reflexão sobre o risco como probabilidade de perigo no futuro, e a forma como as políticas públicas direcionadas à infância e adolescência se constituem a partir desta noção, de modo que a infância, especialmente a infância pobre precisa ser investida para que não tenha um futuro pobre. Assim, na política, infância pobre é igual a risco/perigo de adulto pobre e, portanto problema para o Estado, ou seja, o pobre é visto como uma ameaça para o país. “Produz-se assim, uma equivalência entre infância pobre e infância perigosa, sendo que a prevenção surge como uma estratégia de governamentalidade” (p.75).

Na infância rica, a situação do pobre se torna uma ameaça, aquilo que se deve evitar, o risco de ser fracassado se torna uma ameaça de modo que é necessário investir no capital humano para assegurar um futuro de sucesso. Spink (2001) afirma que a gestão da vida passa então para a gestão dos riscos. Risco, neste sentido, constitui uma modalidade de relação com o tempo e o espaço, um modo de habitar o futuro, ou seja, preciso investir no presente para mudar o risco de perigo no futuro. Esta reflexão se torna uma possibilidade para pensar sobre a criança cheia de atividades, como forma de minimizar o risco de problemas no futuro. Portanto, a importância dos dispositivos de segurança na sociedade de controle para a possibilidade de investimentos seguros no capital humano.

E a vida se torna uma sequência de compromissos, nos quais o sujeito precisa se submeter “em prol” de sua própria existência. A criança precisa cumprir uma infinidade de compromissos para competir futuramente no mercado de trabalho. As propagandas se apresentam cada vez mais agressivas, que posso comparar a verdadeiras ameaças para aqueles

que não se submetem, como na publicidade abaixo, preciso falar inglês ou vou arcar com as consequências.

Fig. 15 – Propaganda de escola de inglês.



Fonte: <http://www.ccaa.com.br/canalccaa/learning/page/3/>, Disponível em 22 de março de 2015.

Ou seja, não restam alternativas, fale inglês ou será atacado de alguma forma, que a roleta da vida sortear. Não será um ataque de tubarão ou de abelhas, mas uma perda equivalente à própria vida, que está associada à lógica do mercado. Ser recusado em um trabalho, por não falar inglês, seria como ser devorado por uma fera e responsabilizado por isso.

A noção de risco como perigo no futuro, constitui um aspecto importante a ser considerado ao olhar para as crianças com agendas repletas de investimentos. O risco de um adulto fracassado, ou que não se sustente, justifica a intensificação dos investimentos na criança, como prevenção de fracasso no futuro. E esta se torna a lógica da atenção à criança, constituindo um padrão de normalidade, em que aqueles que não conduzem a vida se ocupando da prevenção de problemas no futuro, são incluídos num campo de anormalidade.

A partir de Duarte (2009), surge o questionamento sobre a situação dos sujeitos que não ingressam nesta dinâmica de competição. O que fazer com aqueles que não entram nesta busca cada vez mais acirrada por ser melhor? Por uma forma de viver e consumir que parece nunca ser o suficiente? O que fazer com aqueles que não conduzem o presente investindo no futuro?

No texto, *Foucault e as novas formas da biopolítica: o fascismo contemporâneo*, o autor supracitado reflete sobre a presença do fascismo que se difunde silenciosamente no cotidiano e afirma que:

Podemos denominar certos discursos e práticas recorrentes do presente enquanto propriamente fascistas, na medida em que eles determinam insidiosamente uma padronização homogeneizada de comportamentos, sentimentos e falas que invadem e regulam previamente todos os domínios da vida social cotidiana, abafando a produção das diferenças a partir do mercado econômico como novo lugar de produção de verdade, de desqualificação e de aniquilação (DUARTE, 2009, p.49).

Com esta afirmação, o autor ajuda a pensar na normalização da infância rica, em que só há espaço para aqueles que se ocupam em ser produtivos. Nos consultórios “psis” particulares, existe uma grande procura por atendimento às crianças e é importante ponderar as práticas da psicologia, para que não se reforce estas práticas fascistas, em que aqueles que não estão dentro de uma “norma”, são incluídos na categoria de “anormais” e precisam, portanto, de normalização. Mas como escapar desta lógica mercadológica que torna o normal cada vez mais inalcançável?

As exigências são cada vez mais específicas e as demandas por tratamento variam desde problemas de disciplina na escola ou em casa, passando por preocupações com a criança que maltratou o animal de estimação, ou ainda nos dias de hoje como no século XVIII, crianças que se masturbam (FOUCAULT, 2010a). Enfim, são inéditas as demandas por tratamento e se espera do psicólogo que torne a criança normal. E normal aqui se constitui a partir da lógica neoliberal: a criança que, desde já, demonstra elementos pelos quais se pode identificar que será um adulto de sucesso.

Além das demandas cada vez mais frequentes por psicoterapia, o laudo ou parecer psicológico também pode reforçar uma situação de exclusão, ou inclusão na categoria dos anormais, pois muitas vezes define a pessoa e a circunscreve em palavras e percepções que as limitam, que as impedem de vivenciar outras possibilidades. Marca o seu lugar na sociedade, e a partir de tais documentos, decisões são tomadas em relação a estas vidas de modo que a pessoa não tem muitas possibilidades por se tratar de um “documento científico”.

Observamos que a medicalização da família, a necessidade de ocupar o tempo da criança, de se criar tecnologias cada vez mais sofisticadas de investimento para a excelência, de monitoramento da conduta da criança estabelece padrões de normalidade. Estes padrões produzem ao mesmo tempo a figura do normal e do anormal, que se constitui a partir das diferentes formas de investimento das estratégias de governamentalidade para o governo da

sociedade. Essas estratégias têm como um dos focos, a produção do *homo oeconomicus*, do sujeito empreendedor de si, do sujeito que conduz a vida de modo a fazer parte de uma sociedade. Trata-se do sujeito da norma, ou da figura do normal aquele ser produtivo, que investe no seu permanente desenvolvimento. A figura do anormal é aquela do desvio do empreendedorismo de si, daquele sujeito que, de diferentes formas, é colocado de encontro com a norma.

Desta forma podemos pensar no psicólogo exercendo o papel semelhante ao do psiquiatra dos séculos XVIII e XIX (FOUCAULT, 2010a), como sendo um dos profissionais responsáveis por determinar a conduta da família e das crianças para prevenir problemas no futuro, bem como para normalizar aquilo que escapa ao esperado. E isto se torna possível também porque as teorias psicológicas se fundamentam no contexto da família nuclear burguesa e produzem assim normativas do desenvolvimento humano, conforme apresentamos no próximo capítulo.

4 INVESTIMENTOS PARA A EXCELÊNCIA E AS PRÁTICAS "PSI"

The image is a collage of four magazine advertisements for schools in Brazil:

- Top Left:** Nova Geração Colégio. The ad features a large circular logo with a star and the text "NOVA GERAÇÃO" and "COLÉGIO". Below it, the slogan "FORTE NO ENSINO" is displayed above a photo of a smiling man in a white t-shirt with "ENG" and "NOVA GERAÇÃO" on it. The text "EXCELENTE NOS VALORES" is to the right. Contact information: R. Albert Sabin, 851 • Tavelinópolis • 67 3331 1591.
- Top Right:** Sunatriz. An advertisement for Sunatriz featuring two children, a boy and a girl, smiling. The text "TCHAU TCHAU DIFICULDADE NA ESCOLA" is prominently displayed in a red box. The Sunatriz logo is in the top right corner.
- Bottom Left:** Unisinos. An advertisement for Unisinos featuring a large blue logo. The text "UNISINOS" is at the bottom left, and "Polo Florianópolis COLÉGIO CATARINENSE" is at the bottom right. The slogan "A UNISINOS CONECTA VOCÊ COM SEUS PROJETOS DE VIDA." is written vertically on the left side.
- Bottom Right:** Feliz Idade. An advertisement for Feliz Idade featuring four children in yellow shirts with the "Feliz Idade" logo. The text "A FELIZ IDADE CRESCEU, AGORA TAMBÉM É MEGABRAS". is at the top. The "FELIZ IDADE" logo is in the center. The text "Matutino, vespertino e integral" and "Do berçário ao 9º Ano." is on the right. Contact information: (67) 3326-1828, Rua Alagoas, 268 - Jardim dos Estados, escolafelizardade.com.br.

Apresento neste capítulo, algumas teorias encontradas no meio acadêmico, consideradas, portanto, científicas, oriundas da psicologia, psiquiatria, pedagogia, ou áreas afins que, de algum modo, compõe este emaranhado de fios que produzem a infância de sucesso. Trouxe as teorias com as quais me deparei ao longo do desenvolvimento da pesquisa, neste percurso cartográfico com a infância de sucesso, que me possibilitam encontrar aspectos que tornam possíveis as práticas neoliberais que produzem a criança eficiente e a infância como um momento da vida que precisa ser investido a fim de que, quando crescer, se torne um adulto produtivo.

Apresento ainda neste capítulo, algumas linhas genealógicas que ajudam a pensar a produção do sujeito individualista, competitivo, voltado para si mesmo, que compõem este campo de estudos sobre o humano na modernidade. Discuti anteriormente, as estratégias de governamentalidade em que a produção da infância compõe estratégias de governo do outro e de si, como forma de empresa, como parte da economia neoliberal, da produção de capital humano e constante controle. É importante também refletir sobre as condições de possibilidades para o sujeito que investe em si, em termos de modalidades de relação consigo, do modo como o sujeito regula sua conduta para obter sucesso.

Na perspectiva moderna, a ciência busca explicações e classificações, de modo que a vida humana passa a ser classificada a partir de etapas de desenvolvimento, que variam de acordo com os estudos de cada autor. Em cada etapa, são descritas características que compreendem aspectos físicos, cognitivos, psicossociais, ou outras categorias possíveis. A partir das descrições, se estabelece o que é esperado que aconteça com a pessoa em cada etapa, que por sua vez se torna a norma das quais derivam as explicações para o que escapa ao esperado, que é incluído no campo da anormalidade.

Papalia, Olds e Feldman (2006), no livro Desenvolvimento Humano, apresentam um quadro com a descrição de oito períodos do Ciclo Vital (p.52-53), a saber: Período Pré-natal (concepção ao nascimento); Primeira infância (nascimento aos 3 anos); Segunda Infância (3 aos 6 anos); Terceira Infância (6 aos 11 anos); Adolescência (11 aos aproximadamente 20 anos); Jovem Adulto (20 aos 40 anos); Meia-idade (40 aos 65 anos); Terceira Idade (65 anos em diante).

Para cada uma das etapas do ciclo vital, as autoras descrevem os principais aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, que serão detalhadas ao longo do livro. Não vou me ater aos detalhes do desenvolvimento, trago apenas algumas linhas cartográficas que ajudam a pensar no modo como os regimes de verdade das teorias científicas que circulam no tecido social, produzem sujeitos e práticas.

As autoras afirmam nos aspectos psicossociais da primeira infância que, “Desenvolve-se um apego a pais e a outras pessoas. Desenvolve-se a autoconsciência. Ocorre uma mudança da dependência para a autonomia. Aumenta o interesse por outras crianças” (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006, p.52). Deste modo fica definido o que deve acontecer, com a criança até os 3 anos e a criança que não apresentar estas habilidades, se torna foco de atenção para identificar o que aconteceu e o que precisa ser feito para sua normalização.

Assuntos relacionados ao aspecto profissional são apresentados apenas nas características do desenvolvimento cognitivo da adolescência, por exemplo: “Algumas crianças apresentam necessidade e talentos educacionais especiais. [...] A educação se concentra na preparação para a faculdade ou para a vida profissional” (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006, p.52). As autoras trazem esta questão do talento, como um elemento inato, que constitui o sujeito com inteligência acima da média, com estas crianças, as práticas serão direcionadas para desfrutar deste potencial inato para produzir sucesso. Enquanto que com os sujeitos com inteligência dentro da média, este aspecto constitui o campo dos elementos adquiridos, que precisam de investimento para produzir capital humano.

Conforme estas autoras, o normal é que apenas na adolescência iniciem as preocupações com o futuro e a necessidades de investimento na vida profissional, porém não é isto que tenho percebido com a pesquisa. Como apresento na propaganda abaixo, as crianças são foco de investimentos desde muito pequenas, ou seja, aquilo que caracterizava a adolescência passa a ser conectado a infância, de modo que esta também passe a apresentar um foco no futuro profissional.

Fig. 16 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

O Livro supracitado tem mais de 20 anos da primeira edição, estou trabalhando com a 8^a edição e não apresenta na descrição da infância esta necessidade de investimento na

preparação para o futuro profissional da criança. Esta é uma demanda bastante atual, que aparece nesta transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, em que o modelo de disciplina e a simples venda de força de trabalho em troca do salário, dão lugar ao sujeito empreendedor de si, ao *homo oeconomicus*, à necessidade de constante aperfeiçoamento e controle contínuo (DELEUZE, 1992; FOUCAULT, 2008a).

Embora Papalia, Olds e Feldman (2006) não descrevam a necessidade de investir especificamente na profissionalização da criança, esta lógica de classificar a vida em etapas e definir tudo o que deve acontecer em cada fase da vida, bem como a valorização da infância como um momento que vai definir o que a pessoa será quando adulta, produz também a necessidade de investir na profissionalização. Como apresento nas figuras abaixo.

Fig. 17 – *Outdoor* fotografado em novembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A criança deve ter um ensino que possibilite aprender com excelência para, no futuro, ter a mesma excelência se tornando um vencedor, como na figura a seguir, em que aparece o jovem que conseguiu vencer a etapa do ensino médio com sucesso e foi aprovado na universidade.

Fig. 18 – *Outdoor* fotografado em janeiro de 2015, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Do mesmo modo que, se a criança não tem acesso à determinada prática de cuidado, por parte dos pais isto lhe trará prejuízos no futuro, considerando a lógica neoliberal, é possível identificar o que é necessário fazer para que a criança, quando for adulta, não tenha prejuízos no aspecto profissional. Esta se torna uma condição de possibilidade para a necessidade de investir nas crianças que são os talentos para o futuro, (Cf. Fig.1, p.33 e 16, p.64), em que se faz necessário desenvolver o talento da criança para produzir sucesso, enquanto que não desenvolver o talento produz fracasso, de modo que este jogo constitui uma guerra social: vencer ou perder, excelente ou fracassado, normal ou anormal, em que preciso conduzir a vida para ser um vencedor.

Diversos autores da psicologia e pedagogia, defendem que a criança está apta a entrar na escola após os 6 anos de idade. Bassols, Dieder e Valenti (2001), afirmam que a criança deve sair da idade pré-escolar (3 aos 6 anos) preparada para entrar na escola, visto que já possui as habilidades primárias de socialização desenvolvidas, como por exemplo, se vestir e se alimentar sem ajuda de um adulto, o controle dos esfíncteres e até das emoções, como não ocorria em fases anteriores, em que não possuía controle da raiva e do choro.

Mesmo com estas teorias, o que tenho observado é que o ingresso na escola ocorre cada vez mais cedo, de modo que até mesmo os bebês já possuem espaços pedagógicos nos berçários, como na figura a seguir:

Fig. 19 – Digitalização de artigo do Jornal Educação

No berçário também se aprende

Antes de ser somente um local onde as crianças ficam apenas para se alimentar, enquanto suas mães trabalham, hoje, o berçário da Escola Paulo Freire tem um papel fundamental no desenvolvimento da área cognitiva e afetiva dos bebês.

É comprovado que bebês que recebem estimulação de brinquedos que permitem sua participação ativa através do seu manuseio e não apenas como observador, desen-

volvem mais a inteligência e demonstram maior interesse pelo aprendizado. A brincadeira permite um extravasar dos sentimentos, auxilia na reflexão sobre a situação, criando várias alternativas de conduta para o desfecho mais satisfatório ao seu desejo. O ato de brincar com outras crianças favorece o entendimento de certos princípios da vida, como o de colaboração, divisão, liderança, obediência às regras e competição.



Fonte: Jornal Educação. Campo Grande, MS: Escola Paulo Freire, 2013, p.4.

A publicidade se utiliza de discursos “científicos” para endossar a estratégia de venda como na frase da figura (19): “É comprovado que bebês que recebem estimulação de brinquedos que permitem sua participação ativa através do seu manuseio e não apenas como observador, desenvolvem mais a inteligência e demonstram maior interesse pelo aprendizado.” (EDUCAÇÃO, 2013, p.4). Deste modo, as teorias de desenvolvimento são articuladas às estratégias mercadológicas para “comprovar” a necessidade de colocar o bebê na escola a fim de garantir que seja um adulto inteligente e interessado pelo aprendizado, ou seja, um adulto de sucesso.

Não são apenas as teorias desenvolvimentistas que são utilizadas na normalização da infância, há um desdobramento das teorias que se conectam com a sociedade de controle e a demanda capitalista e neoliberal, de que é preciso estar em constante aperfeiçoamento, há também a necessidade dos pais por ter um lugar para deixar os filhos enquanto estão fazendo outras coisas.

Deste modo, os discursos publicitários promovem a “solução” de várias questões, por exemplo: pais que trabalham o dia todo e não tem com quem deixar os filhos; preocupação com o futuro profissional dos filhos; mercado de trabalho competitivo que exige cada vez mais eficiência; normatizações prescritas pelas teorias desenvolvimentistas; enfim, a infância está neste campo agonístico de forças, numa sociedade capitalista em que se produz necessidade para produzir consumo, e a criança por sua vez é consumida pela necessidade de ocupar o presente com investimentos para o futuro.

Apresento algumas considerações sobre as condições de possibilidades para o aparecimento destas teorias no final do século XIX e século XX. Desde os primeiros séculos do cristianismo, o cuidado de si, como práticas de relação e constituição de si, foi permeado por práticas cristãs, como o exame de consciência e a confissão, que incentivavam o conhecimento de si mesmo, a reflexão sobre a conduta e os comportamentos. É a partir do cristianismo e das práticas de confissão que se começa a pensar sobre a individualidade e as minúcias do comportamento dos sujeitos, como modalidades de relação do sujeito consigo mesmo, a partir de distintas finalidades, tais como, o acesso a verdade seja de si ou da incorporação de uma determinada crença.

A confissão, inicialmente uma prática cristã, que tinha como objetivo a salvação da alma, com a modernidade, é tomada pela ciência e se torna um meio de tratamento e cura de diversas doenças. As práticas de reflexão sobre si, de pensar sobre os próprios comportamentos continuam a ser privilegiadas, são atualizadas no presente, em nome da ciência, pelo conhecimento da subjetividade, do inconsciente, do que está supostamente escondido dentro de si (FOUCAULT, 1988).

A partir das confissões, da análise e interpretação dos desejos, os comportamentos passam a ser classificados em adequados e inadequados, o que se deve ou não fazer, e o sujeito passa a pensar sobre si e se subjetivar a partir da introspecção, da busca de uma verdade dentro de si. Desta forma também a psicanálise se torna possível, pois confessando sobre si, o sujeito acessa sua verdade e se torna livre. A medicina e especialmente as áreas “psis”, como “detentoras da verdade do sujeito”, classificam os comportamentos normais e anormais, indicando como se deve conduzir a vida e, sobretudo, como acessar a verdade sobre si mesmo (FOUCAULT, 2010a).

Este jogo de forças entre os discursos de normalidade das ciências modernas e os indivíduos que passam a se constituir a partir de tais normalizações ajudam a pensar sobre esta constante busca pela normalidade, que hoje se apresenta como a busca pela excelência. Foucault (2010a) reflete sobre a aproximação do Direito e da Psiquiatria para dar explicações

para os crimes. Nesta aproximação a psiquiatria vai buscar na infância explicações que justifiquem crimes cometidos por adultos e aos poucos a infância é normatizada com todo um rol de procedimentos para conduzir a criança de modo que não se torne um adulto-problema, mas ao contrário seja um adulto saudável. Na atualidade, já não estamos mais pensando apenas em saúde, as práticas de investimentos na infância constituem a produção de excelência; ou seja, é preciso investir na criança para produzir adultos eficientes.

Assim como as confissões tinham o objetivo de purificação da alma, hoje muitas práticas médicas, psicológicas, jurídicas, enfim, práticas não religiosas têm, como finalidades terapêuticas, o autoconhecimento a partir da verbalização sobre si mesmo. O legado cristão da introspecção e auto-análise recebe a reformulação da ciência moderna especialmente por meio das práticas psi, em que este pode ser o método para alcançar a cura. Tais práticas fazem parte do cuidado de si, definido por Prado Filho (2009, p.244) como:

[...] mais uma forma entre as práticas do sujeito em relação a si mesmo, nas relações do sujeito consigo mesmo, que encontra-se exaltada em uma determinada cultura, em determinado momento histórico, porém assumindo lugares e importâncias secundários em outros.

As práticas de interiorização da modernidade trazem também, a valorização de si mesmo, tornando o indivíduo o centro e produzindo comportamentos e valores individualistas. É possível problematizar a infância a partir desta reflexão sobre o cuidado, pois as crianças são investidas, desde muito pequenas, por práticas individualistas, como todas as tecnologias que apresento ao longo da pesquisa que estimulam as habilidades da criança para que se tornem cada vez melhores, por exemplo, a divulgação a seguir:

Fig. 20 – *Outdoor* fotografado em fevereiro de 2015, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A propaganda traz o questionamento: “seu filho é ótimo na escola, mas você deseja melhorar seu rendimento? Conte conosco!” Será que ser ótimo na escola não é o suficiente? O que seria suficiente? Tais práticas promovem a necessidade de investir constantemente em si, de pensar sobre si, se conhecer e descobrir a verdade dentro de si, de modo a fortalecer suas potencialidades para se adequar a norma de ser cada vez mais eficiente, nesta sociedade de controle, em que nem o ótimo escapa da necessidade de investimento (DELEUZE, 1992).

Crianças, especialmente aquelas de classes médias e altas, já se desenvolvem em ambientes que privilegiam ou estimulam práticas de individualismo, por exemplo, desempenho na escola é avaliado individualmente, ela é estimulada a se destacar e a competitividade é instigada para que busque sempre a excelência, e desde muito novas, já são investidas para se tornarem adultos de sucesso. E tal sucesso está geralmente relacionado ao aspecto profissional.

Apresentamos abaixo o *outdoor* que traz o enunciado “Saber e Ser mais”, em que há uma aproximação entre o saber e o ser, que permeia este campo da educação em que aquele que sabe mais é e será mais no futuro. Será mais rico, terá acesso e poderá fazer mais coisas do que aqueles que não possuem “o saber”. Saber aqui é entendido como acúmulo de informações que permitem, por exemplo, o ingresso em uma boa universidade, para garantir um lugar de destaque no mercado de trabalho.

Fig. 21 – *Outdoor* fotografado em outubro de 2013, em Florianópolis, SC.



Fonte: Acervo pessoal

Aqui retomamos o conceito foucaultiano de *homo oeconomicus*, este sujeito que se pensa a partir da economia, que precisa saber para ser mais, que a quantidade de conhecimentos que possui é igual ao valor de seu capital humano e este capital será contabilizado monetariamente, quando receber seu salário.

As tecnologias de investimento no capital humano da criança são necessárias para atender as demandas da sociedade de controle de constante investimento, de modo que explorar ao máximo as habilidades da criança se torna a norma na sociedade de controle. Deste modo, a constituição de subjetividades se dá a partir destas práticas de investimento e da relação do sujeito consigo mesmo, em que há a valorização da interioridade, do investimento em si e consequente individualismo que se produz pelo acúmulo de saber. A partir deste jogo, o sujeito se torna responsável por investir em si, por saber mais e deste modo atender às demandas mercadológicas.

É interessante pensar na forma que se utilizam para despertar esta necessidade de ser melhor, de ser brilhante, como no *outdoor* apresentado abaixo, em que a divulgação da escola se apresenta como um “Lugar de mentes Brilhantes!” e está localizada na área de um parque de diversões, em que há grande número de circulação de crianças e pais de crianças em idade escolar, como é possível observar pela imagem a seguir.

Fig. 22 – *Outdoor* fotografado em outubro de 2013, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Um menino com o estereótipo de uma criança muito inteligente, que se apresenta estudando, de óculos, com símbolos do universo científico ao seu redor, o cérebro, que é uma descoberta moderna, a cadeia dos elementos químicos, o livro, uma letra do alfabeto grego, utilizada nas ciências exatas, entre outros símbolos que compõe o universo daqueles que tem uma mente brilhante. E o que estas propagandas provocam nos sujeitos? E por que a necessidade de divulgar uma nova equipe pedagógica e o alto nível de ensino? Parece que compõe mais um rol de práticas que surgem para atender esta demanda pela excelência, em que a escola não é mais apenas um lugar de transmissão de conhecimentos, mas de produção de mentes e futuros brilhantes, como apresentamos na figura abaixo:

Fig. 23 – *Outdoor* fotografado em janeiro de 2015, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

O presente é colado ao futuro de forma que o quanto o sujeito investe em si vai produzir o que ele será no futuro, portanto aquelas caracterizações relativas à adolescência tornam-se estratégias para a infância, como nas propagandas apresentadas acima: o sujeito estuda em uma escola de “mentes brilhantes” e terá o “futuro mais brilhante”. O cuidado com a infância, como um cuidado com o futuro da criança, absorve elementos do que se constitui como modalidade de subjetivação da adolescência – a vida profissional. Deste modo, uma sociedade de controle que se apoia em um regime de verdade no qual presente e futuro compõem um mesmo campo, ou seja, não há como na sociedade disciplinar um tempo-espacô específico para cada uma dessas fases de desenvolvimento, agora a infância já é um investimento na adolescência como estratégia para a constituição de um adulto de sucesso. Assim, essas tecnologias de cuidado, como aquelas que se voltam para a excelência da criança, operam em uma lógica de empreendedorismo de si. O cuidado assume a forma de um inesgotável conjunto de práticas que vão desenvolver sempre algo mais para a excelência.

Apresento um *folder* de uma instituição divulgando cursos de matemática, português, inglês e japonês e traz o enunciado: “Futuro promissor e feliz!”, ao lado de todas as competências estimuladas pelos cursos, dentre as quais citamos a concentração, autoconfiança, independência, postura ativa, entre outras. A necessidade de estimular tais competências são formas de conduzir a própria conduta para a excelência, são exercícios de constituição de si, ou seja, o sujeito precisa desenvolver determinadas características para se tornar empreendedor de si, investindo seu tempo e esforços na formação contínua.

Fig. 24 – *Folder* recebido por correio em maio de 2013, em Campo Grande, MS.

Assim como o Gabriel, pessoas de qualquer idade têm a oportunidade de se desenvolver de acordo com o seu ritmo e esforço. E é por isso, inclusive, que muitos alunos optam por estudar simultaneamente mais de uma disciplina, uma vez que podem potencializar seu desenvolvimento intelectual e acadêmico. Além de estudar Matemática, por exemplo, o aluno também pode se aprimorar em Português, Inglês e até mesmo Japonês.

Saiba mais em: www.educacaoquesurpreende.com.br

► Orientação individualizada



► Material didático exclusivo e autoinstrutivo



Gabriel tem facilidade em ler, escrever e interpretar textos.



**BASE SÓLIDA
DE ESTUDOS**

- aprendizagem contínua
- concentração
- autoconfiança

**Cálculo + Leitura
+ Interpretação**

- independência
- raciocínio lógico
- postura ativa

**Futuro
promissor
e feliz!**



Educação que surpreende

Fonte: Acervo pessoal

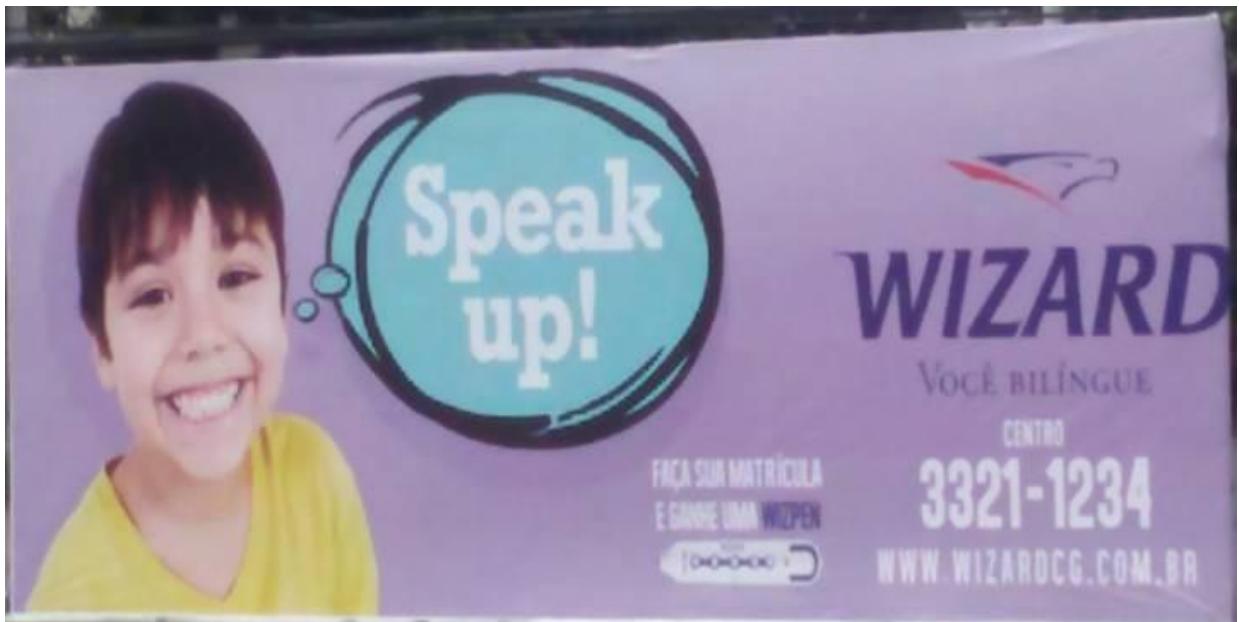
O *folder* desperta a necessidade de investimento para o futuro, sugere sucesso e felicidade para quando a criança for adulta. Apresenta ainda a história de uma criança que está tendo excelente desempenho nas suas atividades por fazer o curso. Será que de alguma forma estes enunciados vem ao encontro das inseguranças dos pais em relação ao futuro dos filhos? Mas até que ponto também a criança com uma agenda cheia não deixa os pais mais

disponíveis para suas atividades? Será possível garantir o futuro dos filhos investindo na infância?

Longe de encontrar as respostas, podemos pensar nas condições de possibilidades para estes enunciados, a partir dos regimes de verdades que circulam no cotidiano, das teorias de desenvolvimento humano que apresentamos neste capítulo, em que tais regimes produzem a valorização da infância como determinante dos acontecimentos futuros. O modo como a criança passa pelas fases do desenvolvimento, vai refletir nos problemas ou no sucesso que terá no futuro (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006; HALL; LINDZEY, 1984; OSÓRIO, 1996)

Muito antes das teorias modernas, em um dos livros sagrados das religiões judaico-cristãs, já se apresenta a necessidade de instruir a criança para garantir que seja um adulto conforme os princípios religiosos. No livro de Provérbios, capítulo 22, versículo 6, o autor instrui: “Ensina à criança o caminho que ela deve seguir; mesmo quando envelhecer, dele não se há de afastar” (BÍBLIA SAGRADA, 1992, p.803). Assim circula, em vários campos de saber, o discurso de que as vivências da criança vão refletir em toda a vida do sujeito de modo determinante.

Deste modo, é importante considerar que a governamentalidade irá apoiar-se em regimes de verdade mediante os quais a criança passa a ser objetivada pela infância, uma infância que, para Foucault (2012), começa a assumir um lugar privilegiado nas estratégias de controle da população, a partir de certas formas de cuidado que começam a definir, principalmente a relação entre pais e filhos. A infância passa a ser focalizada tanto na direção do controle e sobrevivência para a idade adulta, no sentido de produzir um número melhor de crianças, ou seja, um investimento no capital humano, quanto deste período tornar-se uma etapa de desenvolvimento útil e capaz de gerenciamento em uma sociedade de controle. Esta aproximação das tecnologias de controle com a criança constituirá a própria infância. O que permitirá o acesso à infância é justamente um campo de saberes que começa a focalizar a própria criança como estágio de desenvolvimento. Sendo assim, as tecnologias de governo da população começam a aclimatar toda uma racionalidade sobre a infância, uma infância objetivada em um conjunto de estratégias de investimento na população.



4.1 Estágios de desenvolvimento e a formação da infância

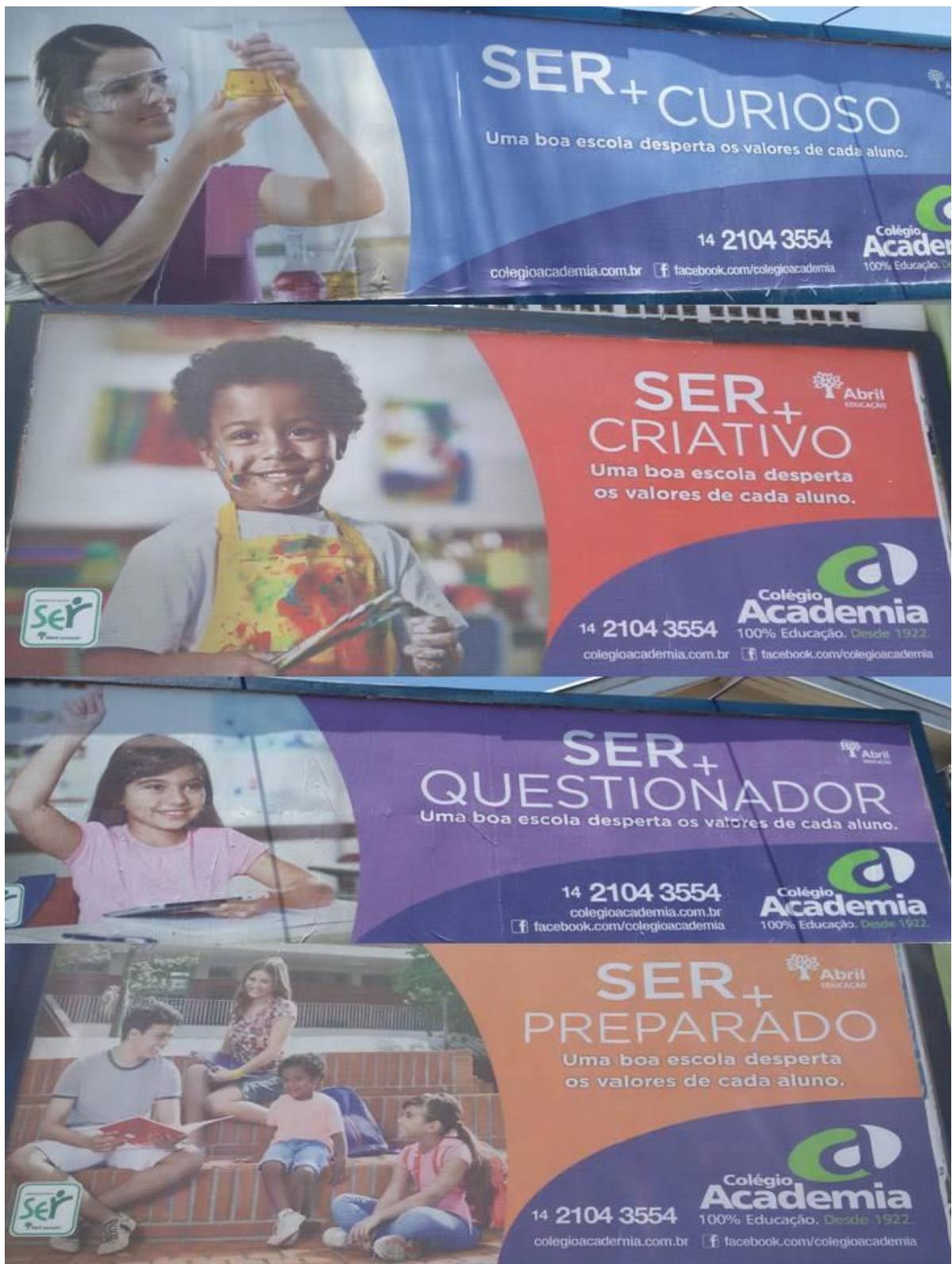
Papalia, Olds e Feldman (2006), apresentam três teorias que discorrem sobre a vida humana classificando-a em estágios: Estágios Psicossexuais, proposta por Freud, fundador da psicanálise; Estágios Psicossociais, proposta por Erikson; e Estágios Cognitivos, por Piaget. O desenvolvimento desta dimensão “psi” e cognitiva começa a tornar-se um elemento fundamental para o investimento na infância, ou seja, o “psi” e o cognitivo são linhas de composição do desenvolvimento humano, portanto, focos de investimento no humano, não sendo apenas descrições, mas, sobretudo modos de produção de subjetividades.

Para a psicanálise, a primeira fase do desenvolvimento é a oral, em que a criança tem a boca como zona erógena, é através da boca que tem suas gratificações e que experimenta o mundo. Ao longo dos dois e três anos, a criança passa pela fase anal, em que ocorrem fatores importantes para o desenvolvimento infantil, dentre os quais Zimerman (1999, p.93) cita:

[...] aquisição da linguagem; engatinhar e andar; curiosidade e exploração do mundo externo; progressivo aprendizado do controle dos esfíncteres; controle da motricidade e prazer com a atividade muscular; ensaios de individuação e separação (por exemplo, comer sozinho, sem a ajuda de outros); o desenvolvimento da linguagem e comunicação verbal, com a simbolização da palavra; os brinquedos e brincadeiras; a aquisição da condição de dizer “não”; etc.

A apresentação desta fase como um momento em que a criança demonstra curiosidade e exploração do mundo, que começa a se tornar independente produz a relação do adulto com a criança em termos da necessidade de estimular tais habilidades. Apresentamos na figura abaixo, a fachada de uma escola que se apresenta como sendo uma boa escola por oferecer a possibilidade de desenvolver estas características:

Fig. 25 – *Outdoors* fotografados em dezembro de 2014, em Jaú, SP.



Fonte: Acervo pessoal

Como descrito nos enunciados da figura acima, “uma boa escola desperta os valores de cada aluno”, estes “valores”: curioso, criativo, questionador, preparado e outros, se desdobram na relação do sujeito consigo mesmo, são elementos que devem ser produzidos na

criança como forma específica de relação consigo e que constituem modalidades de individualização do sujeito. Ou seja, a curiosidade move o sujeito que será o cientista do futuro, como a imagem da jovem num laboratório; a criatividade produz o artista do futuro e assim por diante.

Na fase anal, descrita pela psicanálise, com a aprendizagem do controle esfincteriano, a criança trabalha as sensações de retenção e expulsão, domínio ou sujeição, dentre outras consequências emocionais de reter, eliminar, dar e receber. As fezes constituem um presente da criança ao meio externo, além de ser uma forma de controlar os cuidadores por meio da retenção e expulsão (ZIMERMAN, 1999).

A terceira fase do desenvolvimento é a fálica, em que as crianças, independente do sexo, acreditam na existência apenas do órgão sexual masculino, mas ao visualizarem a mulher sem o pênis, entram em conflito pela ameaça de castração. Esta fase é caracterizada pela curiosidade sexual, masturbação e culmina com a resolução do complexo de Édipo, por volta dos seis anos (LAPLANCHE, 1991; ZIMERMAN, 1999).

Após a fase fálica, por volta dos seis anos de idade, a criança entra no período de latência, em que a sexualidade fica reprimida, e a energia se volta aos estudos, é o período de alfabetização. Laplanche (1991, p. 263) descreve os principais acontecimentos do período de latência como a redução nas atividades sexuais, “[...] dessexualização das relações de objeto e dos sentimentos (e, especialmente, a predominância da ternura sobre os desejos sexuais), o aparecimento de sentimentos como pudor ou a repugnância e de aspirações morais e estéticas”.

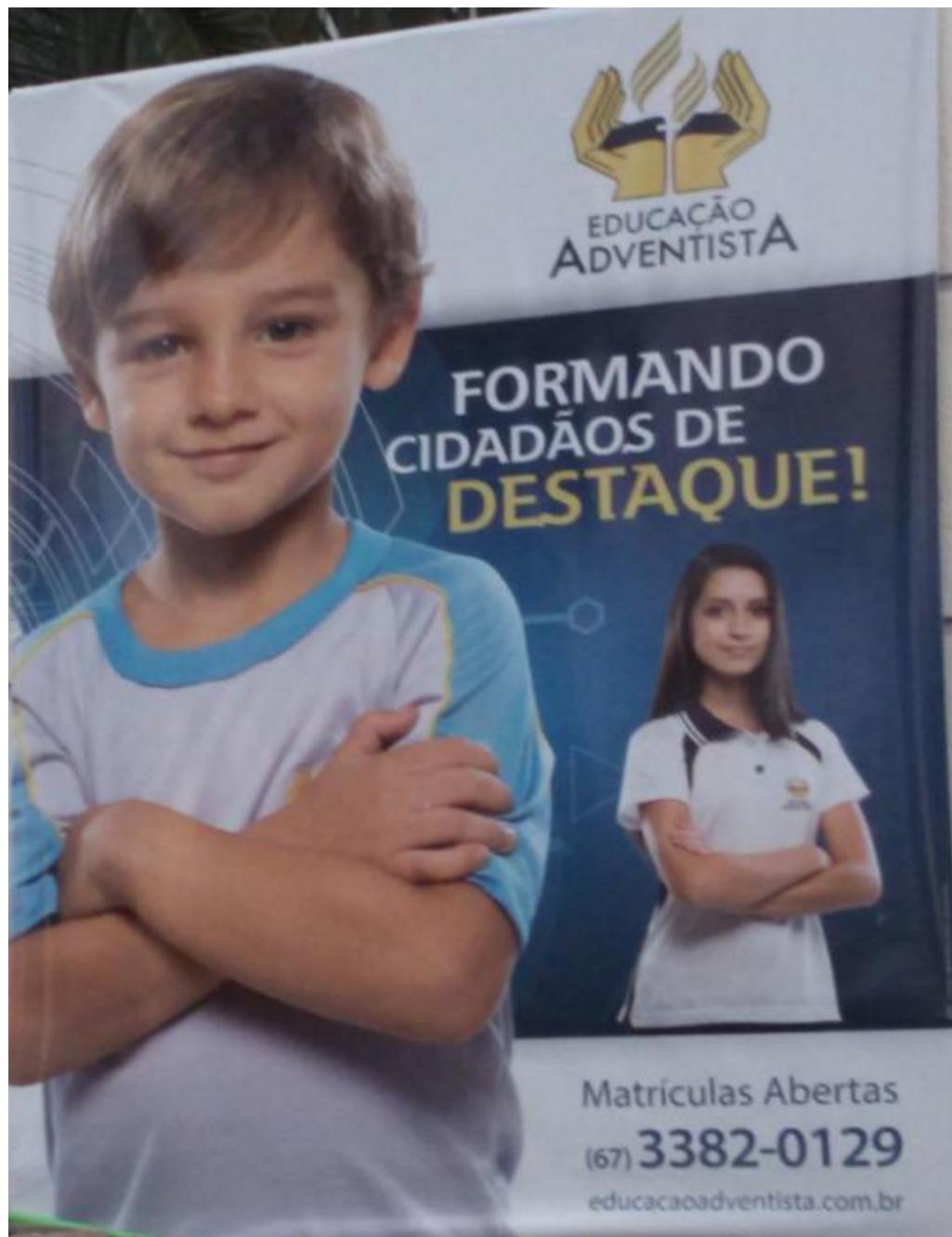
No início da puberdade até a idade adulta, o indivíduo entra na fase genital proposta por Freud (1923). Como descreve Cloninger (1999), a partir deste momento, a pessoa deixa os objetos auto-eróticos e passa a encontrar prazer e satisfação com o sexo oposto.

Ao longo do desenvolvimento das fases acima descritas, se desenvolve também o aparelho psíquico, que Freud (1923) descreve a partir de três instâncias, a saber: id, ego e superego. De acordo com Zimerman (1999) e Cloninger (1999), o id é a mais primitiva estrutura da personalidade, é constituído pelas pulsões e regido pelo princípio do prazer e da gratificação.

De acordo com os autores, outra estrutura descrita por Freud é o superego, formado a partir das repressões dos pais ou cuidadores e exerce a função de sinalizar ao indivíduo sobre suas atitudes, pensamentos ou desejos. O superego se constitui a partir da dissolução do complexo de Édipo, com a repressão dos desejos incestuosos. A proibição de tais desejos exerce papel importante na estruturação mental do indivíduo (FREUD, 1923).

O período de latência, momento em que se estrutura o superego da criança, está associado, portanto, a necessidade de investimento nos valores morais do sujeito. Para a psicanálise, nesta fase do desenvolvimento humano, a criança se abre para aprender os costumes e regras do meio em que vive. Assim, é possível investir na formação de cidadãos de destaque conforme anúncio afixado no muro de uma escola.

Fig. 26 – Cartaz fotografado em dezembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A descrição do superego permite entender que a criança precisa ter um limite, que o id, sendo os impulsos, precisa ser controlado. Isto é uma forma de governo da vida, em que a criança tem que aprender a se controlar, pois vive numa sociedade que não pode fazer o que

quierer. Desta forma, o superego é entendido como representante da cultura, como o limite que precisa ser dado ao inconsciente e aos impulsos, para viver em sociedade.

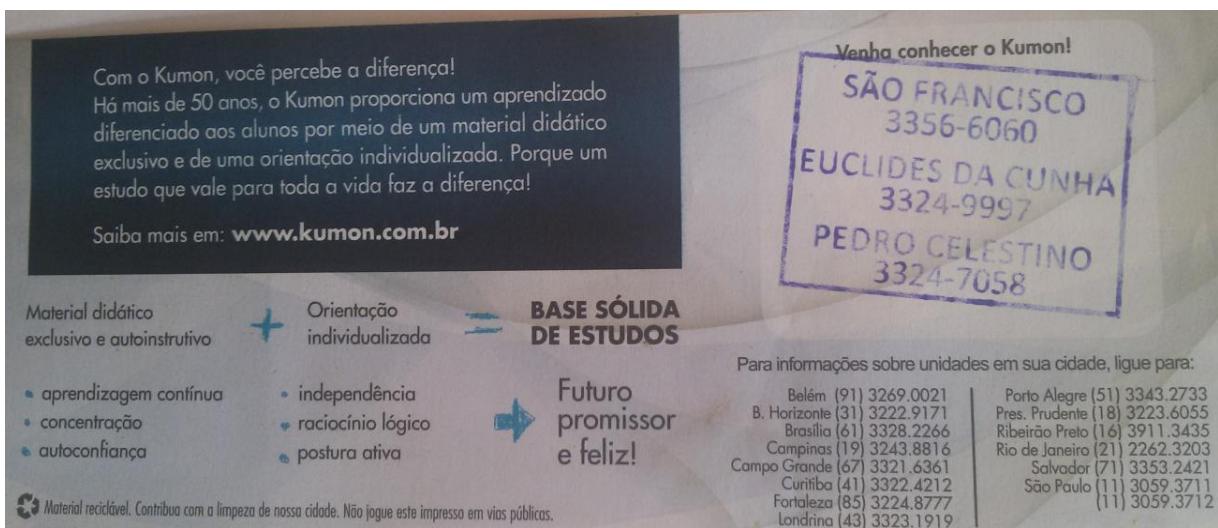
Para Freud (1923, p.38) “[...] o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo”. Cloninger (1999) afirma que o ego integra a personalidade com o mundo real, sendo, portanto, regido pelo princípio de realidade, adaptando a personalidade às exigências do mundo externo.

Neste sentido, o princípio de realidade é entendido como uma norma que conduz o comportamento do sujeito a se adaptar à realidade. O princípio de realidade dá condições de possibilidades para a produção de tecnologias de investimento para adaptar o sujeito à realidade, que constitui a formação do ego. Podemos pensar, no contado do sujeito com a realidade do mercado de trabalho, que demanda tecnologias para que a criança se torne apta a lidar com tal realidade, como por exemplo, estudar numa escola que tenha aula de educação financeira.

O ego é a estrutura racional da personalidade, que exerce função mediadora entre as pulsões e o superego, segundo Zimerman (1999, p.84), tem como funções essenciais “[...] percepção, pensamento, memória, atenção, antecipação, discriminação, juízo crítico e ação motora”, além de ser responsável pela identidade do sujeito.

Todas estas funções do ego dão sustentação às tecnologias que estimulam, por exemplo, a memória, atenção, percepção e assim por diante, de modo que o investimento na infância se atualiza em práticas de investimento nas funções do ego para o desenvolvimento cognitivo, físico, psicossocial, tendo como objetivo a produção da excelência, do sujeito criativo, ágil, dinâmico, com excelente capacidade de raciocínio. Assim, o discurso sobre a produção de excelência considera o dispêndio financeiro com a criança como um investimento e não um gasto com o filho, ou seja, uma forma empresa e um empreendedorismo de si, conforme apresento no *folder* a seguir, em que se apresentam várias habilidades desenvolvidas pelo curso e a justificativa para o investimento: “porque um estudo que vale para toda a vida faz a diferença”.

Fig. 27 – Folder recebido por correio em 2013, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Outra teoria apresentada por Papalia, Olds e Feldman (2006), é a dos Estágios Psicossociais, proposta por Erikson. O autor divide o ciclo da vida humana a partir de crises psicossociais. “As crises, que surgem de acordo com um cronograma de maturação, devem ser satisfatoriamente resolvidas para um saudável desenvolvimento do ego” (*ibidem*, p.71). Para este autor, a dificuldade na resolução de alguma crise acarretará em prejuízos ao ego.

Erikson descreve oito crises que vão moldando a personalidade ao longo da vida, são elas: 1) Estágio Sensório-Oral: crise confiança básica *versus* desconfiança (nascimento até 12 ou 18 meses de vida); 2) Estágio Anal-Muscular: crise autonomia *versus* vergonha e dúvida (12-18 meses aos 3 anos); 3) Genital-Locomotor: Iniciativa *versus* culpa (3 aos 6 anos); 4) Letêncnia: crise produtividade *versus* inferioridade (6 anos até a puberdade); 5) Puberdade e adolescência: crise identidade *versus* confusão de identidade (puberdade até o início da idade adulta); 6) Adulto jovem: crise intimidade *versus* isolamento; 7) Adulto: crise geratividade *versus* estagnação; 8) Maturidade: crise integridade de ego *versus* desespero (EIZIRIK; KAPCZINSKI; BASSOLS, 2001; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

No primeiro estágio, o sensório-oral, a criança passa pela crise de confiança básica *versus* desconfiança e esta confiança que a criança adquire, especialmente a partir da segurança dos cuidados que recebe do adulto, será o solo fértil em que estabelecerá sua confiança nos outros, mas especialmente em si mesmo ao longo da vida (HALL; LINDZEY, 1984). Desta forma, a confiança é um aspecto muito valorizado no desenvolvimento infantil, pois para esta teoria, é importante resolver esta crise da forma mais satisfatória possível para desenvolver bem as habilidades dos estágios posteriores. Esta teoria torna possível a invenção

de tantas tecnologias de investimento na infância fundamentadas na confiança, como apresentamos na figura abaixo:

Fig. 28 – *Outdoors* fotografados entre 2013 e 2015, em Campo Grande, MS



Fonte: Acervo pessoal

Não vamos descrever cada estágio do desenvolvimento psicossocial por não ser este o foco principal da pesquisa, mas é importante trazer também para reflexão a crise pela qual a criança passa dos 6 anos até a puberdade, que é a crise de produtividade *versus* inferioridade, neste período conforme o ator, a criança “deve aprender habilidades da cultura ou enfrentar sentimentos de incompetência” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p.70), com a elaboração desta crise, a criança desenvolve como virtude, a habilidade.

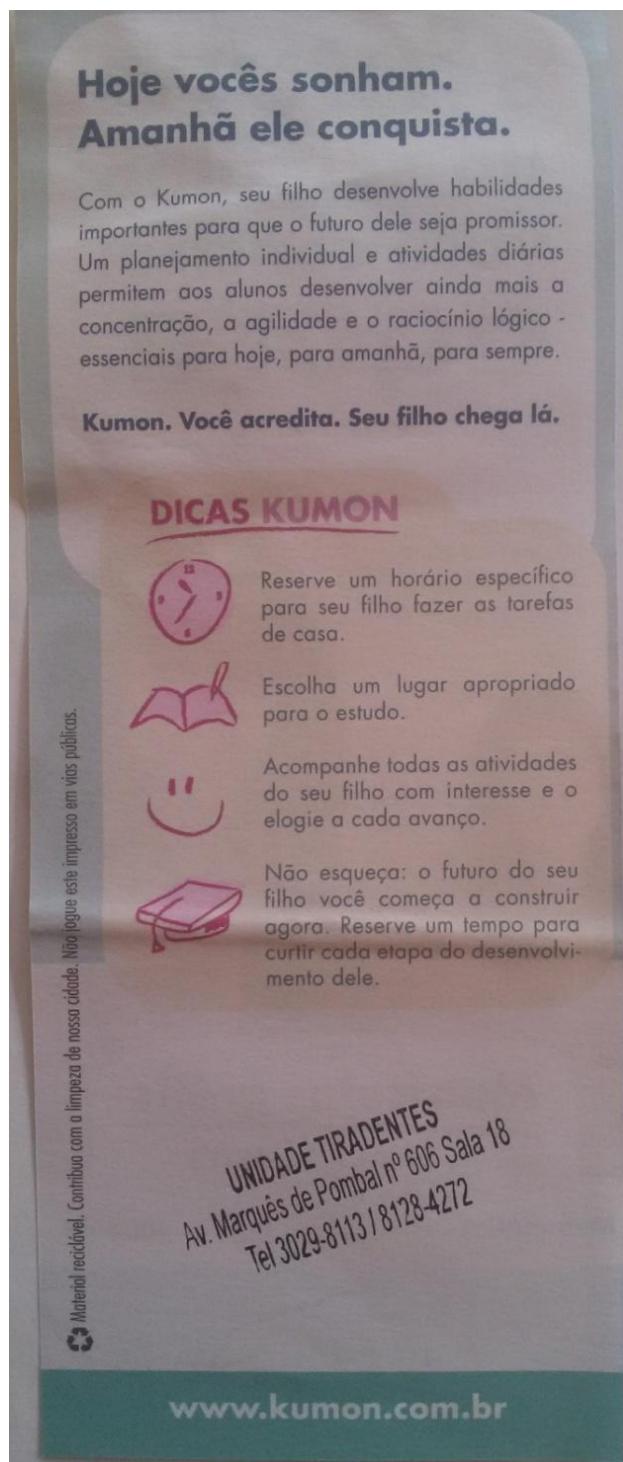
Para Erikson, neste momento da vida, a criança vai aos poucos substituindo o interesse pelos brinquedos pelo interesse por instrumentos produtivos ou ferramentas utilizadas para o trabalho.

A criança necessita agora de instruções específicas sobre os métodos fundamentais para acostumar-se com um modo técnico de vida. Está pronta e deseja de aprender sobre o uso de ferramentas, máquinas e métodos preparatórios para o trabalho adulto. Tão logo tenha desenvolvido a inteligência e a capacidade suficientes para trabalhar, é importante dedicar-se a seu trabalho para evitar sentimentos de inferioridade e a regressão do ego. Trabalho, neste sentido, inclui muitas e variadas formas, tais como freqüentar a escola, fazer serviços domésticos leves em casa, assumir responsabilidades, estudar música, aprender habilidades manuais, bem como participar de jogos e esportes que exijam destreza. O importante é que a criança deve aplicar sua inteligência e energia abundantes em algum empreendimento e direção (HALL; LINDZEY, 1984, p.71).

Diferentemente das classificações apresentadas por Papalia, Olds e Feldman (2006) sobre o que se espera de cada etapa da vida humana, em que os interesses profissionais surgem apenas na adolescência, para a teoria dos Estágios Psicossociais, a criança com idade entre 6 anos até a puberdade, precisa começar a ser estimulada quanto às habilidades de trabalho, pois é nesta fase que irá desenvolver a competência, aspecto tão valorizado no contexto profissional. Atualmente, tanto no âmbito da educação básica quanto do nível superior, os currículos se organizam com base no desenvolvimento de habilidades e competências, sendo estas, um conjunto de elementos que permite a inserção no mercado de trabalho, ou aquilo que o mercado de trabalho espera, o que Foucault (2008a) descreve como capital humano. Desta forma a conduta é regulada de modo que a inteligência deve ser canalizada para um empreendimento, ou seja, para produzir elevado capital.

Há uma infinidade de tecnologias de cuidado que promovem este período da vida da criança como o momento ideal para desenvolver habilidades. Como por exemplo, iniciar o curso de inglês, de matemática, ou ainda uma arte marcial, como no *folder* de divulgação a seguir:

Fig. 29 – *Folder* recebido por correio em 2013, em Campo Grande, MS



Fonte: Acervo pessoal

Neste sentido, a criança que fizer o curso vai concluir a crise de produtividade *versus* inferioridade de forma mais satisfatória, com mais habilidades, que garantirá que seu “futuro seja promissor”, como no enunciado do *folder* acima.

Outra teoria que ajuda a pensar no modo como os regimes de verdade produzem a infância de sucesso é a teoria dos Estágios Cognitivos, proposta por Piaget. A infância é

dividida em quatro estágios conforme seu desenvolvimento cognitivo, o primeiro é o Sensório-motor, que vai do nascimento aos 2 anos do bebê em que a principal função é a de conhecer e se adaptar ao ambiente. O segundo é o estágio Pré-operatório, de 2 a 7 anos, em que a criança utiliza da imaginação nas brincadeiras e aprende a representar o mundo através da linguagem e dos símbolos. O terceiro é o estágio das operações concretas, dos 7 aos 11 anos, em que a criança já é capaz de resolver problemas utilizando o pensamento lógico. O quarto estágio é o das operações formais, que inicia aos 11 anos e perdura por toda a vida, em que a pessoa é capaz de pensar de forma abstrata, consegue pensar sobre hipóteses e possibilidades (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A partir deste conhecimento, é possível desenvolver tecnologias de cuidado que estimulem ao máximo o potencial de cada etapa da vida, conforme apresentamos na figura abaixo.

Fig. 30 – Digitalização da capa do Jornal Educação



Fonte: Jornal Educação. Campo Grande, MS: Escola Paulo Freire, 2013, p.1.

Esta é a capa do jornal de uma escola que apresenta o ensino dividido por etapas e todas as formas de atividades para estimular ao máximo o potencial da criança em cada etapa da vida. A primeira etapa é a educação infantil, que inclui o berçário e primeiros anos de vida, em que as atividades tem o objetivo de desenvolver a imaginação e aprendizado com amor, utilizando brinquedos, músicas, roda de leitura, parque de areia e outras. A equipe editorial do jornal afirma que “O nosso professor é um profissional que deve, necessariamente, ser um estudioso dos processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, capaz de realizar com competência a mediação entre os objetos do conhecimento e a criança” (EDUCAÇÃO, 2013, p.4). Ou seja, não basta ter formação para dar aula, é necessário ser estudioso da “ciência infantil” para estimular o máximo das potencialidades da criança. As práticas pedagógicas apresentadas em cada etapa da educação no jornal são fundamentadas em teorias científicas.

No ensino fundamental I, a escola insere no processo de aprendizagem, poesia, matemática e raciocínio lógico, filosofia, sustentabilidade, esportes como judô, futsal, balé e ainda educação financeira, em que os alunos aprendem sobre os bens de consumo, o que é essencial para a sobrevivência e o que é supérfluo, o que precisam ter e o que apenas desejam ter. Mas será que é possível universalizar o conceito de supérfluo? Possivelmente para uma família rica é essencial ter televisão por assinatura e internet e supérfluo seria uma viagem à Walt Disney World nas férias. Já para uma família pobre, internet e televisão por assinatura se tornam supérfluos, quando se tem dificuldade para conseguir o que comer. Nada escapa às práticas pedagógicas, todos os elementos possíveis de serem estimulados para elevar o capital humano são capturados.

Nesta escola, as crianças do ensino fundamental I também contam com o que chamam de “Pátio Orientado”, que significa que “na hora do recreio, as professoras oferecem muito mais que entretenimento. As brincadeiras desenvolvem diferentes habilidades” (EDUCAÇÃO, 2013, p.8). Assim, há uma gestão inclusive do que seria a liberdade, em que parece que o que se torna supérfluo para a infância de sucesso é o brincar, já que, na lógica da sociedade de controle, brincar não é “essencial à sobrevivência” e não produz renda no futuro.

No ensino fundamental II, a escola dispõe também de espaços para atividades como skate, eventos de soluções sustentáveis, diversos concursos, como de grafite nos muros da escola. Os alunos participam de palestras sobre temas importantes, como as drogas, que foi ministrada por um Juiz Federal e aí vemos a aproximação das áreas do direito e da pedagogia. Em que o Juiz se torna um profissional da educação, assim como o psicólogo e o fonoaudiólogo que também fazem parte da equipe de profissionais desta escola.

No ensino médio, o foco principal é a educação para o futuro, o ensino se volta para a preparação para o vestibular e para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), com aplicação de técnicas de relaxamento, concentração e autoconfiança, para a preparação para o vestibular, a escola oferece ainda a possibilidade de realizar intercâmbio para a Alemanha.

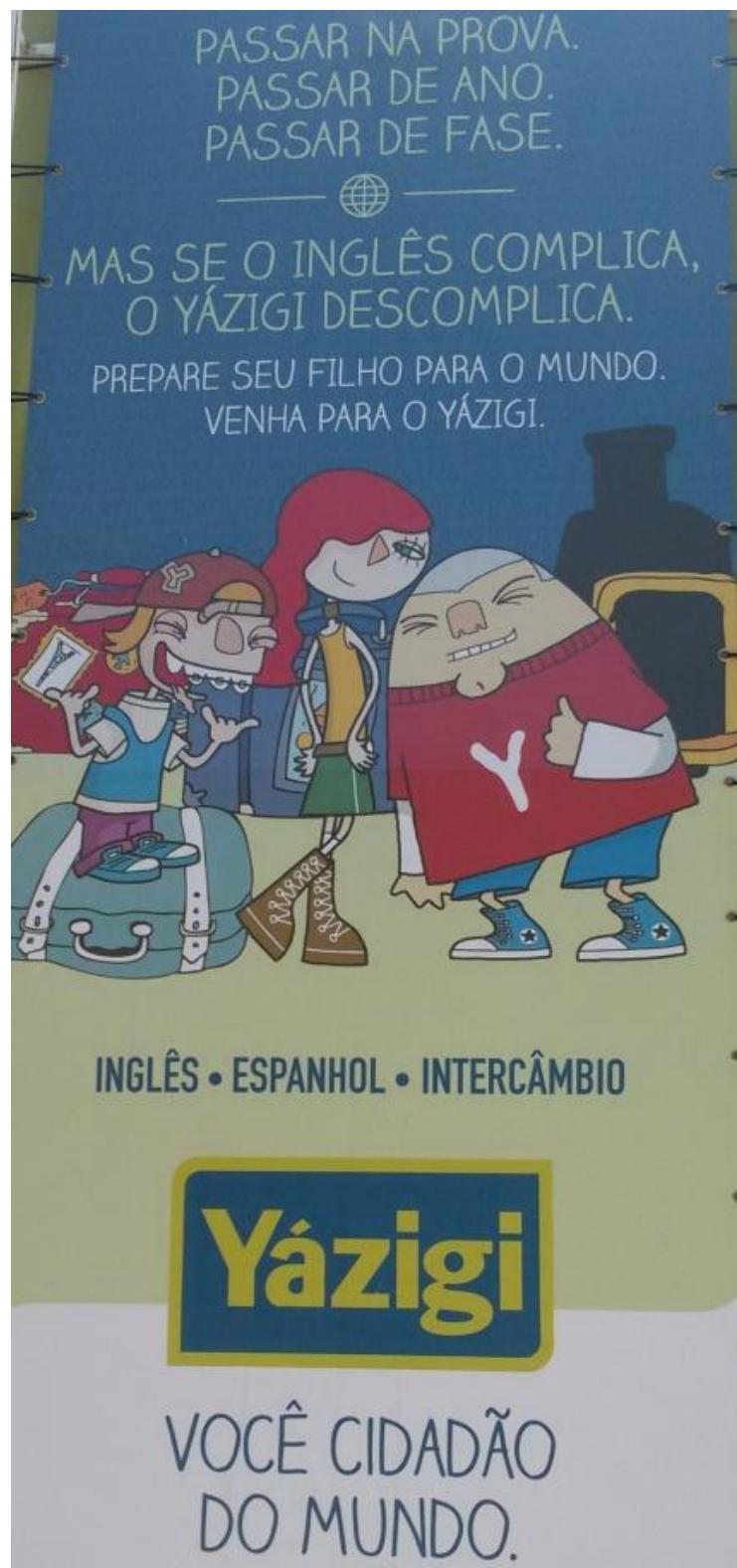
Para as pessoas que concluíram o ensino médio, a escola oferece ainda cursos técnicos “para o mercado de trabalho disputar você!” (EDUCAÇÃO, 2013, p.21). E assim, a infância, bem como toda a vida do sujeito é capturada pela lógica da formação contínua, em que é preciso vencer cada etapa cumprindo um ciclo de aprendizado inesgotável (DELEUZE, 1992). A criança é tida como aquele ser que não possui o conhecimento e as habilidades e, portanto precisa adquirir o máximo possível de habilidades para se tornar um adulto eficiente (FOUCAULT, 2008a).

Assim, o “ciclo vital” é experimentado a partir do progresso do “menos” para o “mais”, em que a criança ocupa o lugar do menos e precisa aprender bastante para ter mais conhecimento como o adulto. Se existe um aparelho psíquico que precisa ser desenvolvido de forma adequada (FREUD, 1923), a criança não tem uma configuração cognitiva diferente do adulto, mas aquém da cognição do adulto, ela vai ter que adquirir habilidades e competências pra se tornar um adulto de sucesso. Deste modo, as teorias psi dão sustentação para as práticas de excelência, ou seja, este período de partir do “menos” até chegar no “mais” tem que ser um período de investimento nas mais variadas formas prescritas pelas teorias: investimento nas relações sociais e familiares, no desenvolvimento de habilidades, na cognição, etc. Assim, estas estratégias psicológicas, psicopedagógicas e psiquiátricas, abrem espaço, dão condições para que se justifique e intensifique o investimento na criança(FOUCAULT, 2008a).

Cada etapa do desenvolvimento, o sujeito deve concluir com mais potencialidades do que quando iniciou, a cada etapa vencida, outra surge imediatamente para ser vencida: vence o berçário, vem a educação infantil, vence a educação infantil, passa para o ensino fundamental I, depois o fundamental II, ensino médio, curso técnico, graduação, pós-graduação e assim, nesta sociedade de controle, a formação não termina nunca, o sujeito nunca tem o conhecimento suficiente, sempre poderia “saber e ser mais”, como apresentei na figura 21, na página 71 (DELEUZE, 1992).

Apresento na figura abaixo, a forma como as tecnologias de investimento se utilizam desta sequência de etapas e fases para enfatizar a necessidade do inglês, por exemplo.

Fig. 31 – *Banner* fotografado em dezembro de 2014, em Jaú, SP.



Fonte: Acervo pessoal

Este *banner*, localizado no muro da escola de inglês, traz o que poderíamos entender como sendo a sequência da vida da criança na sociedade de controle: “Passar na prova. Passar de ano. Passar de fase.” Mas a dificuldade com o inglês, aparece como possível impedimento

para esta sequência, de modo que a escola oferece a solução para quando o inglês impede o filho de passar as etapas da vida que o tornarão cidadão do mundo.

Deste modo, observamos na escola e demais lugares que a criança circula, que a infância está constantemente sendo capturada pelas tecnologias de investimento para o futuro. Esta é a lógica da sociedade de controle, a criança não tem a possibilidade de ficar sem fazer nada, ou de fazer o que quiser, até o momento do recreio, que seria o momento livre, de descanso do estudo, se torna um momento de estimular habilidades, com brincadeiras direcionadas, como o “Pátio Orientado”. (*EDUCAÇÃO*, 2013; DELEUZE, 1992).

Como estimular o desenvolvimento do meu filho?

É na infância que o cérebro está pronto para receber os mais diversos estímulos e reverenciá-los em aprendizado. Assim, quanto mais a criança for estimulada, mais habilidades desenvolverá.

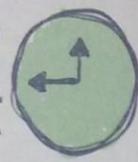
Nesta fase, ocorre o processo de formação de novas sinapses entre os neurônios, ou seja, a criança está pronta para absorver tudo o que lhe é transmitido. É a famosa fase “esponja”, na qual a criança apresenta uma grande facilidade para aprender coisas novas. Por isso, quanto mais forem os estímulos, sejam eles motores, temporais, matemáticos, morais, sociais ou de linguagem, mais intenso será o desenvolvimento da criança.

Por outro lado, reforçando o que muitos pensam, a criança não é a total responsável por seu próprio desenvolvimento já que estudos indicam que a participação dos pais é essencial nesse processo e, principalmente, durante a fase escolar. Pais presentes, além de inspirar segurança e responsabilidade aos filhos, também podem contribuir para o aprendizado das crianças e seu bom desempenho nos estudos por meio de incentivos e elogios, além da escolha de atividades na medida certa.

A seguir, descubra como você pode contribuir com a postura estudantil de seu filho!

Ajude

Ajudar os filhos a distribuir seu tempo adequadamente contribui para o estabelecimento de rotinas e proporciona equilíbrio entre o estudo e o lazer.



Brinque



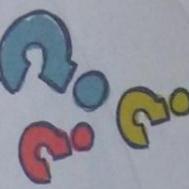
Brincar é o esporte favorito das crianças de todo o mundo! Por isso, é importante dedicar algumas horas do dia para brincar com os filhos. Além de estimular, as brincadeiras deixam os pequenos mais ativos e criativos.

Converse



Conversar com as crianças e explicar a importância dos estudos para seu futuro fará com que elas entendam que é preciso estudar para se obter uma carreira de sucesso.

Pergunte



Interessar-se pelas atividades dos filhos é essencial para estreitar os laços familiares e motivá-los. Além de participar das atividades escolares e ter contato com professores, pergunte ao seu filho como foi o dia dele, o que aprendeu e quais são seus problemas, por exemplo.

Ensine



Ensinar aos filhos que o conhecimento adquirido depende do esforço de cada um é importante. Mostre ao seu filho que ele próprio pode buscar as respostas para seus desafios e que, assim, cada conquista terá um valor especial.

Toleré



Tolerar erros e ensinar as crianças a aprender com eles, sem pressões ou imposições, faz com que novos erros do mesmo tipo não sejam comuns.

Incentive



Incentivar a prática de outras atividades, mesmo aquelas nas quais os filhos não têm muita habilidade, permite que as crianças trabalhem questões como limites, frustrações, tolerância e espera.

Motive



Motivar as crianças a ler, conhecer e pesquisar novos conteúdos desenvolve a capacidade de compreensão e argumentação dos pequenos.

4.2 Família: os pais e o meio ambiente como estratégia de produção da excelência

Trouxe anteriormente a discussão sobre a nuclearização da família como estratégia de governamentalidade e como a forma que os psiquiatras passaram a habitar o espaço doméstico determinando a conduta dos pais e dos filhos para evitar problemas no futuro, que foi a medicalização da família (Foucault, 2010a). Neste sentido, apresento alguns teóricos estruturalistas que enfatizam a importância da família para o desenvolvimento da criança, que faz pensar sobre a responsabilização dos pais em relação ao futuro dos filhos, bem como a produção dos materiais publicitários direcionados aos pais.

Para Slavutzky (1983) é a partir da família que o indivíduo tem o contato com a educação, o desenvolvimento da linguagem, os princípios éticos, morais e com os costumes que permeiam o ambiente familiar, deste modo, para o autor:

A família é um conjunto de interação, organizado de maneira estável, em função de necessidades básicas, com uma história e um código próprios, que lhe outorgam singularidade. Um sistema cuja qualidade emergente excede a soma das individualidades que o constituem, para adquirir características que lhe são específicas (SLAVUTZKY, 1983, p.80).

Portanto, é na família, independente de sua composição, que se desenvolvem os indivíduos, a partir do cuidado, segurança, afeto, limites e da transmissão dos valores que são importantes para o meio que pertencem. Deste modo, a família passa a ser objetivada como o lugar por excelência da produção e do cuidado com a infância. A infância, neste sentido, terá como uma das condições de possibilidade o próprio investimento na figura da família, ou seja, a família é um dos vetores que permitirá o gerenciamento da infância (FOUCAULT, 2012).

As funções que a família desempenha, compreendem aspectos biológicos, psicológicos e sociais que estão intimamente relacionados. Para Osório (1996), de forma sucinta, as funções são: garantir a sobrevivência por meio de cuidados biológicos e afetivos, ajudar a lidar com ansiedades naturais do processo de desenvolvimento, transmitir experiências de vida, princípios éticos e morais e promover um ambiente que facilite o desenvolvimento e a aprendizagem. A partir do contexto neoliberal, Foucault (2008a) aponta que todo o investimento da família na criança, todo o tempo que os pais passam com os filhos vai formar o capital humano da criança e isto será convertido monetariamente, pois o capital produz renda de modo que quanto maior o capital, maior será o salário da criança quando for adulta.

Compete à família proporcionar um ambiente saudável que assegure cuidados necessários para o bom desenvolvimento biopsicossocial de cada membro, especialmente dos filhos. E este é um processo dinâmico, pois da mesma forma que a atitude dos pais interfere nos filhos, o comportamento destes também pode modificar a conduta dos pais (OSÓRIO, 1996).

Conforme Papalia, Olds e Feldman (2006), se a família é amorosa ou cheia de conflitos e se a família tem condições financeiras para suprir as necessidades, enfim, todas as situações pelas quais a família passa, contribuem para a formação do ambiente familiar e, por consequência, para o desenvolvimento das crianças.

Sobre a importância dos pais no desenvolvimento da criança, as autoras afirmam que “Os pais que gostam de ficar com os filhos tendem a criar crianças que se sentem bem a seu próprio respeito e a respeito de seus pais” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p.405). Afirmam ainda que as crianças que crescem em famílias tradicionais, ou seja, com os pais biológicos ou pais que adotaram a criança antes de completar um ano de idade, tende a se sair melhor em diversas áreas como a escolar, saúde, socialização, autoconfiança, dentre outras.

É importante ressaltar que as informações apresentadas por Papalia, Olds e Feldman (2006), dizem respeito às famílias norte-americanas, assim é necessário cautela ao pensar sobre possíveis consequências para o desenvolvimento das crianças, em famílias não tradicionais, no Brasil. Mas o foco da pesquisa não é identificar se as informações estão corretas ou não, mas pensar tais regimes de verdade, como produtores de condutas e práticas direcionadas à infância.

Para Falceto e Waldemar (2001), é essencial para o bom desenvolvimento psicológico dos filhos que o adulto seja responsável por atender às demandas básicas dos filhos quanto aos “[...] cuidados, amor e limites, sem deixar de lado suas próprias necessidades” (p.62).

Toda esta responsabilização dos pais pelo desenvolvimento dos filhos possibilita o apelo dos discursos publicitários como na figura abaixo, que foi o *folder* utilizado também no título deste trabalho.

Fig. 32 – *Folder* recebido por correio em 2013, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A partir destes autores, o que o filho será quando se tornar adulto, é construído a partir do investimento que os pais podem oferecer às crianças no presente. Conforme o enunciado do *folder*: “o futuro do seu filho, você constrói agora” e a imagem da mãe ao fundo que

investe no futuro da filha e já pode vislumbrar o troféu de primeiro lugar e o capelo, acessório usado nas cerimônias de colação de grau, desenhado na cabeça da filha. O que incita a necessidade de matricular o filho no curso como forma de “garantir o futuro”.

Retomando a reflexão sobre os regimes de verdade das teorias científicas, apresento também o pensamento de Winnicott (1983), um pediatra e psicanalista que contribuiu com os estudos sobre a psicologia infantil, no século XX. O autor afirma que o ambiente que a criança nasce e cresce, a forma como é cuidada pela mãe, vai corresponder ao seu desenvolvimento até a idade adulta, inclusive em relação aos valores morais. Deste modo, para o autor, o bebê que recebe cuidados de modo confiável, vai estabelecer um senso de bondade que vai seguir naturalmente ao longo de seu desenvolvimento.

De início, o amor só pode ser efetivamente expresso em termos de cuidado com o lactente e com a criança, o que para nós significa prover um ambiente favorável ou suficientemente bom, o que significa para o lactente a oportunidade de evoluir de forma pessoal de acordo com a graduação contínua do processo de maturação (WINNICOTT, 1983, p.92).

Assim volto para a questão tratada anteriormente, em que a falta de tempo com os filhos marca negativamente o desenvolvimento da criança, culpabilizando os pais que, para atender à demanda infundada de atividades, que a criança precisa ter, em uma sociedade de controle, tem a necessidade de trabalhar e não estar com a criança o quanto “deveriam”.

Para Winnicott (1983, p.94) amor “significa a totalidade do cuidado com o lactente ou criança, que favorece o processo maturativo”. Assim, dependerá do ambiente, especialmente do cuidado da mãe com o bebê para o desenvolvimento normal da criança. Para o autor, na normalidade do desenvolvimento da criança, acontece uma troca entre a criança e o ambiente que possibilita o amadurecimento. Deste modo, as teorias vão classificando o que é normal e o que é anormal de acordo com cada autor. Esta relação de poder regula a forma de condução da conduta do sujeito e, de acordo com a teoria, produz a forma como ele vai se relacionar consigo, com o filho, enfim, produz também a busca pela normalização.

Ainda considerando a importância do ambiente para o desenvolvimento saudável da criança, Lievegoed (1994, p.48) afirma que “A criança pequena fica contente e alegre quando se sente satisfeita e quando o mundo ambiente lhe oferece situações agradáveis; porém fica abatida e chorosa quando há qualquer perturbação da saúde ou o mundo exterior lhe chega de través”. O autor considera o ambiente como sendo fundamental para o desenvolvimento da vida emocional da criança na primeira infância.

A partir destes regimes de verdade apresentados com as teorias desenvolvimentistas ou de personalidade, observo que cada uma possibilita estabelecer critérios de normalidade e produz práticas de normalização. Ou seja, a criança que não corresponde ao que se espera para a idade dela em termos de desenvolvimento, precisa ser inserida em uma modalidade de investimento, para que possa se adequar à norma e se tornar um adulto de sucesso.

Assim, observo no cotidiano, a prescrição de Karatê para crianças indisciplinadas, curso de teatro para crianças tímidas, esportes como futebol ou basquete para crianças muito agitadas, psicoterapia para crianças que choram muito, e assim por diante. Deste modo, todo aspecto que possa prejudicar a eficiência do sujeito, o torna anormal, considerando que a figura do anormal na atualidade se constitui a partir da ausência de investimento em si, e precisa, portanto ser foco de investimento para normalização, conforme imagem abaixo.

Fig. 33 – Propaganda de oficina de teatros



Fonte:<http://doniromon.blogspot.com.br/2012/06/teatro-para-timidios-comunicando-se.html>,

Disponível em 16 de fevereiro de 2015.

Considerando a teoria do capital humano e a transição da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, em que há a necessidade de contínua formação (FOUCAULT, 2008a; DELEUZE, 1992), é possível entender que a família quando coloca a criança no kumon acredita que o filho terá maior valor do que o filho do outro que não faz o curso, pois

as habilidades que o curso afirma trazer para o aluno, que são: postura ativa, concentração, raciocínio lógico, independência e outros, constituem o capital humano da criança que será valorizado futuramente no mercado de trabalho.

Deste modo, os pais ou os responsáveis pela criança, se sentem seguros de que estão seguindo as prescrições para produzir um filho eficiente. Do mesmo modo que, no século XVIII, os médicos determinavam a conduta dos pais com os filhos, produzindo normas de controle do comportamento do filho, hoje, não são apenas os médicos, tão pouco estes regimes de verdade estão restritos ao meio acadêmico (FOUCAULT, 2010a). A infância é capturada por uma infinidade de campos de saber que não há como citar todos, pois sempre há a possibilidade de outras conexões da infância com o saber, como por exemplo, a pedagogia, psicologia, neurologia, pediatria, artes, economia, direito... e até gastronomia como na figura abaixo:

Fig. 34 – Folder recebido na rua, em 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

A rede de capacitação gastronômica oferece cursos para produzir “cozinheirinhos” em apenas 8 meses. Estas tecnologias inéditas de investimento nas mais variadas áreas possibilitam ainda programas de televisão, com concursos em que as crianças precisam se esforçar excessivamente para serem melhores que os outros, como por exemplo, o programa

“MasterCheff Junior”, que é um programa em que crianças disputam o lugar de melhor cozinheiro; e ainda o programa “pequenas misses”, em que as meninas desde muito pequenas, são expostas a uma infinidade de aparelhos para realçar a beleza, como dentaduras, cílios e unhas postiças, com o objetivo de vencer o concurso. As mães exercem papel fundamental no momento de preparar e fazer com que a criança se comporte e permita que a manipulem para vencer o concurso e se tornar uma pequena miss.

A partir de uma busca simples pela internet utilizando o descritor: “*pequenas misses discovery home e health*”, é possível encontrar imagens como as que apresento abaixo:

Fig. 35 – Montagem realizada em fevereiro de 2015.



Fonte: Montagem feita a partir de busca no Google imagens.

Trata-se de fotografias das crianças que estão prontas para entrar no palco para serem avaliadas por uma equipe de jurados que vão escolher a vencedora que ganhará o prêmio em dinheiro, além da satisfação em ser a mais bonita.

Os regimes de verdades produzidos por estes campos de saber sobre a infância possibilitam que os pais se sintam mais confortáveis, sabendo que o filho terá um futuro promissor, se fizer este ou aquele curso, se estudar em determinada escola, souber inglês, fizer esporte, enfim, se tiver uma agenda preenchida de investimentos para o futuro. Mas frente à incerteza do futuro, a solução encontrada na sociedade de controle é intensificar cada vez mais o investimento para minimizar o risco de perigo no futuro, pois sempre há algo que é

necessário aprender, ou que o mercado de trabalho pode solicitar no futuro (FOUCAULT, 2010a; FOUCAULT, 2008a; DELEUZE, 1992; SPINK, 2001).

Deste modo, os regimes de verdade são práticas, ou seja, produzem aquilo do qual falam. Este conjunto heterogêneo de regimes de verdade, a partir das fases de desenvolvimento e estruturas psíquicas, apontam formas de articulação entre meio ambiente, família, aspectos biológicos e psicológicos de diferentes modos. Essas diferenças são atualizadas nas tecnologias de investimento na infância, de modo que o investimento na infância de sucesso é um investimento no adulto/pais/família de sucesso, ou seja, é por meio da produção de uma subjetividade para a infância que estratégias de governamentalidade regulam a relação entre adultos e crianças, encontrando no desenvolvimento infantil um elemento privilegiado de formação de capital humano.

Assim como as classificações das etapas, a ideia do desenvolvimento humano por estágios e a necessidade de estabelecer normas na relação do adulto com a criança privilegiando o papel da família para produzir adultos eficientes, foi possível encontrar também no brincar um modo de estimular as habilidades da criança, para produzir um adulto de sucesso.

Dia do Brinquedo

O dia do brinquedo na Educativa é um momento que vai além da diversão. Foi designado para os alunos vivenciarem experiências que possibilitam construir ações que contribuem no processo de socialização, oferecendo oportunidades de realizar atividades coletivas, além de auxiliar no processo de aprendizagem.

Pedimos a cooperação da família em nos ajudar a alcançarmos nossos objetivos trazendo o brinquedo somente em processo de adaptação, no dia estipulado (sextas-feiras) ou solicitado pelas nossas educadoras.

Contamos com vocês para juntos conscientizarmos nossas crianças em fazer do DIA DO BRINQUEDO um momento direcionado, propiciando as condições para um desenvolvimento saudável.



Rua Alexandre Batistone, 570 - Km 18
3683.1525 - www.educativaonline.com.br

© Copyrights 23/05/2012 Rabbit Partnership. Todos os direitos reservados.

4.3 O brincar direcionado para o desenvolvimento

Continuando a reflexão sobre as teorias psicológicas e pedagógicas que produzem a infância de sucesso, neste percurso cartográfico, me deparei com a “necessidade” de brincar. Algo que parece tão espontâneo da vida da criança é capturado pelas explicações desenvolvimentistas como sendo o “trabalho das crianças”.

O brincar contribui em todos os aspectos do desenvolvimento, de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006, p.328):

Brincando, as crianças estimulam os sentidos, aprendem a usar os músculos, coordenam a visão com o movimento, adquirem domínio sobre seus corpos e novas habilidades. Por meio do faz-de-conta, experimentam papéis, enfrentam emoções desconfortáveis, adquirem compreensão dos pontos de vista das outras pessoas e constroem uma imagem do mundo social.

As autoras apresentam ainda o brincar como uma atividade que promove o desenvolvimento físico, cognitivo e social. Ou seja, o brincar é necessário para que a criança se desenvolva de forma saudável.

Para Winnicott (1975, p.74), a brincadeira faz parte do desenvolvimento saudável da criança de modo universal, “o brincar é por si mesmo uma terapia”, visto que leva o indivíduo, por meio da criatividade, a se descobrir e estabelecer contatos sociais.

Além do prazer que a criança tem brincando, para a psicanálise, ela o faz também para elaborar e dominar suas angústias. Para Winnicott (2008), a angústia está sempre presente na brincadeira e vai determinar o modo como a criança vai conduzir o brincar. Por exemplo, se está muito angustiada, pode brincar de forma compulsiva, ou de modo repetitivo e assim por diante.

A brincadeira corresponde ao modo mediante o qual a criança adquire experiências de vida que possibilitarão a compreensão da riqueza do mundo. O brincar demonstra a capacidade de criatividade que a criança possui. “A brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais” (WINNICOTT, 2008. P.163).

Para Vygotsky (1991, p.109), “é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. [...] É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa”. Inicialmente a criança depende dos incentivos fornecidos pelos objetos externos, mas com a experiência do brincar, desenvolve

motivações internas. Assim, “as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real de moralidade” (p.114).

A partir destes discursos sobre a importância do brincar, as escolas passam a estipular o dia e a hora do brincar, oferecendo condições adequadas para o desenvolvimento saudável da criança, como a imagem apresentada na abertura deste tópico. O dia do brinquedo, conforme descrito na imagem, vai “muito além da diversão”, pois é direcionado ao desenvolvimento de habilidades que auxiliam no processo de aprendizagem.

A maioria dos brinquedos de hoje tem uma função pedagógica, um manual de instruções, uma regra de como usar, com que idade pode brincar e quais idades são proibidas de brincar e esta é uma forma de governo e gerenciamento do uso, que por sua vez define a própria experiência do brincar, ou seja, o brincar não ocupa o lugar de uma possibilidade de liberdade, entra, ao contrário, na esteira das práticas de regulação da própria experiência.

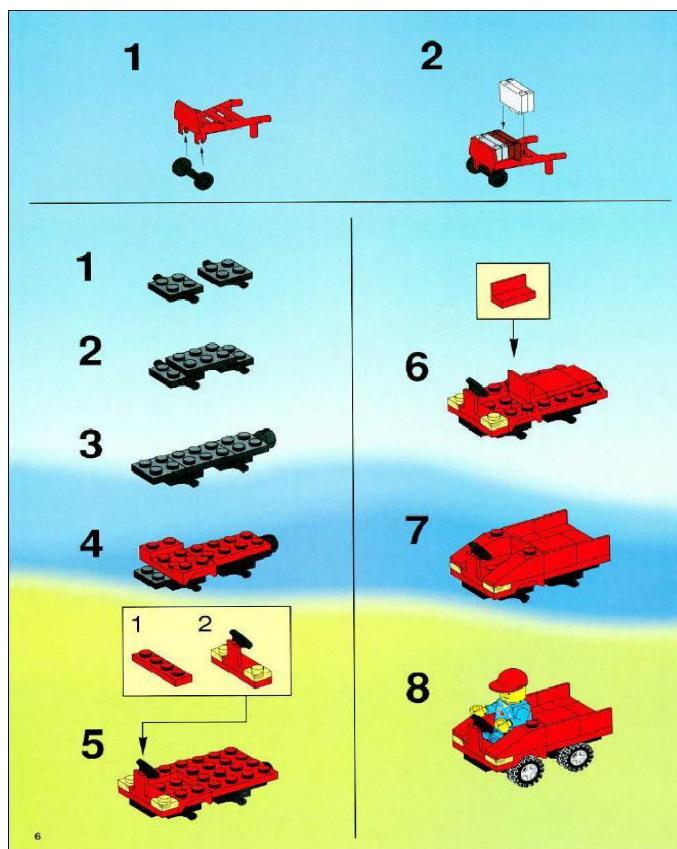
Uma infinidade de peças que poderiam se transformar em qualquer coisa, até mesmo em algo sem nome, precisa vir com um manual para se transformar num carrinho ou num castelo, conforme imagens abaixo:

Fig. 36 – Peças do brinquedo Lego.



Fonte: <http://ivan.postbit.com/>, Disponível em 11 de janeiro de 2015.

Fig. 37 – Manual do brinquedo Lego.



Fonte: <http://bricks.argz.com/ins/10159-1>, Disponível em 11 de janeiro de 2015

Os manuais dos brinquedos mostram como a governamentalidade se dá nas dimensões mais ordinárias do cotidiano, como o brincar, que passa a ter uma utilidade, passa a ser mais uma estratégia para a produção da excelência, pois “deve” estimular a capacidade de atenção, concentração, raciocínio, coordenação motora e ainda ensinar a seguir minuciosamente as regras.

O brincar na modernidade não é mais apenas uma experiência livre que a criança faz quando quer e sem regras, Lievegoed (1994, p.51) afirma que “O adulto deveria levar muito a sério esse brincar e enriquecer a vida interior da criança, proporcionando-lhe novos conteúdos e novas oportunidades”. O brincar se torna o “trabalho” da criança, que possibilitará seu amadurecimento e estruturação das emoções, ou seja, o “enriquecimento da vida interior”. Assim, o gerenciamento do brincar nesta lógica do controle, proposta por Deleuze (1992), é uma condição de possibilidade para a infância de sucesso, para esta infância que precisa ser “levada a sério” quanto à necessidade de investimento para o futuro.

Ao focalizar o brincar, as estratégias de governamentalidade, apoiadas em regimes de verdade dos campos psi, normatizam a experiência da infância, tornando o próprio brincar como uma das condições de possibilidade para a infância de sucesso, o brincar torna-se uma

forma de acender a um adulto de sucesso. A normatização do brincar age por meio de mecanismos de regulação do brincar: hora de brincar, como brincar, para que brincar. Se estabelece uma forma de regulação do brincar que conforma uma certa figura de infância, ou seja, um certo foco de experiência da infância.

As teorias aqui apresentadas, não são completamente distintas, em muitos aspectos são complementares, cada autor define e cria categorias com base em seus estudos, e isto se torna um regime de verdade que é pulverizado no cotidiano das famílias, escolas, crianças, profissionais de marketing, do direito, da saúde e outros, que se utilizam destes discursos científicos para produzir tecnologias com o objetivo de potencializar a eficiência da criança.

Entretanto, pelo próprio brincar, também é possível pensar a infância de um modo diferente, ou seja, as diferentes formas de governamentalidade que investem e constituem a infância não operam de forma a totalizar aquilo mesmo que produzem. Há dimensões que também escapam das formas de governo da vida, de modo a considerar-se que, no caso do brincar, este pode tanto tornar-se uma estratégia de condução da conduta, quanto à produção de outras modalidades de relação do sujeito consigo.

Estou trabalhando com o conceito de foco de experiência proposto por Foucault (2010b), que compreende a articulação entre os regimes de verdade, relações de poder e formas de subjetivação, mas fui atravessada por uma interessante reflexão do filósofo Giorgio Agamben (2005), que ajuda a pensar um contraponto da infância de sucesso, a infância como experiência.

Infância para Agamben (2005), não é uma idade, um período do desenvolvimento humano, mas tem a ver com a abertura para o inédito, a experiência do mundo, ser sem *a priori*, um momento de descobertas. Infância como experiência da descoberta do mundo, não remete à criança exatamente, mas à infância do homem, à invenção. A descoberta não tem a ver com desvendar o que está escondido, mas descobrir novos sentidos, produzir novos sentidos e novos usos.

Para o autor, a infância é vista como potência, como possibilidade, pois infância quer dizer ter voz e ainda não falar, mas com a potência/possibilidade para falar. A criança não nasce falando, é uma experiência da descoberta. A infância pensada como experiência destitui o uso dos objetos, na brincadeira, não interessa pra que serve, interessa que naquele momento é um brinquedo, são usos livres, não tem que ser de determinada forma ou de outra. E o que foi possível observar no cotidiano da criança hoje é que tudo é determinado para que tenha sucesso.

A modernidade trouxe a destruição da experiência. Quando cria a classificação de infância como uma fase da vida que precisa de investimento para que a criança se torne um adulto de sucesso, esta segmentação está a serviço da produção. Porém, a invenção da infância impossibilita a experiência, já que a criança precisa se conformar a uma lógica de atividades e rotina de vida que o autor reflete a partir da experiência de tempo *chrónos*, que é um tempo cronológico que precisa ser aproveitado. Não é uma experiência de potência, pois a possibilidade não tem objetivos específicos como acontece com a infância na atualidade, que tem a finalidade de crescer e se tornar um adulto produtivo para a sociedade.

Para Agamben (2005) não precisa de uma catástrofe para se falar em destruição da experiência na modernidade, mas simplesmente olhar para o cotidiano da vida na cidade, repleta de horários, regras, obrigações e compromissos que impossibilitam a experiência. E assim ocorre também com a vida das crianças de hoje, que desde muito novas, são cobradas para entrar nesta mesma lógica de uma rotina repleta de atividades.

A crítica que o autor faz é que a experiência na atualidade é reduzida ao experimento; ou seja, para se ter experiência, tal qual a atualidade propõe, é preciso ter experiências que são contabilizadas em conhecimento, sendo este, um fator importante para a produção do capital humano, como muito bem retrata a figura abaixo:

Fig. 38 – *Outdoor* fotografado em outubro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Para Agamben (2005, p.22):

É esta incapacidade de traduzir-se em experiência que torna hoje insuportável - como em momento algum no passado – a existência cotidiana, e não uma pretensa má qualidade ou insignificância da vida contemporânea confrontada com o passado (aliás talvez jamais como hoje a existência cotidiana tenha sido tão rica de eventos significativos).

Para o autor, existe a experiência, mas na modernidade se encontra fora do homem, como em um noticiário, no museu, permeia a sensação de alívio: não é comigo! Mesmo em viagens parece que a preocupação é registrar cada momento na fotografia, como se fosse possível capturar a experiência.

Agamben (2005) cita o exemplo do personagem de quadrinhos que vai caminhando no vazio desde que não perceba, mas quando se dá conta de que está andando no ar, despenca imediatamente. Faz pensar sobre o método cartográfico, nos propósitos deste trabalho, que é se dar conta, parar para pensar sobre o cotidiano que nos devora, que diferente do desenho, não se dar conta não significa poder caminhar no ar. Não se dar conta da rotina que a modernidade nos impõe não significa não se submeter a ela, ao passo que se dar conta, permite negociar com estas práticas. Isto responde a uma ansiedade vivenciada no início da pesquisa, de entender a importância de uma pesquisa que não tem a pretensão de dizer o que é certo ou errado, normal ou anormal, mas de seguir um certo tracejo em que um foco de experiência se conforma. Isto significa migrar de um campo da infância como uma evidência, para a infância como experiência. E aqui, neste momento, um plano de experiência que bifurca; ou seja, que também pode abrir para outras formas de compreensão. A ansiedade inicial de compreender a infância passa para um procedimento de seguir rastros de constituição da infância, considerando não apenas aquilo que intenta totalizá-la como processo para um futuro feliz, mas também como um tipo de experiência que não está propriamente na criança, mas na potência.

Conforme o autor, a modernidade transforma a experiência em experimento, na medida em que busca comprovações por meio de quantificações, mas buscar confirmações e certezas por meio de experiências não é possível, pois a descaracteriza. E o que seria uma experiência de infância, se torna uma busca por uma vaga na universidade ou uma oportunidade no mercado de trabalho. Assim, quanto maior a quantidade de investimento na infância, maior será a probabilidade de sucesso no futuro.

Agamben (2005) nos ajuda a pensar sobre a experiência do tempo a partir dos vocábulos *aion* e *chrónos*, que são vinculados a exprimir a palavra “tempo”. *Aion* como uma experiência de tempo que não tem medida, não é mensurável, é o tempo do jogo, do brincar, da distração e ausência de preocupação. É marcado pela intensidade da vivência, da brincadeira, que pode ser observado, dentre outras situações, na relação da criança em idade pré-escolar que ainda não aprendeu a mensurar o tempo.

O tempo *chrónos* comprehende o tempo do calendário e do relógio, o tempo cronológico, tempo que corre e que precisa ser utilizado, e a partir das reflexões de Foucault

(2008a), precisa ser bem utilizado para se conformar à lógica de produtividade. Esta é a experiência de tempo que marca o mercado de trabalho, repleto de ritos que marcam o tempo e que exige controle, atenção e concentração, no qual o adulto se insere. Agamben (2005) reflete sobre o eterno retorno do calendário, o sujeito faz sempre as mesmas coisas, tem sempre uma rotina pra seguir, pois só existe o tempo cronológico, é uma despotencialização do ser humano, visto que o tempo cronológico consome o sujeito e expropria a experiência. Deste modo, não existe o presente, é uma constante rotina que produz o que? Sucesso? Mas o que é sucesso? A partir da teoria do capital humano o sucesso é a liberdade que o *homo oeconomicus* tem na sociedade de controle, em que é livre para fazer o que quiser, desde que o que queira, seja o que se pode comprar! Mas isso é mesmo sucesso? Será preciso mesmo ter sucesso? Qual preço que se paga pelo sucesso? Parece que as práticas da sociedade disciplinar são atualizadas na sociedade de controle, nesta fábrica de pessoas de sucesso, em que importa aquilo que pode ser convertido em aumento de capital humano para produzir renda.

Deste modo, os sujeitos modernos se conduzem a partir da adequação à lógica do tempo *chrónos* de modo que todos os ritos e formas de condução da conduta, a partir do constante investimento, constituem o sujeito. Até esta forma moderna de classificar a vida humana em “etapas de desenvolvimento” é uma forma de inserir a vida na cronologia, regulando, cada etapa, a partir do que se espera que aconteça, que aprenda uma habilidade, que a criança aprenda a escrever, que o jovem se estabilize profissionalmente, que o idoso tenha investido para viver uma boa aposentadoria, ou melhor, que tenha se cuidado – investido em capital humano - para continuar produzindo na aposentadoria. Não precisa mais ter a regra ali para que o sujeito a siga, ele já se constitui a partir deste investimento em si, já tem a necessidade de ser melhor, de saber mais coisas, de conduzir a vida para a excelência. Assim, como discuti anteriormente, aqueles que não se enquadram neste modelo de preparação para o futuro compõem o campo da anormalidade na atualidade.

A partir destas duas modalidades de experiência do tempo, é possível pensar num plano de bifurcação da infância, aquela que habita o tempo *Aion*, que brinca, se distrai e vive o momento presente; e aquela que habita futuro, o tempo *chrónos*, que experimenta o presente como preparação para o futuro, que precisa cumprir tarefas, com horários determinados, enfim, a criança passa a se constituir a partir da preocupação com o futuro.

A preocupação com o futuro das crianças nem sempre esteve presente no cotidiano (ARIÈS, 1981), porém hoje se apresenta de forma muito clara inclusive por parte das crianças. Seria possível pensar que são os pais, cuidadores, responsáveis e mesmo o Estado que se preocupa com o investimento na infância para garantir o futuro, já que é o adulto que

trabalha e “sabe” como é a lógica do mercado de trabalho. Porém esta preocupação também faz parte do cotidiano das próprias crianças, percebi isto quando uma criança disse que fazia psicoterapia para não se tornar um adulto que chora. O que possibilitou uma criança de sete anos pensar que adulto não pode chorar? Ou que psicoterapia faz com que a pessoa não chore ou não sofra mais? Ou ainda que a criança precise fazer psicoterapia para não chorar? Retomo a discussão feita anteriormente em que, para a psicanálise, o contato com a realidade estrutura o ego (CLONINGER, 1999). Assim, o ego bem estruturado é aquele que é capaz de lidar com a realidade que se apresentar, até mesmo com as frustrações, o que possibilita pensar que a criança chora por ainda não saber lidar com frustrações enquanto o adulto não deve chorar, pois já deve ter superado esta dificuldade “infantil”. Desta forma, se torna possível o discurso da necessidade de psicoterapia para não se tornar um adulto que chora.

Esta necessidade de investimento constitui um regime de verdade, muitas vezes, da própria criança, por exemplo, quando a propaganda questiona sobre qual o sonho do seu filho, faz pensar que o filho precisa ter um sonho e ainda estudar numa escola que ajude a construir este sonho, conforme imagem abaixo.

Fig. 39 – *Banner* fotografado em dezembro de 2014, em Campo Grande, MS.



Fonte: Acervo pessoal

Com o objetivo de que a criança se torne um adulto de sucesso, ela precisa cada vez mais se conformar à lógica do tempo *chrónos*, pois a infância se tornou repleta de horários e compromissos. O que possibilita inclusive a medicalização da infância que não se conforma ao tempo *chrónos*, ou seja, a infância passa por um procedimento de normalização a partir da necessidade de investimento para a excelência, que dá condições de possibilidade para a

produção de uma infinidade de tecnologias para conduzir este momento da vida para gerar um adulto de sucesso.

Esta medicalização se dá até mesmo por remédios, como por exemplo, a criança que é medicada por falta de atenção, falta de concentração, hiperatividade, dentre outros sintomas, que são características que fazem parte da experiência de tempo *aion*, mas que hoje, em algumas situações, como na escola, não são permitidas por atrapalhar que a criança se adapte à rotina de atividades destes espaços. A medicalização, portanto, a regulação da conduta da criança, torna-se uma estratégia de governo da infância ao tornar um tempo *aion* em um tempo cronológico. Isto é importante na medida em que, ao migrar de uma modalidade de experiência para outra, a infância deixa de ser experiência de potência e torna-se uma fase do desenvolvimento humano, ou seja, um foco de experiência.

Encontrei em um *blog* que compartilha informações sobre a educação das crianças tendo como objetivo a “formação dos adultos do futuro”, a sugestão de regras para orientar os alunos na escola, conforme ilustração abaixo:

Fig. 40 – Imagem com regras para crianças



Fonte: <http://selmamcarvalho.blogspot.com.br/2013/04/regras-que-podem-ajudar-na-escola.html>,
Disponível em 02 de novembro de 2014

São tantos detalhes que a criança precisa estar atenta, que parece que o interesse é produzir pequenos robôs, com comportamentos extremamente controlados, que faz parte da

sociedade de controle, em que o sujeito se torna empreendedor de si e precisa melhorar cada vez mais (DELEUZE, 1992), a partir da regulação do tempo, das relações, da conduta: fila, falar sem gritar, guardar materiais, escutar o outro, fazer silêncio, organizar o espaço; ou seja, uma regulação das liberdades.

Agamben (2005) reflete sobre a sacralização do tempo, em que o tempo se torna algo importante, sério, possui um valor de uso, quando brincar, como brincar, o tempo de brincar. A criança hoje precisa sacralizar o tempo, o tempo do brincar está se esvaindo, tem que ter horário para tudo, inclusive para brincar. Até na escola, o brincar tem um dia e horário combinado, que geralmente é na sexta-feira, no final do período da aula, que faz pensar que após muito estudo a criança “merece” uma distração.

Além de um dia e horário estipulado para brincar, este ainda é colocado com uma função pedagógica, que “vai além da diversão”, ou seja, pode brincar, mas precisa ser “um momento direcionado, propiciando as condições para um desenvolvimento saudável”, conforme descrito na figura que abriu este tópico (p. 100). Isto mostra o controle contínuo sobre a vida da criança, que tem todas as suas atividades direcionadas à formação permanente, ela circula por diversos espaços, mas em cada um deles tem o objetivo de desenvolver uma habilidade que será o capital humano no futuro.

Tavares (2014) escreve uma carta à infância e inicia com alguns questionamentos extremamente pertinentes ao meu problema de pesquisa. A autora indaga sobre o que estamos fazendo com a criança e com a infância? Qual seria o motivo pelo qual a infância se tornou foco das preocupações?

A autora reflete sobre como temos tratado a infância a partir da necessidade de colonização do tempo, pois pensar na criança como a esperança do mundo ou como um possível perigo para o mundo, são formas de habitar o futuro e privilegiar a educação e o disciplinamento das crianças como forma de produzir cidadãos úteis à sociedade. Deste modo, a infância “está hoje no foco da atenção política. É sobre a criança que recai a educação por meio dos exercícios; é sobre ela que se fala como aquele que precisa aprender a viver; é sobre a infância que se trabalham os desígnios, ou seja, os projetos de futuro” (TAVARES, 2014, p.63).

Para a autora, desqualificamos a criança ao afirmarmos que ela precisa receber determinada educação para se tornar uma pessoa de sucesso e acabamos colocando-a como perigosa pelo simples fato de não saber o que será dela quando crescer.

Eu gostaria de pensar na infância como uma experiência singular, uma experiência do tempo que não pode ser ordenado como passado-presente-futuro. Essa seria uma infância-risco como experiência que resiste ao poder disciplinar. Resistência que insiste e persiste e que escapa a cada novo passo estratégico do poder. Isso faz da infância o centro das atenções hoje, talvez (TAVARES, 2014, p.64-65).

Após apresentar tantas imagens que refletem a necessidade de investir no futuro da criança, como na fig. 24, p. 74, em que “orientação individualizada” + “material didático exclusivo e autoinstrutivo” = Base sólida de estudos, que garantem um futuro promissor e feliz! Termino este capítulo com a imagem de um desenho livre, feito a cinco mãos por alguns amiguinhos, que traz um pouco da experiência da distração da criança, do presente, de poder desenhar sem ter que desenhar alguma coisa específica. Assim como Tavares (2014) propõe pensar na infância como uma experiência singular, com o desenho livre penso na possibilidade de que: CRIANÇA + PAPEL + LÁPIS DE COR = EXPERIÊNCIA!



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou grande amadurecimento pessoal e profissional, pois antes de entrar no mestrado não tive contato com o método cartográfico nem com o campo pós-estruturalista. Este modo de pesquisar contribuiu para pensar a psicanálise, que é a teoria que me especializei para os atendimentos, a partir de sua condição de possibilidade, como uma forma de compreensão do humano e não uma verdade universal. Este campo epistemológico, bem como trabalhar com Foucault como exercício de reflexão e método de investigação caíram “como luvas” para as inquietações e perguntas que suscitaram o desejo de pesquisar. Este mergulho possibilitou, além de uma nova forma de fazer pesquisa, a descoberta de condições de possibilidades para a excelência da infância para se tornar o adulto de sucesso.

Certamente há uma infinidade de outras linhas que poderiam me levar a encontrar outras conexões, mas as linhas que segui, possibilitaram cartografar que todo este investimento na criança é na realidade um investimento no adulto, pois a justificativa para tanto esforço, consiste na produção do adulto de sucesso. A necessidade de investir na criança é para que se torne um adulto eficiente, portanto, a estratégia é investir no adulto para que ele possa investir na criança, então a infância de sucesso vai se performar a partir de uma estratégia de investimento no adulto, pois os pais que são convocados a colocar os filhos nas melhores escolas, no inglês, no karatê, são os pais que são responsabilizados por um filho eficiente ou não. Desse modo, as produções analisadas indicaram um direcionamento para os adultos e não para as crianças, para conduzir uma modalidade de relação do adulto com a criança, mas que já “adultificam” a infância.

Desta forma, não me restringi em apresentar apenas tecnologias de investimento voltadas às crianças, pois como o foco é tornar-se o adulto de sucesso, as imagens que traziam o adulto eficiente também compuseram o acervo que ajudou a perseguir a constituição da experiência da infância como um tempo de investimento para o futuro. A quantidade de imagens do trabalho também foi proposital, pois reflete o que se apresenta na própria sociedade, que está repleta de apelos aos pais para que invistam nas crianças. Esta saturação de imagens do trabalho retrata a saturação da própria infância no que diz respeito às tecnologias de investimento para o futuro, em que o investimento nunca é o suficiente na infância que habita a sociedade de controle. Esta quantidade de imagens que apresento ao longo das páginas deste trabalho, tem a ver com a própria inquietação que suscitou a pesquisa e permaneceu desde o início do mestrado e que não terminou com o término da pesquisa. Continuo olhando para as fachadas de escolas, panfletos e *outdoors*, que suplicam por investir

na criança, com inquietação, mas agora entendendo um pouco das linhas que dão condições de possibilidades para tantos apelos.

Este trabalho teve o propósito de desenvolver uma pesquisa-experiência, pelo método cartográfico, buscando uma experiência da infância na contemporaneidade, mas em determinados momentos, a própria pesquisa foi capturada pela mesma lógica problematizada, ou seja, a necessidade de enquadrar a experiência na lógica do tempo *chrónos* pela necessidade de cumprir prazos, qualificar e defender a dissertação, trazer alguma contribuição social com a pesquisa, enfim, também esta pesquisa é capturada pela quantificação da experiência proposta pela modernidade e, em determinados momentos, foi necessário objetivar e traduzir a experiência em palavras.

A invenção da infância apresentada a partir de Ariès (1981), bem como as condições de existência da criança antes do século XVIII, apenas como um adulto de baixa estatura, pois se vestia, habitava a sociedade e era tratada como um adulto, se atualiza no presente com o mini-adulto de sucesso, que é esta criança com agenda lotada de compromissos que “garantem” o futuro e que precisa ter muitas habilidades como o adulto, de modo que a criança constitui um mini-adulto, como nos séculos passados, mas por meio de outras práticas que se tornam possíveis nesta sociedade de controle.

A infância que se apresenta, a partir do percurso desta pesquisa, habita o futuro, existe como forma de preparar a vida adulta, não tem a possibilidade de viver o presente sem um objetivo final. O “agora” da infância produzida na modernidade não existe, não tem a possibilidade da distração. Todas as atividades precisam ser pedagógicas, tem que levar a um resultado quantificável em termos de produção de capital.

Hoje, para entender a adequação do sujeito, é preciso entender o quanto ele investe em si mesmo. A questão da anormalidade não opera mais apenas num âmbito da inadequação social no sentido de não se adequar às normas sociais de comportamento como uma regra que se estabelece, tampouco a anormalidade está relacionada apenas a patologia, mas tem um elemento fundamental para a normalidade que é o modo como o sujeito investe em si para a excelência. Assim, emerge a figura do anormal do século XXI como aquele sujeito que não conduz a vida para o sucesso.

Não tive o intuito de esgotar as possibilidades sobre a infância, nem contar a história da infância ou afirmar verdades, o que é certo ou errado nos cuidados com a criança. O interesse da pesquisa foi apresentar algumas linhas cartográficas que constituem a infância de sucesso a partir dos conceitos de foco de experiência (FOUCAULT, 2010b), normalidade (FOUCAULT, 2010a), da teoria do capital humano (FOUCAULT, 2008a), que produz o

sujeito a partir do seu potencial de renda e privilegia a figura do *homo oeconomicus* como o sujeito empreendedor de si que habita esta sociedade de controle (DELEUZE, 1992); além das teorias desenvolvimentistas e de personalidade que compõe práticas de investimento na infância.

A produção de subjetividade da infância se dá por meio de práticas, tais como estudar numa escola classe “A”, descobrir a vocação da criança pra investir nesta vocação, escolher pelo futuro falando inglês, fazer com que o filho possa ser mais do que ótimo na escola... Todas estas práticas, que se apresentam de formas inéditas, produzem formas de subjetivação. Deste modo, o que produzimos em termos de teorias psicológicas são estratégias de governamentalidade, pois conduz a conduta dos sujeitos. Esses regimes de verdade produzem normas, que a partir do conceito de foco de experiência, se articula com os regimes de veridicção produzindo normativas de comportamento. Isso se dá tanto na academia quanto no senso comum, as pessoas se constituem a partir da existência deste jogo. Assim, tratar as teorias como regimes de verdade, como um conjunto de práticas que produzem aquilo que elas falam, são formas de dar vida para o desenvolvimento psicológico e justificam a necessidade de investir na infância, como problematizei nesta pesquisa, ou seja, trata-se de um exercício ético-político de reflexão permanente sobre aquilo que produzimos e aquilo que nos assujeita.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Tradução Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARROS, Laura Pozzana; KATRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

BASSOLS, Ana Margareth Siqueira; DIEDER, Ana Lúcia; VALENTI, Michele Dorneles. A criança Pré-escolar. In: ELZIRIK, Cláudio L.; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BÍBLIA SAGRADA, 81^a Ed. Tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica). Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1992.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da personalidade.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vol. 1). Rio de Janeiro, 1995.

DÍAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EDUCAÇÃO. Campo Grande, MS: Jornal da Escola Paulo Freire, 2013.

EIZIRIK; KAPCZINSKI; BASSOLS, 2001. Noções básicas sobre o funcionamento psíquico. In: ELZIRIK, Cláudio L.; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FALCETO, Olga Garcia; WALDEMAR, José Ovídio Copstein. O ciclo vital da família. In: ELZIRIK, Cláudio L.; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France** (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Filosofia e Psicologia. In: _____. **Ditos & Escritos I: Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France** (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população:curso dado no Collège de France** (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France** (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France** (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 25.ed., 2012.

FREUD, Sigmund. (1923). O ego e o id. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19.

HALL, Calvin S.;LINDZEY, Gardner. **Teorias da personalidade**. Vol.1. 18.ed. São Paulo: EPU, 1984.

HILLESHEIM, Betina. **Entre a literatura e o infantil: uma infância**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008.

HILLESHEIM, Betina; CRUZ, Lílian Rodrigues. Risco, vulnerabilidade e infância: algumas aproximações. In: CRUZ, Lilian Rodrigues; GUARESCHI, Neuza (Orgs.). **Políticas públicas e assistência social: diálogo com as práticas psicológicas**.2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

IBARRA, David. O neoliberalismo na America Latina. **Revista de Economia Política**. vol. 31, n.2 (122), abr-jun, 2011.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIEVEGOED, BernardusCorneliusJohannes, **Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência**. São Paulo: Antroposófica, 1994.

MARX, Karl. **O Capital**. Edição Resumida por Julian Borchardt. 7.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAPALIA; Diane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Tradução Daniel Bueno. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PETERS, M. Estruturalismo, Pós-Estruturalismo e Pós-Modernismo. In: PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicologia e Sociedade**. 19 (3): 14-39, 2007.

PRADO FILHO, Kleber. Considerações acerca do cuidado de si mesmo contemporâneo. In: TEDESCO, Silvia; NASCIMENTO, Maria Livia (Orgs.). **Ética e subjetividade: novos impasses**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REDAÇÃO CARTA CAPITAL. Prefeitura do Rio retrata escola como linha de produção. Publicada em 08 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/prefeitura-do-rio-retrata-escola-como-linha-de-producao-7482.html>. Acesso em: 08 de janeiro de 2015.

SLAVUTZKY, Abrão. **Psicanálise e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1983.

STENGERS, Isabelle. **A Invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, pp. 73-132, 2002.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco – Risco-aventura como metáfora da modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 17, n. 6, Nov-dez. 2001.

SPINK, Peter. Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

TAVARES, GileadMarchezi. Carta à infância. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, GileadMarchezi; MORAES, Marcia. (Orgs.) **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: Edufes, 2014.

TEDESCO, Silvia. Mapeando o domínio de estudos da psicologia da linguagem: por uma abordagem pragmática das palavras. In: KASTRUP, Virgínia. **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo.** 6.ed.Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ZAMBENEDETTI, G; SILVA, R.A.N. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia e Sociedade;** 23 (3): 454-463, 2011.

ZIMERMAN, David E.**Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.** Porto Alegre: Artmed, 1999.